CARTAS INÉDITAS

de oitenta e cinco escritores portugueses da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século actual

PREFACIADAS E ANOTADAS
POR
CANDIDO DE FIGUEIREDO

H. ANTUNES & C.ª — EDITORES
RUA BUENOS AIRES, 135
RIO DE JANEIRO

CARTAS
INÉDITAS

CARTAS INÉDITAS

CARTAS INÉDITAS

de oitenta e cinco escritores portugueses da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel
= = do século actual = =

PREFACIADAS E ANOTADAS

POR

CANDIDO DE FIGUEIREDO

H. ANTUNES & C.ᴬ
LIVRARIA EDITORA
RUA BUENOS AIRES, 135
RIO DE JANEIRO

À MEMÓRIA ABENÇOADA

DE

ALEXANDRE HERCULANO

ANTERO DE QUENTAL

CAMILO CASTELO-BRANCO

CASTILHO

E

LATINO COELHO

CINCO DAS FIGURAS PRIMACIAIS QUE
NOBILITAM A PRESENTE COLECÇÃO

GRATIDÃO
E RESPEITOSA HOMENAGEM

DE

C. DE F.

PREFAÇÃO

Tentou-me sempre, desde verdes anos, o prazer inocente de coleccionar autógrafos de personalidades notáveis, nacionais e estrangeiras, — chefes de Estado, Ministros, diplomatas, artistas, escritores...

E assim é que, à hora presente, guardo nas minhas gavetas nada menos de sete volumes de autógrafos, em que se podem vêr as assinaturas de ilustres estrangeiros, como Meyerbeer, Herschel, G. Cavaignac, Lamennais, Raspail, Bismark, etc., e de ilustres portugueses, como Passos Manuel, Machado de Castro, Pina Manique, Marquesa de Alorna, Gomes Freire, Duque da Terceira, Conde da Ega, Conde de Basto, Duque de Palmela, Marquês de Pombal, etc., etc.

Mas o que mais avulta nessa colecção, cujo valor, estimativo pelo menos, é incontestável, são as cartas que, no cultivo das minhas relações literárias, tenho recebido, durante mais de meio século, de notáveis escritores estrangeiros, como Michelet, Edgard Quinet, Victor Hugo, Vegezzi Ruscalla, Conde de Gubernatis, Marco-Antonio Canini, Göran Bjorkman, Dr. Hugo Schuchardt, Wilhelm Storck, Mantegazza, Manuel Payno, Riva Palacio, Meyer-Lübke, Ernesto Daudet, Garcin de Tassy, etc., etc., e dos mais considerados escritores portugueses, desde os que floresciam há cincoenta anos, como Herculano e Castilho, até os que hoje praticam exemplarmente a língua de que nos envaidamos. Ê fácil compreender que nessas cartas, sobretudo nas portuguesas, há preciosidades e revelações, que, pelo seu valor literário e pelo seu significado psicológico, eu talvez não tenha o direito de furtar ao conhecimento dos que se interessam pelos documentos da literatura nacional.

Dei-me pois ao cuidado de fazer selecção das cartas manuscritas que possuo, pondo de lado centenares delas, não só porque o assunto

das separadas a poucos mais interessaria que ao destinatário, senão também porque a publicação íntegra seria empreendimento pouco menos que inexequível, por falta de editores e, provàvelmente, de público ledor.

De maneira que continuarei a guardar no meu arquivo inúmeras cartas, não sòmente dos profetas menores da nossa literatura, mas também dos maiores, como Castilho, Camilo e outros.

Não obstante, abrange a presente selecção oitenta e cinco escritores de verdade, embora a existência de alguns possa sêr novidade para certos leitores que, desconhecendo a nossa história literária, só têm notícia dos escritores, de que vejam ementa em periódicos de agora. Ainda por êste lado, a publicação dos aludidos inéditos pode representar algum serviço público, porque rememora, a par de nomes geralmente conhecidos e aclamados, alguns, de que nem toda a gente se lembrará hoje, embora ligados brilhantemente à história das letras portuguesas. Julguei por isso oportuna uma sucinta nota bio-bibliográfica, aposta aos nomes que suponho menos conhecidos actualmente da generalidade do nosso público; e, como a ingênuos poderia parecer que alguns nomes mais notórios e célebres, desacompanhados de nota idêntica, menos consideração mereciam do anotador, a todos apus a aludida nota, com que, pelo menos, nada perdem os que mais conhecidos são.

Confesso que hesitei detidamente sôbre a publicação dêstes documentos, porque, sendo alguns dêles altamente honrosos para o destinatário, poderiam atestar vaidades que não conheço. Mondar porém neles os cumprimentos da pragmática e amabilidades, muita vez exa-

geradas, seria mutilar coisas perfeitas e contrariar, sem dúvida, a intenção dos signatários. Além de que, na minha idade, não sei de aplausos que me possam despertar vaidades, devendo até julgar-se demonstrado que quem conserva desconhecidos do público, durante dezenas de anos, os documentos mais honrosos para a sua pessôa e para as suas obras não tem a preocupação de exibições vaidosas, e ao leitor ficará o pleno direito de abstrair de cumprimentos e louvores, atentando apenas nos conceitos críticos, nas modalidades psicológicas, nos esclarecimentos bio-bibliográficos e na beleza e correcção de forma literária. Sob êste ponto de vista, muito poderá o leitor observar: além do estilo e primores de linguagem nas cartas, ora publicadas, de Castilho, Herculano, Camilo, Bulhão Pato, Latino Coelho, João de Deus e tantos outros, poderão nesses documentos notar-se os receios de Herculano sôbre a orientação imprudente das paixões populares; as opiniões de Antero de Quental à cêrca do drama histórico; as preferências do Conselheiro Viale sôbre as literaturas antigas; o amor de António Cândido à coërência política; o interesse de Aires de Gouveia em que os seus livros fôssem conhecidos no Brasil; o empenho que Braamcamp Freire fazia nas reforma dos letreiros das ruas; o elogio de João Penha feito por Camilo, e as saudades que o grande romancista tinha de Coimbra e da tasqueira Maria Camêla; o arroteamento intelectual da plebe, considerado por Castilho a única política verdadeira; o parecer de Casal Ribeiro sôbre as infalibilidades no campo scientífico; as observações de D. António da Costa, sôbre o casamento entre os Romanos; a nobilissima apreciação de um adversário, feita por Teixeira de Vasconcelos; a mágoa de Fernandes Costa, pelo silêncio dos jornalistas a res-

peito de uma das suas obras mais importantes; a incompatibilidade pessoal de Teófilo Braga com alguns dos seus confrades em letras; as considerações de Gomes de Amorim sôbre a mais suculenta literatura, a dos compêndios; a humanidade sofredora, comparada a Job por Gomes Leal; os ensinamentos filológicos de Gonçalves Viana e Gonçalves Guimarães; o republicanismo do Padre José Agostinho de Macedo, sustentado por Inocêncio; o protesto de João de Deus contra a sua colecta de escritor público; a extraordinária modéstia de Latino Coelho, que, sendo já Secretário Perpétuo da Academia das Sciências e autor de obras memoráveis, ainda julgava que não tinha títulos para pertencer a uma corporação literária; a autobiografia de Mendes Leal, de João de Lemos, de João de Deus, de Antero, de Gonçalves Crespo, de Monsaraz, etc. É para êstes e outros pontos, cèrtamente interessantes, que eu chamo a atenção do meu leitor pio, desviando-lha, se tanto posso, das passagens que eu não devo expungir, e em que os signatários exageram afectuòsamente os meus supostos méritos. Quando muito, por êste lado, a correspondência publicada poderá interessar a meus filhos pela razão inversa de brocardo:—"Quem meus filhos beija, minha bôca adoça."

Ocioso será ponderar que as cartas, adeante publicadas, pertencem todas a escritores já falecidos, embora eu guarde no meu arquivo numerosas cartas de laureados escritores que felizmente ainda vivem, como Júlio Dantas, Lopes de Mendonça, Júlio de Vilhena, Cristóvão Aires, Correia de Oliveira, Antero de Figueiredo e muitos outros. É que, por cada um dêstes e de outros nomes, haveria dezenas, não pertencentes a escritores pròpriamente ditos, mas a indivíduos que *escrevem* coisas, e que ingênuamente se afrontariam, por os não associarem a companhias ilustres.

Outra explicação e última. É possível que alguém estranhe o aparecerem, entre *cartas de escritores portugueses,* cartas de escritores que eram do Brasil: o erudito crítico Sílvio Romero, o admirável poéta Olavo Bilac, o notável humanista e etnógrafo José Verissimo e o poéta diplomata Luís Guimarães, pai de outro poéta e diplomata, que tem o mesmo nome, e que, sendo hoje meu colega na Academia Brasileira, me deu, há não sei quantos anos, o prazer de o contar entre os meus discípulos escolares.

Ora a verdade é que a *escrita portuguesa* não é unicamente a de escritores portugueses, mas também a dos brasileiros que sabem escrever *português.* Posso até considerar escritores *portugueses* a Gonçalves Dias, a Machado de Assis, a Rui Barbosa. Nasceu no Brasil o dicionarista Morais, e todos lhe chamámos sempre *escritor português.*

Cidadãos do Brasil ou, ainda, escritores brasileiros, Silvio Romero, José Verissimo, Luís Guimarães e Olavo Bilac foram para mim, a par disso, *escritores portugueses.*

Creio pois que a inclusão de cartas suas na presente colecção corresponde a um direito do coleccionador e, por sem dúvida, ao aprêço em que sempre tive os homens de letras do Brasil.

Lisboa, 1-VII-924.

C. DE F.

CARTAS

De Abel Botelho

Coronel. Ministro de Portugal na República Argentina.
Dramaturgo, autor de Germana.
Romancista, autor do Livro de Alda,
Barão de Lavos, *etc.*

Meu caro amigo

Vá lá uma consulta a Caturra Junior.

É capaz de me arranjar um adjectivo, eufónico e elegante, que traduza a ideia de coisa *insujável, insusceptível de mácula?* Tenho andado pelo francês, pelo grego, pelo latim, e não arranjo nada de jeito.

Pode o amigo dar-me neste sentido uma indicação que sirva? Espero no *Reporter* a amabilidade de uma resposta.

Seu amigo obg.º

Abel Botelho

Setembro, 25, 96

De Adolfo Coelho

Professor da Universidade de Lisboa.
Etnólogo e glotólogo, autor de Os Ciganos, Noções de Glotologia, *etc.*

Meu amigo e colega.

Apesar de não lhe ter prometido artigo logo para o 1.º n.º da sua Revista (1), esforcei-me por adiantar um trabalho assaz extenso, que tenho entre mãos, sôbre as superstições portuguesas, a fim de lhe mandar o 1.º capítulo; mas vejo que preciso digerir mais tempo a matéria; e, para não sêr um prometedor que não cumpre, tirei das minhas notas de literatura comparada os dados para o artigo que lhe mando hoje, *Belfegor*. O que lhe peço é que o publique todo de uma vez num só número. Estas coisas em pequenas dóses perdem o interesse. Espero que o artigo não desdiga das tendências da Revista, e, logo que conhecer melhor as dimensões e tendências desta, prepararei outros escritos.

Rogo-lhe que me envie alguns exemplares da folha em que sair o artigo, e não posso dispensar a revisão de uma prova.

Disponha dêste seu amigo

F. A. Coelho.

Pôrto, 2 de Dez. 1874. Foz do Doiro, R. da Quinta, 13.

---

(1) *Cenáculo*, Revista literária, que eu publiquei e dirigi, em 1875.

C. de F.

Meu amigo.

Só na segunda-feira, pelas três horas da tarde, voltando de Lisboa, aonde fui tratar de negócios escolares, é que em casa me mostraram o *Diario de Noticias* com a dolorosa nova do falecimento do nosso amigo Gonçalves Viana. Era tarde para ir prestar a última homenagem, a que parece não concorreu nenhum membro da Comissão de Reforma ortográfica. Eu sabia, de vez em quando por um funcionário da Alfândega, que havia muitos dias não encontrava no combóio, (êsse funcionário habita na Parede), que G. Viana ia peorando sempre, estando até já abaladas as suas faculdades intelectuais. Eu, do meu lado, tenho padecido e padeço bastante há mais de um ano, achando-se a minha vista muito enfraquecida, de modo que até com dificuldade leio o que escrevo. A minha doença, que com dificuldade me permitiu no ano findo fazer o meu serviço na Faculdade de Letras, e a doença infelizmente muito mais grave do nosso relator, não permitiram realizar a parte do programa, relativa á doação de Barès (1), respectiva à *Gramática* e *Cartilha Ortográfica,* para que está em depósito, feito pelo antigo Director Geral de Instrucção Secundária, Superior e Especial, Queirós Veloso. Devemos, em memória do reformador da ortografia portuguesa, e em respeito pelo generoso doador, levar a efeito o projectado concurso, cujos termos eu conservo em papel redigido por Gonçalves Viana, que consegui achar na minha papelada, que a doença fez chegar a estado bastante caótico, e apesar da qual procurei diversas vezes na Alfândega o nosso venerável relator, recebendo sempre a resposta de que não tinha ido por doença.

Creia-me seu am.º obgd.º

F. Adolfo Coelho.

Carcavelos, 15 de Setembro de 1914.

---

(1) O escritor francês João Barès, propugnador indefesso da simplificação ortográfica, enviara-me, para auxiliar a difusão da ortografia oficial portuguesa, a quantia de vinte mil francos, que eu transmiti ao Govêrno e com que se subsidiaram dois vocabulários, achando-se em depósito a quantia restante.—*C. de F.*

De Alexandre Herculano

Inútil qualquer indicação bio-bibliográfica desta gloriosa personalidade. Fala por mim e por todos nós a sua **História de Portugal**, *o* **Eurico**, *o* **Monge de Cistér**, *o* **Bobo**, *a* **Abóbada**, *etc.*

Il.^mo^ Snr.

Teve V. S.ª a bondade de me remeter o seu *Poema da Miséria,* que eu desejaria agradecer logo, o que não pude fazer por sobradas ocupações. Apenas tenho alcançado dedicar-lhe uma leitura incompleta e interrompida.

Reduzido hoje á condição quási de profano em matérias literárias, não será da minha parte suficientemente modesto dar a V. S.ª opinião sôbre o seu livro, e ainda menos quando ainda nem sequér o li todo.

O que é patente aos olhos mediocremente perspicazes é a unidade do pensamento que dá nexo a essas diversas poesias. É um pensamento generoso e justo, que predomina em muitos escritos da nova geração, mas cujas manifestações são frequentes vezes exageradas e por consequência menos justas. Quando interesses, até certo ponto opostos, traduzem as naturais repugnâncias em convícios acerbos e em factos de bruta ira, parece-me que a poesia e a sciência deviam servir de instrumento de conciliação e de paz e não avivar chagas que manam sangue e excitar paixões já de sobejo ardentes.

Os homens da geração que trouxe a esta terra a liberdade e mais alguma justiça dormem pela máxima parte nos braços da morte. Os poucos que restam não tardarão a imitá-los. Aconselhando os inexperientes, não defendem os seus interesses, defendem os dêstes. Dá-lhes direito a fazê-lo a dolorosa experiência das convulsões sociais, experiência bem provada de amar-

guras e, o que é piór, de desenganos. De todos os progressos que à liberdade tem feito desenvolver, nenhum talvez maiór do que a desenvolução de talentos acima do vulgar. São disso bom documento a nossa época e a nossa terra. Pela fôrça das coisas, nas mãos da mocidade inteligente, dos espíritos superiores que surgem, estará dentro de duas ou três décadas o regime do país. Quisera eu por isso que êles tivessem sempre presente uma verdade, que por sêr antiga e trivial não deixa de sêr verdade: quem semeia as ventanias recolhe as tempestades.

Desculpe V. S.ª estas sinceridades de um velho que, se ainda prestasse para alguma coisa, se ofereceria gostoso ao seu serviço.

A. Herculano.

Val-de-Lobos, 20 Maio, 74.

De Amélia Janny

Poetisa conimbricense, muito apreciada pelos seus contemporaneos, nomeadamente por Castilho e João de Deus.
Numa poesia que dedicou á poetisa, dizia João de Deus:
«Ó Janny! teus ais me exaltam,
Partem da alma e na alma ecôam.»

Ex.mo Sr.

Agradecendo, primeiro que tudo, a sua atenção e delicadeza, permita-me que, acreditando que há maiór número de boas que de más línguas, conserve o verso, que me aponta, como o escrevi, por isso que a significação natural da palavra é a que lhe dei. Aos que a inverterem... deixo-lhes o gôsto de se divertirem com isso.

Dê-me ocasião de mostrar a gratidão e estima, com que se assina

De V. Ex.a
veneradora atenciosa

Amélia Janny.

C. de V. Ex.a, 13-X-69.

De Antero de Quental

Ex.mo Sr. Candido de Figueiredo.

Envio a V. Ex.ª as informações que me pede (1).

Nasci em 1842, na ilha de San-Miguel. A minha família, que é ali antiga, tem os apelidos de Ponte, Quental, Câmara, e Sousa. Dela saiu, no século XVII, o Padre Bartolomeu de Quental, varão douto e de grandes virtudes, fundador, em Portugal, da Congregação do Oratório, e cujos sermões ainda hoje podem sêr lidos com alguma utilidade. Meu avô, André da Ponte de Quental, foi da roda de Bocage e, segundo o testemunho dêste, poéta nada vulgar; infelizmente, nada resta das suas composições, porque as não escrevia. A sua reputação morreu com êle.

Eu freqüentei a Universidade, fazendo formatura em Direito, no ano de 1864. É o único diploma que tenho: não pertenço a Sociedade, Academia ou Instituto algum.

Publiquei várias composições em prosa e verso, (mas todas muito imperfeitas, como de rapaz de 17 e 18 anos), nas fôlhas *Prelúdios Literários, Académico,* e outras semelhantes, e alguma coisa melhor no *Instituto* dos anos de 64 e 65. Em volume, imprimi: em 63, uma colecção de sonetos, tirada em pequeno número de exemplares e distribuída pelos amigos; em 64, um poêma lírico, intitulado *Beatrice;* em 65 a *Defesa da Carta Encíclica de S. S. Pio IX,* e as *Odes Modernas.* No fim dêsse ano, surgiu a chamada *Questão Literária,* e publiquei por essa ocasião *Bom senso e bom gôsto, carta ao Ex.mo Sr. A. F. de Castilho,* que teve várias edições em Coimbra e Lisboa, e *A Dignidade das Letras e as Literaturas oficiais,* em Lisboa. Em 1868, saiu o folheto *Portugal perante a Revolução de Espanha,* onde defendi o iberismo, com forma de república federal.

---

(1) Para a parte bio-bibliográfica do meu livro *Homens e Letras.*

C. de F.

Inaugurei em Maio de 1871 as Conferências Democráticas, publicando uma delas em volume, com o título de *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares;* e, por ocasião de serem proíbidas as ditas Conferências, publiquei *Carta ao Ex.mo Sr. Marquês de Ávila e Bolama,* que teve duas edições.

Durante os anos de 70, 71 e 72, fiz parte das Redacções de dois periódicos, a *República* e o *Pensamento Social,* em companhia de Oliveira Martins no *Pensamento Social,* e em companhia de Oliveira Martins, Batalha Reis, Eça de Queirós e António Enes, na *República.*

Publiquei mais, em 72, *Considerações sôbre a Filosofia da História Literária Portuguesa* e *Primaveras Românticas,* ambas edições do Pôrto.

Durante êsses anos, publiquei ainda ocasionalmente artigos sôbre assuntos sociais ou literários, no *Jornal-do-Comércio* e *Diário Popular,* de Lisboa, e *Primeiro de Janeiro,* do Pôrto.

Em 1875, dirigi com Batalha Reis a *Revista Ocidental,* onde, por me achar já doente, só redigi algumas notícias bibliográficas. Nesse ano, saiu também a 2.ª edição das *Odes Modernas,* edição definitiva, contendo muitas composições novas.

De então para cá, por continuar sempre doente, pouquíssimo tenho publicado: uma biografia de Michelet nos *Dois Mundos,* (que se publicou em Paris), e ultimamente uma pequena colecção de sonetos.

A doença impede-me de dar seguimento a trabalhos mais vastos e completos, que havia projectado, e provàvelmente morrerei sem têr podido dizer *mon dernier mot.* Mas quem se gaba de o têr dito? pouquíssimos. O incompleto e o imperfeito são sorte comum. Vale mais não dar importância a estas (no fundo e filosòficamente) ninharias e saber morrer *na paz do Senhor.*

Sou, com muita consideração,

De V. S.ª
cr.º mt.º obgd.º
Antero de Quental.

C. de V. Ex.ª, Rua da Fé, n.º 12. — 3 de Maio de 1881.

Ex.mo Sr. Candido de Figueiredo.

Acabo de lêr com todo o interesse o seu formoso poema (1), e com toda a atenção o conceituoso prólogo que o precede. A sua maneira de vêr a Arte é elevada e pura, cheia de medida e, por assim dizer, clássica no romantismo. Mas não lhe parece que o poêma histórico, tratado da maneira abstracta que ali indica, interpretando num sentido moderno os caracteres e as paixões, perde muito da sua realidade e, por conseguinte, do seu interesse, e fica sendo, em vez de um indivíduo localizado e com suas feições próprias, uma generalidade filosófica e uma entidade abstracta? É assim o teatro de Schiller, e o *Tasso* revela-me que o seu autor, pelos sentimentos e pelo *tom* da imaginação, pertence á escola daquele nobre espírito! Mas não será aquela constante substituição de caracteres abstractos e ideais aos caracteres reais e históricos um dos maiores defeitos do teatro de Schiller, monumento, a que se não póde negar elevação, pureza e nobreza, mas a que tanto falta o colorido, o acento e a realidade? Os personagens de Schiller não pertencem a uma época ou a uma civilização determinada. Acha isto uma vantagem? Cousin e os espiritualistas franceses dizem que sim, porque êsses personagens sem pátria nem idade certa, dizem êles, representam, não o que há de acidental e fortuito no homem, mas o que há de essencial e de eterno. Mas êsse homem assim não existe, nem pode existir, é uma abstracção. O verdadeiro homem é isso certamente, mas além disso é ainda a forma particular que essas disposições universais tomam em face de tal ou tal civilização e debaixo da influência de tais ou tais crenças, instituições e ainda climas; não me parece que haja verdadeira e radical oposição entre o mundo real e o ideal, porque

(1) *Tasso*, poema dramático em sete cantos, publicado em 1870.
C. de F.

o real, se é o limite, é também o meio, o instrumento e a forma do ideal. Os personagens de Gœthe ou de Balzac, com terem tão acentuada a feição dos séculos e civilizações a que pertencem, são por isso menos ideais? Não posso crê-lo. A aspiração moral do homem, por têr esta ou aquela forma determinada, nem por isso deixa de sêr aspiração, de subir, de se expandir, assim como é escusado aos rios seguirem uma linha recta para correrem; através dos mais caprichosos meandros seguem o seu curso, tanto mais belo, quanto é mais variado, e mostrando em mil aspectos muito mais visivelmente a natureza da fôrça que os impele, do que se seguissem uma direcção uniforme, inalterável.

Meu caro Sr. Figueiredo, peço-lhe que não tome isto que aí fica como conselho ou censura: não tenho nem autoridade nem sciência para falar nesse tom a um escritor com o seu talento, a sua experiência e os seus conhecimentos. Isto é simplesmente uma opinião, que não quér têr nem tem senão o caracter de *cavaco,* (como cuido se diz ainda em Coimbra), isto é, uma coisa, cujo maiór merecimento é a sinceridade e a despretenção.

Uma opinião que prova, contra uma obra de merecimento? As opiniões passam, as obras ficam. A sua há de ficar, porque tem, independentemente das intenções estéticas do autor, mais ou menos discutíveis, uma coisa que ninguém discutirá, creio eu: talento, conhecimento da arte, altos conceitos, e versos (como diz Baudelaire), impecáveis. Com isto, vai-se a toda a parte, e se não se vai á posteridade, é só porque não há posteridade para os escritores de uma nação que tem de morrer amanhan.

Receba, meu caro poéta, os meus emboras, e creia-me seu

sincero admirador

Antero de Quental.

Lisboa, Rua de S. Pedro de Alcântara, 111, 1.º de Maio, 1870.

Ex.^mo Snr. e colega.

Recebi e com todo o interesse li o opúsculo sôbre *Escolas Rurais,* que V. Ex.ª teve a bondade de me oferecer. Ninguém pode ainda dizer quais serão os destinos dêste novo mundo democrático, que mal começa agora a sair da sua nebulose. Pode sêr que a instrução e a sciência não bastem, só por si, a dar-lhe fórma e estabilidade, se fôrças de outra natureza, que nem ainda se pressentem, não intervierem para êsse resultado; mas o que podemos desde já afirmar é que sem instrução e sciência a acção dessas fôrças, quaisquér que elas sejam, nunca será poderosa e eficaz. É quanto basta para que êste humilde assunto de instrução popular sobreleve em importância real, aos olhos dos pensadores, á maiór parte das questões brilhantes, mas geralmente estéreis, em que se entretém um momento a distraída atenção dos homens de hoje.

No escrito de V. Ex.ª encontro vários alvitres, que me parecem excelentes. Serão êles exequíveis nesta nossa terra, com o povo e os governos que lhe conhecemos? Tenho, infelizmente, motivos, para duvidar muito. Como quer que seja, o que é certo é que quem trabalha por esta causa trabalha por uma coisa eminentemente séria, e V. Ex.ª, escrevendo o seu opúsculo, deu mais uma prova de que o seu espírito está virado para o lado grave das questões modernas. Receba os meus parabens e juntamente os agradecimentos do seu

colega e servo obg.^mo

Antero de Quental.

Ex.^{mo} Sr. Figueiredo.

Agradeço extremamente a V. Ex.ª a fineza da sua visita, e não menos o para mim por muitos motivos apreciável convite para colaborar na revista literária que se propõe publicar (1).

Estou actualmente doente, com enfermidade grave bastante para não me permitir trabalho algum, ainda ligeiro. Não posso, por isso, oferecer-lhe, desde já, senão uma adesão platónica, de que V. Ex.ª fará o uso que entender, e que eu tratarei, assim que mo permitam os meus achaques, de transformar em adesão efectiva, como me cumpre.

Aceite, com os meus muito cordeais agradecimentos, o testemunho da máxima consideração, com que sou

De V. Ex.ª
cr.º e admirador

Antero de Quental.

Lisboa, 27 de Outubro de 1874.

---

(1) **E que se publicou. Foi o *Cenáculo*.**

C. de F.

De António Cândido

Deputado. Ministro. Par do Reino. Procurador Geral da Coroa. Grande orador. Deixou várias obras, — Filosofia Politica, Discursos, *etc.*

Meu distintissimo amigo.

Reli ontem no *Correio Português* o seu artigo sôbre o Gomes Leal. Refere-se a mim, em termos extremamente lisonjeiros, com os quais V. me provou a consideração em que me tem; mas atribue-me ideias políticas que nunca tive e que nunca exprimi daquele modo.

A minha posição política, que tenho procurado limar de contradições, sofre um pouco com isso.

O meu Candido de Figueiredo poderá encontrar um meio de salvar a minha coerência, perante os que não distinguem facilmente um trecho de literatura de um documento de historia. (1)

Seria grande favor.

Agradecendo-lhe, com todo o meu coração, os sentimentos afectuosos que me tem significado e provado sempre, asseguro-lhe que sou

seu admirador e dedicado amigo

António Cândido

S. C., 16-VI-87.

---

(1) Fez-se a indicada rectificação, que foi efusivamente agradecida por António Cândido.

C. de F.

Meu querido amigo.

Venho agradecer-lhe, com um bom apêrto de mão, o seu formosíssimo livro. (1)

O Cândido de Figueiredo é um dos novos poetas portugueses que, pela pureza da forma, pela elevação e harmonia dos assuntos que elege, me satisfazem completamente.

A sua arte é realmente bela.

Sei de cór os seus versos, e pouco mais sei. Desde os nossos tempos de Coimbra conservo o seu primeiro livro (creio que foi o primeiro), que por sinal me deu na Rua da Matemática. Lembra-se?

A vida separou-nos; mas a minha admiração e a minha estima estiveram sempre com V.

Muito obrigado por tudo: pelo livro que me ofereceu e pela poesia que me dedicou.

Creia-me, com os meus melhores sentimentos,

seu adm.dor e am.o gratíssimo

António Cândido

22-6-908.

---

(1) *Peregrinações*, colectânea de versos, publicada em 1908.

C. de F.

De António José Viale

Helenista, latinista, professor de D. Pedro V, membro da Academia Real das Sciências, autor da Selecta Camoneana, *do* Bosquejo Métrico da História de Portugal, *etc.*

Il.^{mo} Sr.

Estou em divida para com V. S.ª Ha uns quinze dias, recebi pelo correio, com oferecimento mui gracioso, um exemplar do folheto intitulado *Morte de Yaginadatta,* tradução em verso de um interessante episódio do *Ramáyana.* Não sou indianista, e portanto só pelas versões de Gorresio e de Fauche tenho algum conhecimento (na verdade imperfeitissimo) da imensa epopeia de Valmiki. Pelo pouco que dela tenho lido, e ainda mais pelo juizo que dela fazem os eruditos orientalistas, principalmente Eichhoff, estou persuadido de que muito oiro se pode extrair de uma tal veia, ainda que pouco acessível á maior parte dos literatos. Vejo que V. S.ª assim o entende, e procura atrair para tais estudos os cultores das boas letras, dando-lhes louvável exemplo.

Quanto ao desempenho da tarefa que V. S.ª se impôs, parece-me ter-se havido como se devia esperar do seu talento, de que já tem dado brilhantes provas. Na realidade, é dificil, se não absolutamente impossivel, verter em verso uma obra poética, de maneira que satisfaça cabalmente o apetite dos leitores fastientos e severos. Assim o experimento com as minhas tentativas homéricas e dantescas. Continue porém V. S.ª as suas: eu lhe pressagío os mais felizes resultados. Todavia permita-me que tambem aqui lhe exprima um voto, que me é inspirado por um espirito de parcialidade, de que aliás não me envergonho, antes me ufano: Nenhuma literatura antiga possa fazer-lhe esquecer ou preterir as duas literaturas clássicas por ex-

celência, a grega e a latina. Relativamente ao próprio excerpto, por V. S.ª primorosamente nacionalizado entre nós, aí está no VII livro das *Metamorfoses* de Ovídio a narração do trágico fim de Proéris, tão semelhante á do asceta indiano e, segundo o meu gôsto, ainda mais bela e mais patética. Mas eu devia-lhe um agradecimento, e ia-me deslizando em um conselho. Sirva-se V. S.ª aceitar com benignidade os meus agradecimentos, e dê ao conselho a importancia que lhe merecer a autoridade do velho fossilista, que tem a honra de se subscrever com a maior consideração

de V. S.ª
ven.^or e cr.º obed.^e e obgd.º

António José Viale

Lisboa, 10 de Dezembro de 1873

Do Arceb. de Calcedónia

Dr. António Aires de Gouveia, Lente de Direito na Universidade de Coimbra, Bispo de Bethsaida, Deputado, Presidente da Câmara dos Deputados, Par do Reino, Ministro da Justiça, etc.
Deixou várias obras: Discursos; Carmes *de Tibulo, Catulo e Propércio, traduzidos em versos portugueses;*
Apontamentos sôbre os Lusiadas, *extenso e valioso estudo crítico; etc.*

Ex.mo amigo e Sr.

Recebo a de V. Ex.a, que agradeço, e o trabalho e recomendação do requerimento entregue.

Quanto ao que me diz da feitura do dicionário de que o encarregaram, espero e confio que sairá obra de valor. É certo que possuo alguns milhares de vocábulos, recolhidos da leitura e da tradição oral; mas não têm por ora forma digna de aparecer. É tarefa para quando eu não tivér outra, mais instante e oficial. Na minha volta á capital, nos primeiros dias de Fevereiro, poderemos falar de espaço no assunto, se aí nos avistarmos.

Goze-se das maiores venturas e receba os auspícios de um novo ano muito feliz.

De V. Ex.a
mt.o at.o am.o e colega

A. Aires de Gouveia.

Pôrto, 30 Dez., 93.

Ex.^{mo} colega e S.^{or}

A carta de V. Ex.^{a} parece mais convite a decifrar um enigma, do que outra coisa. Li o *Virgínidos* há uns bons 40 anos. Que posso eu agora lembrar-me de apontamentos que então extraí? E o *Templo da Memória* e a *Gigantomaquia* foram lidos há quase 50, quando eu em Coimbra vivia companheiro de Soares de Passos, e Alexandre Braga (1), e Silva Ferraz, e todas as noites fazíamos longas leituras... Ai! que cavacos e que saudades!

Também o meu vocabulário conta, desde o seu início, aproximadamente 30 anos; e, como não está alfabetado, dava fadiga de muitas horas ir achar uma palavra qualquér.

Não posso pois satisfazer os seus desejos, destrinçar o que pretende.

Com singular estima,

de V. Ex.^{a}
colega adm.^{or} e servo
A. Aires de Gouveia.

Granja, 30 de Set.

(1) Alexandre Braga, pai.

C. de F.

Ex.^{mo} amigo e colega.

Neste aprazível Val-do-Vouga, onde me recolhi e me detenho, antes de voltar ás obrigações aí, cuidando em robustecer a saúde, para vingar ainda por mais alguns anos de vida, sôbre os tantos que já conto em fiada de canseiras, através de tão encontrados lances políticos e desvairadas posições sociais, me veio ministrar mui agradáveis momentos a sua amável carta e o artigo que a extremada benevolência lhe sugeriu para o Jornal do Brasil (1). Agradeço penhoradíssimo, recordando saudoso a nossa antiga camaradagem universitária e nos lances do secretariado ministerial (2). Os louvores são demais, trasbordando da sua generosidade.

Agrada-me, sim, e muito, que aparecesse o artigo no importante jornal, em que notavelmente colabora desde longa data; e no qual eu folgaria aparecesse também uma qualquér notícia do volume *Apontamentos sôbre os Lusíadas,* que dediquei á *confraternização de Portugal e Brasil.* E creio que são lá de todos desconhecidos. E todavia os Brasileiros interessam-se tanto como nós pelo Camões. E eu rendo culto aos seus eminentes literatos e não perco a viva memória do glorioso Gonçalves Dias, com quem fruí horas de inolvidável conversa.

Desejando-lhe as maiores venturas, irei, na minha tornada aí, apertar-lhe a mão, como

de V. E.

velho adm.^{or}, colega e am.^{o} obg.

A. Aires de Gouveia.

Vouzela, 29-5-913.

---

(1) *Jornal-do-Comércio*, do Rio de Janeiro.

(2) O signatário foi Ministro da Justiça, quando no respectivo Ministério funcionava o destinatário da carta.

C. de F.

De Augusto Soromenho

Professor de árabe, crítico, arqueólogo, sócio efectivo da Academia Real das Sciências, professor de Literatura no Curso Superior de Letras

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Engana-se: é-me perfeitamente conhecido o seu nome, e foi com verdadeira satisfação que o li subscrevendo a carta que acabo de receber. Agradeço-lha em primeiro lugar, e sôbretudo, por me dar ocasião de entrar em relações de amizade com V. Ex.^{a}; e, depois, pela intenção extremamente amável da sua parte, e muito lisonjeira para mim, de sêr o meu *benevolus rogator* perante o *Instituto de Coimbra.*

Respondo com franqueza. Eu entendo que ninguém deve sêr proposto sócio de um instituto literário sem títulos que o abonem. A Academia das Sciências nomeou-me seu sócio aos 26 anos, por proposta do Sr. Herculano, como recompensa de serviços literários, prestados por mim á Academia. Não é isto, a meu vêr, muito regular, mas o Estatuto presta-se a sêr assim interpretado. Afora isto, e se exceptuar a Sociedade Asiática de França, não pertenço a corporação scientífica ou literária estranjeira, onde a proposta do meu nome não fôsse ajudada de um trabalho qualquér. Ora, assim já V. Ex.^{a} vê que não desejarei vê-lo colocado na posição de fazer uma proposta sêca nem vêr-me recebido *sur parole* (1).

Não suponha V. Ex.^{a} que eu busco um meio indirecto de me escusar. Seria necessário, para isso, que eu me não julgasse honrado em pertencer ao Instituto e principalmente por intervenção de V. Ex.^{a}, ou que eu tivesse o hábito de não dizer a verdade. Qualquér

---

(1) O destinatário desta carta, como membro da Direcção do Instituto de Coimbra e redactor principal do órgão scientífico e literário daquela corporação, pedira ao insigne arabista e arqueólogo Augusto Soromenho a permissão de o propor sócio do Instituto.

C. de F.

das suposições é inadmissível. A primeira, porque ao Instituto, segunda corporação literária de Portugal, pertencem muitos homens distintos que respeito e em parte conto no número dos meus amigos ; a segunda, porque nunca disse senão o que sentia e pensava, como o pensava e sentia. Acresce a isto que a proposta, partindo expontaneamente de V. Ex.ª, e sendo V. Ex.ª, como me dizem e eu desejo que seja, um rapaz, me era duplamente agradável e honroso pertencer ao Instituto, dêste modo ; e tanto que, se o Estatuto o permite e as minhas observações não têm cabida, aceito com muita satisfação e agradecimento o título com que V. Ex.ª quér distinguir-me. V. Ex.ª, depois de me ter ouvido, decidirá.

Se, porém, pensa como eu, tratarei de escrever alguma coisa que possa merecer as honras da publicação no *Instituto* e portanto servir de fundamento á proposta de V. Ex.ª Talvez um trabalho, que comecei, ácêrca do livro do Sr. J. de Vilhena, *As Raças Históricas.*

Independentemente de tudo, creia V. Ex.ª que a sua carta me deu muito prazer e que o principal é o de me permitir escrever-lhe e dizer-me com verdade

seu respeitador e amigo

Augusto Soromenho.

Meu caro amigo.

Muito agradeço a honra da sua escolha, para colaborador da Revista que intenta publicar. Mas que quér que lhe diga? Que não aceito? É magoar a sua amizade, sabendo que estou comprometido a escrever na *Revista Ocidental*. Dizer-lhe que acedo? É embrulhar-me em dificuldades, das quais não sei se poderei sair-me. O melhor é contar com a minha boa vontade e, quando eu possa, lá lhe mandarei algum artigo.

Além disso, o meu amigo já pensou na responsabilidade que assume, pespegando lá o nome de um fóssil no meio de rapazes? Pense bem nisto e não se iluda. Ora que eu represente numa Revista de rapazes como um chapéu armado na cabeça duma mulher bonita, imagine o meu amigo que eu sou a fachada triangular do edifício da Câmara, — uma coisa exótica.

Mando-lhe hoje a carta de Abd-Allah. Como não conheço o Vilhena, o que aliás muito desejaria, peço-lhe que lhe entregue também um ou dois exemplares. Essa não se vende; e, se quisér mais, peça.

Li há pouco umas prelecções de um professor da Universidade, coligidas e publicadas pelo meu amigo (1). O meu caro! Como caiu naquela? Afianço-lhe, sob a minha palavra, que só as instâncias da amizade, que empreguei, obstaram a que Abd-Allah escrevesse segunda carta! Nós falaremos, e riremos, que só a rir se pode tratar o assunto.

Adeus, que estou em veio de má lingua.

Creia-me sempre, com estima

amigo do c.

A. Soromenho

20 de Outubro, 74.

---

(1) Referência a uns trabalhos financeiros, que o destinatário da carta redigiu e publicou, por incumbência do seu professor universitário, Conselheiro Mendonça Cortês. — *C. de F.*

De Bernardino Pinheiro

Secretario do Supremo Tribunal de Justiça. Jornalista, colaborador de Latino Coelho. Deputado. Romancista, autor dos romances Amores de um Visionário, Arzila, *e* Sombras e Luz

---

Ex.^{mo} Sr.

Não me é possível esta semana escrever um artigo para o *Cenáculo* (1), porque, além dos meus trabalhos ordinários, estou obrigado a escrever para um jornal dois artigos, a que não posso faltar; porém não faltarei ao prometido e brevemente remeterei a V. Ex.ª algumas linhas para o *Cenáculo,* do qual muito tenho gostado.

Sou, com a mais afectuosa consideração,

de V. Ex.ª

muito dedicado colega e amigo

Bernardino Pinheiro

---

(1) **Revista literária, que eu fundei e dirigi.**

C. de F.

De Braamcamp Freire

Senador, Presidente do Senado, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, historiógrafo, Presidente da Academia das Sciências de Lisboa, director do *Arquivo Histórico, autor da obra* Os Brasões da Sala de Sintra, *etc.*

Ex.^{mo} Sr.

No interesse, por V. Ex.ª sempre manifestado pela conservação da pureza da nossa lingua, espero encontrar atenuante para o meu arrojo de não só chamar a sua atenção para um caso, considerado pela grande maioria dos nossos concidadãos pelo menos fútil, como, mais ainda, de pedir o seu valiosíssimo auxilio, a fim de vêr se, por êle amparados, os meus esforços lograrão mais facilmente bom resultado.

Na *República* de hoje apareceu esta epístola: (1)

....

....

É obra de um pateta, não há duvida, mas nem por êle o sêr devemos deixar de ligar ao caso alguma atenção. Os disparates, como a peste, alastram rapidamente, se acertadas providências os não travarem.

A *entidade que preside á confecção dos letreiros das ruas* sou eu, (2) e bastante trabalho tenho tido para conseguir da respectiva Repartição que êles sejam agora exactos em português. Consegui-o, ordenando mas não convencendo; V. Ex.ª, porém, com a sua autoridade indiscutível, alcançaria convencer. Lembrame que V. Ex.ª já tratou do assunto; não valeria contudo a pena uma nova campanha no *Diario de Notícias?*

V. Ex.ª decidirá, ficando sempre certo da sinceridade com que me subscrevo

de V. Ex.ª
constante admirador
A. Braamcamp Freire

1 de Maio de 1911.

---

(1) Não é preciso reproduzi-la, porque não merece discussão. Trata da designação de ruas e largos e não diz nada que se aproveite.

(2) O notável escritor era então presidente da Câmara Municipal de Lisbôa.
C. de F.

De Bulhão Pato

Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa,
poéta e prosador de largos créditos.
Publicou, em verso, a Paquita, *o* Livro do Monte, Cantos e Sátiras, *etc.;*
em prosa, os Portugueses na India, *etc.*

Meu querido Cândido (1).

Não quis perturbar-te nos primeiros dias. Perder tal amigo é perder um parente carnal e adorado. Faz hoje quatro anos que eu perdi o meu querido José de Avelar, e um ano que perdi João Basto! Deixar, rapaz! Ainda somos felizes, que ainda temos coração para saudades!

Sempre

teu admirador e teu amigo do coração

Bulhão Pato.

Monte de Caparica, Nov., 14, 99.

---

(1) Carta de sentimentos, por um luto pesado.

C. de F.

Meu Cândido, querido amigo.

A conselho do médico, estive uma larga temporada longe do Monte. Voltei piór.

Tenho relido o teu livro, como se lhe deitasse os olhos pela primeira vez. Entre muita coisa soberba, tens ali uns versos, intitulados *Crianças*. São um poema, poema pela elevação, os toques vivos e reais do sentimento, a arte na forma impecável. Os que não disserem isto ou são tolos ou mordidos da tarântula da inveja. Desta vez fizeram-te justiça: o livro teve o supremo aplauso — o máximo silêncio! Que terra! Que bêstas!

Outro assunto.

O A... (1), a quem sempre tratei com afecto e distinção, entrou na Academia com um parecer dado por mim há muitos anos e com o meu voto pela voz dos meus confrades. Todos me agradeceram, menos êle. Há dois meses, mandei-lhe o meu livro. Nem uma palavra. Emfim! êle veio ao entêrro de minha irman, e tanto basta para que eu continue a estimá-lo.

Do teu adm.or e amigo obgd.o

Bulhão Pato.

Monte, Julho 22-908.

---

(1) **Inútil reproduzir o nome. Era e é amigo do destinatário da carta.**

C. de F.

Meu Cândido de Figueiredo.

Tu não estranhas o meu silêncio; sabes que me desabou uma tragédia sôbre a cabeça, aos 76 anos. Não cuidei que nesta idade acabaria desgraçado.

É o que eu sou!

Deus te conserve teus filhos.

Manda-me quanto publicares. Leio com vivo interesse tudo que é teu.

Adm.or e amigo do c.,

Bulhão Pato.

Monte de Caparica, Out. 31-905.

De C. Castelo Branco

O nosso mais fecundo romancista e um dos nossos mais exemplares escritores. Dos seus livros citam-se, de preferência, o Homem de Brios, *Brazileira de Prazins,* Romance de um Homem Rico, Amor de Perdição, Retrato de Ricardina, *etc.*

Ex.mo amigo

Leio com dificuldade, porque os olhos não me querem deixar vêr os poucos metros de viagem que me separam da última estação. Apesar dos olhos e a contento do espírito, li sem intermitências o seu excelente livro, (1) feito com grande habilidade, pois que é sempre justo, amaciando com primores de engenhosa delicadeza a crítica, onde ela era muito precisa, para V. Ex.a manter a sua ombridade. *Sempre justo,* disse eu, pospondo a modéstia, que me impunha abrir uma excepção para mim.

Fez-me grandes saudades da Coimbra de 45 e 46, em que eu por ali estraguei duas batinas. A Maria Camela, que V. Ex.a conheceu velhinha, era então uma gentil rapariga, a quem eu desfechava frases sentimentais, mas sôbre a matéria, incombustível. Ela foi a salamandra dos vulcões líricos que então flamejavam em Coimbra. Ouvia-me com um sorriso afectuoso, emquanto eu me saturava do fósforo dos seus linguados e das suas taínhas. Volvidos 34 anos, quando meus filhos lá iam cear, ela dizia-lhes: — «Seu pai sentou-se aí nessa mesa muitas vezes.» — Não se esquecera do meu nome. Como isto é triste, meu amigo, quando se sente o coração vivo nas ruinas do corpo!

Felicitando-o pelo seu honesto talento, aperto-lhe a mão, por se ter lembrado do seu

adm.or e am.o obgd.o

C. Castelo Branco

S. Miguel de Seide, 9-2-82.

---

(1) Intitulado *Homens de Letras*, redigido para distracção do autor, no período em que êste se achava em tratamento de cegueira. Publicou-se em 1882. — *C. de F.*

Ex.^{mo} Sr. Candido de Figueiredo.

Acho infinita graça a uns sonetos do Penha Fortuna (1), sujeito que vê o mundo moral melhor do que Herschel o planetário. Aquilo é a poesia dêstes dias e para esta geração. A que V. Ex.ª escreve, e mais os seus irmãos do Cenáculo triste, vai para onde fugiram as almas que amaram poétas e letras amenas.

Cheguei há pouco do Minho, onde fremem as harpas eólias dos pinhais, tangidas por uns bulcões que me constiparam. Encontrei a sua carta com o honroso convite (2).

Não se ria, pelo amor de Deus. Fiz essas coisas, que revêem o caruncho de quarenta e quatro anos. Faça-lhes o que quiser.

De V. Ex.ª

adm.^{or} e colega obgd.^{mo}

Camilo Castelo-Branco.

(1) Mais conhecido, literàriamente, por *João Penha.*

(2) Convite para colaborar na *Folha*, revista literária de Coimbra, redigida pelo destinatário desta carta, e por João Penha, Guerra Junqueiro e Gonçalves Crespo.

C. de F.

—

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

A minha pertinaz enfermidade não me tem deixado satisfazer o seu honroso pedido. Estive aí, há dias, e por não saber a residência de V. Ex.ª o não procurei para responder á sua carta.

Logo que a minha pobre cabeça se desnuble da cerração que a paralizou, escreverei alguma coisa para a secção *estafadora* do seu periódico (1).

De V. Ex.ª

colega e cr.º obgd.º

Camilo Castelo-Branco.

Pôrto, 3-6-71.

---

(1) Referência á revista literária de Coimbra, a *Fôlha*, onde efectivamente Camilo escreveu alguns versos.

C. de F.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

É êste o segundo livro que V. Ex.ª me envia, com urbanidade que muito me cativa.

Não espera V. Ex.ª por certo os meus emboras como galardão nem como incentivo. Há uma prova de mérito, que a todas as outras se avantaja: é o senso público, esta voz poderosa que, sem fazer grande estrondo, avassala todas as opiniões. Esta já se decidiu por V. Ex.ª, e mais cedo e mais generòsamente do que é costume em Portugal. O que me cumpre mais que tudo é agradecer-lhe a delicadeza dos brindes, e pedir que me considere

de V. Ex.ª
tão admirador, quanto agradecido

Camilo Castelo-Branco.

Pôrto, 3-2-71.

Ex.^mo^ am.º e Snr.

Logo que a doença me dê tréguas, satisfarei ao pedido de V. Ex.ª Há muitos dias que dificilmente me transporto do leito para uma cadeira. Neste estado, só escrevem testamento os que têm que testar.

De V. Ex.ª
colega e amigo obgd.
Camilo Castelo-Branco.

Coimbra, 19-5-75.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Êste opúsculo, com que V. Ex.ª brindou os amantes da boa poesia, é com efeito uma formosa copa cheia de lágrimas (1). É poesia que faz poetas, porque punge, eleva, desata a alma das dores triviais e concilía cada coração com as suas próprias. Os versos são singelamente maviosos. A agonia imensa estala em expressões de simplicidade trágica. É V. Ex.ª duas vezes poeta nestas páginas: identificou-se na antiga inspiração e feriu as cordas mais gementes da harpa moderna. Não levante mão dêste grande intento. Dênos êstes painéis do passado, a vêr se por êste modo consegue criar leitores de versos.

Aperta-lhe a mão com afectiva cordialidade e admiração

seu colega e amigo

Camilo Castelo-Branco.

---

(1) **Referência á *Morte de Iaginadata*, episódio do Ramáiana, traduzido em versos portugueses.**

C. de F.

Meu amigo.

Folgo com o que me diz dos *Ratos* (1). Faço um furor especial com êste livro, por me parecer uma curiosidade que noutro país seria recebida entusiasticamente. Êsse infausto judeu viu estrangular um filho no auto-de-fé de 1682, e depois de dez anos de cárcere foi morrer num hospital, tendo tido uma mocidade rica e cheia de glórias literárias.

A noticia que dá o *C. Portuense* é exacta. Os *Brocas* são coisas de minha familia, por isso mesmo não me antecipo a contá-las: que o sejam no romance. Tenciono que esteja viável para a imprensa por todo Maio. Tenho de ir a Santarem, por causa do livro, colher umas informações e vêr uma localidade daí distante 6 quilómetros.

Com as provas da *Bibl.* vai um artiguinho do *Jornal da Noite.*

Estou escrevendo uma resposta *mansa* a um Dr. Calisto da Universidade, que do alto da sua cadeira magistral me chamou escritor venal, mercenário e desonra das letras e da pátria, o diabo. Tomo á minha conta êste Calisto. Assim eu pudesse descompor esta atmosfera porca, que pesa sôbre mim há 7 mêses !

Não tenciona publicar os artigos de José Caldas? São excelentes.

Do seu am.º agradecido

C. Castelo-Branco

30-3-83.

---

(1) *Os Ratos da Inquisição*, poema de Serrão de Castro, publicado por Camilo.

C. de F.

De C a s t i l h o

O mais clássico dos modernos escritores portugueses. Poeta sobretudo: são dêle os Ciúmes do Bardo, A Primavera, Amor e Melancolia, Outono, Cartas de Eco e Narciso, *etc.*
Nacionalizou, em verso português, obras de Ovídio, Vergílio, Anacreonte e Molière.

Ex.^{mo} Sr. e óptimo confrade.

Antes de mais nada, saiba V. Ex.ª que os seus escritos em prosa recém-publicados, me têm regalado a alma, como coisa que é, em si, mais e melhór que muitas das poesias festejadas.

Feliz quem se não contenta com a glória, já obtida, de excelente poéta, mas aspira a coroá-la e o consegue com a de evangelizador da filosofía social! Por aí é que vai o caminho que leva, não sei se á regeneração dos povos, mas, pelo menos, e muito ao certo, ao paraíso da consciência.

Continue, meu caro confrade, a prègar a felicidade pela instrução, como já tão ungidamente começou (1). Não sei se o escutarão, apesar do brilho e atractivo do seu estilo, mas enfim, a semente da boa doutrina, cedo ou tarde, sempre vem a produzir alguns frutos; se não fôr já para a nossa geração, será para outra; nos netos também se vive, me dizia eu a mim próprio para não esmorecer, em-quanto me andava despendendo em diligências de ânimo e coração, para facilitar o arroteamento intelectual da plebe, a mais das sem-vida de todas as políticas, mas a única verdadeira.

Agora, que, depois de tão malogradas e tão mal pagas lidas, me reclinei a descansar para sempre, alegro-me ainda quando vejo um moço como V. Ex.ª, dotado de tão altas qualidades morais e intelectuais,

---

(1) Referência ao opúsculo *Escolas Rurais*, que eu publiquei em 1875, como resultado da minha inspecção oficial ás escolas do distrito de Coimbra.

C. de F.

retomar o mesmo santo empenho de difundir verdades e luz.

Não se desencante da utopía que o domina; nem todos hão ser mártires como eu fui, e, se afinal o fôr, paciência. Poderá dizer no seu testamento: o que Deus me emprestava dei de boa mente aos meus semelhantes nesta peregrinação.

De V. Ex.ª
adm.^{or} verdadr.º, confrade e amigo
mt.º obgd.º

Castilho.

Lisboa, 8-4-75.

Ora, meu caro confrade e ex.mo am.o Sr. Candido de Figueiredo: (1)

Que posso eu para bem da sua planeada Revista, senão fazer votos para que Deus lha abençôe e prospere, ainda para além dos seus desejos?

Não sei se alguma vez fui ave de canto; se o fui, estou na muda há tantos anos, que nem já me atreveria a tentar a voz.

Trabalhos, abortos das coisas em que mais cri e, por cima de tudo, anos a crescerem para uma zona fatal, onde não há mais florescência, deixaram-me a certeza de que fôra pagar bem mal o convite de V. Ex.a aceitá-lo contra os brados de consciência, e ir agoirar com a importunidade das minhas cans de inválido o introito de uma edificação, que a índole toda juvenil do seu fundador predestina a grandíssimos futuros.

Nunca me furtei ao trabalho, emquanto me pareceu que as fôrças me davam para êle; obedecia nisso a um bom conselho íntimo; agora porém, obedeço a outro não menos bom nem menos íntimo conselho também, sentando-me ao meu sol-posto, para aplaudir de longe a faina dos novos obreiros dêste interminavel edifício do progresso humano. (2)

Tenho a satisfação de me assinar

De V. Ex.a

adm.or e confrade ant.o am.o e obg.do

Lisboa, 30-X-74. *Castilho*

---

(1) Resposta ao pedido, feito ao grande escritor, para colaborar no *Cenáculo*, revista literária, fundada em Lisbôa pelo destinatário desta carta.

(2) Não obstante a modesta escusa desta carta, o *Cenáculo* recebeu e publicou em o seu 1.º número uma longa poesia inédita de Castilho.

C. de F.

Meu admiravel poeta

Como poderia eu resistir ao seu tão obsequioso convite? (1) Acedo a êle com satisfação e agradecimento.

Aí vão duas amostrinhas da tradução do *Fausto.* Oxalá que lhe agradem.

Entendo que a *Folha* aceitaria de boamente uma oferta dêste género. Para mim, todos êles são bons; e com tanta delícia copio eu na galeria imortal dos poetas de primeira ordem um quadro de Vergílio, de Ovídio, de Anacreonte ou de Molière, como de Shakespeare, de Byron, de Dante, de Hugo.

Não ponhamos á arte barreiras cerebrinas, absurdas e tirânicas. O electicismo acho eu que é a mais racional das filosofias; e o culto ao belo e ao bom, sem curar de datas nem de nomes, tenho que há de vir a sêr ainda algum dia a religião literária mais seguida. Eu, não é já de hoje que me honro de lhe pertencer.

Guarde estas linhas só para si, meu amigo, que eu, polémicas cada vez as desejo menos; agora, dos versos faça o uso que lhe aprouvér.

Sou com todas as veras

De V. Ex.ª
convictíssimo admirador e confrade
obrigadíssimo

Lisbôa, 30 de Maio de 1871. *Castilho*

---

(1) Para colaborar na *Folha*, Revista literária de Coimbra. — *C. de F.*

Ex.^{mo} confrade Snr. Candido de Figueiredo.

Tive ontem uma grande e justa satisfação, de ouvir das próprias bôcas de todos os intérpretes das *Duas Viúvas* (1), cujos ensaios lá vão indo com a devida actividade, os mais favoráveis prognósticos à cêrca do êxito.

Apertando porém com os mais entendidos na matéria, para que me dissessem, com toda a franqueza que se deve a um amigo, o que achavam em consciência sôbre o escrito, responderam-me: que na leitura os tinha encantado pela correcção e elegância; que porém, á proporção que o iam decorando, iam sentindo que o autor podia ainda sem custo melhorar consideràvelmente a obra, mondando dela algumas coisas mais dispensáveis e menos apetitosas no diálogo, ou querendo forrar-se pessoalmente a êsse trabalho, sempre repugnante, e cheio de incertezas para o próprio autor, autorizando-os a êles, como práticos e sabedores por experiência de como melhór se cativam e prendem as atenções do pobre público, a irem esparrando nos ensaios algumas leves coisas de expressão, com quanto formosas para a leitura, menos convenientes para o povo, de si rude e mal atento.

---

(1) Comédia de Malefille, representada no Ginásio em 1875, e adaptada ao teatro português pelo destinatário desta carta, a pedido de Castilho, que prometera uma peça dramática á actriz Emília dos Anjos para o seu beneficio, e que, não podendo cumprir a promessa, entendeu que a poderia substituir, para aquele efeito.

C. de F.

Esta licença, que êles por si se não atreveriam a pedir, tomei eu a mim requerê-la e até solicitá-la a V. Ex.ª, pelo verdadeiro interesse que tenho em que esta sua primeira tentativa no género o satisfaça a pleno e o concite a prosseguir na carreira, tão auspiciosamente encetada, para V. Ex.ª e para a arte dramática.

Dê-lhes vénia ampla e incondicionada, como eu, pela minha parte, o tenho sempre feito com as minhas comédias de Molière, e verá com satisfação o como o interesse dêles e o de V. Ex.ª são neste caso um único e mesmo interêsse.

Perdôe-me estas liberdades de amigo e verdadeiro admirador, pois bem deveras o é o

De V. Ex.ª
seu confrade

Castilho.

Lisboa, 4-I-75.

Meu caro poeta, Ex.^mo Sr. Candido de Figueiredo.

Aceito jubiloso e agradecido o convite de V. Ex.ª para colaborar *acidentalmente* no jornal a *Folha*. É êsse um repositório já hoje bem valioso para os amantes da poesia, e ao qual por isso mesmo todos os que ainda a amamos (que não sei se somos muitos) devemos auxiliar quanto caiba em nossas fôrças.

Não prometo nem pontualidade, nem frequência, nem abundância de colaboração; o que afianço é que as mais vezes que as minhas complicadas obrigações mo permitirem, hei de enviar aos nossos bons confrades nessa redacção algumas amostrinhas de prosa ou verso, para pública demonstração de quanto simpatizo com a sua empresa.

E V. Ex.ª que tem feito em poesia, depois do seu formoso e já, com razão, afamadissimo *Tasso?* Pregunto isto, empenhado em o saber, porque do mundo literário muito há que nem as mais avultadas notícias chegam a desencantar-me no meu voluntário homisio. *Condo et compono quae mox depromere possim*. Quem me traz apenado e quási de todo absorvido é o nosso Molière.

De V. Ex.ª
camarada e admirador
afectivo e obrigado

Castilho.

Lisboa, 27 de Outubro, 1870.

Meu Ex.^mo^ poéta

Recebo neste momento, 9 ½ da noite, aqui na Rua do Sol, e estando eu já na cama, a sua estimada cartinha.

Eu estive, desde pouco mais do meio dia, até ás 2 da tarde de hoje, no palco do Ginásio com toda a Companhia da casa, esperando ansiosamente pela sua leitura. Foi um malôgro êsse, que a nós todos ocasionou a bestial devoção dos correios de porta. (1) Se á hora em que eu voltei para casa não fôsse já tarde para mandar um enviado meu procurar a morada de V. Ex.ª em Santo André, ignorando-lhe eu o número que ainda agora não sei, e se a noite não prometesse já a água que nos está dando com abundância, têr--lhe-ia mandado pedir que viesse seroar ao Ginásio, onde todos estávamos ansiosos de o ouvir.

Agora o remédio é têr V. Ex.ª a bondade de se apresentar lá, declarando quem é e procurando nomeàdamente pela Sr.ª D. Emília dos Anjos, César Pola, Leopoldo de Carvalho ou qualquer outro dos meus amigos donos daquela casa. Eu, duvido que posssa aparecer.

A leitura póde começar logo; não há tempo a perder. Eu lá irei á noite saber o resultado.

De V. Ex.ª
confrade e admirador mt.º amigo

Castilho

Lisbôa 26 de Dezembro de 1874.

---

(1) Como os carteiros não tinham trabalhado em dia de Natal, não recebi a tempo a carta em que Castilho me anunciava a hora, em que eu devia estar no Ginásio, para fazer a leitura da minha comédia *Duas Viúvas*, que se representou em benefício de Emília dos Anjos.

C. de F.

Meu incontestável poeta Candido de Figueiredo.

Li imediatamente os seus *Quadros Cambiantes* (1), e reli-os, e venho tarde agradecer-lhos.

A razão é porque sôbre tão notável colecção eu desejava dizer-lhe muitíssimo, e esperava para isso horas de menos ocupação que me não chegam nunca.

Para me não ficar eternamente pasmado, como o rústico de Horácio, que aguardava na margem do rio que êle lhe acabasse de manar, rompo hoje as demoras e acudo ao agradecimento singelo, renunciando a esperança de poder expressar-lhe a minha opinião, motivada e por extenso, ácêrca do seu livro.

Receba-me por êle parabens muito cordiais. É uma obra verdadeiramente distinta: poesia de pensamento e de afecto, estilo acertado e nobre, linguagem formosa e original, versificação e rima de primeira qualidade! Com metade só de tudo isto, já se fazem obras aplaudidas.

Mas o seu livro extrema-se ainda do vulgo dos livros, mais ou menos metrificados e aconsoantados, porque representa deveras o interior de um espírito de bem, muito sensitivo, que se pasce nas flôres das suas tristezas reais, *lacrimae rerum,* e daí assume principalmente o seu feitiço.

Quér que lhe diga? Os seus *Quadros Cambiantes* lembraram-me trinta vezes, ou, por melhor dizer, sem-

---

(1) **Foi o meu primeiro livro e publicou-se em 1868.**

C. de F.

pre, aquele tão simpático Jocelyn, para quem a solidão se tornou música e a dôr poesia. Oxalá que as analogias entre o amante de Lourença lá nos ermos dos Alpes e o nosso serrano da Estrêla não sejam inda mais profundas e radicais. O seu seminário dá-me que cismar.

Isto não é pedir-lhe a chave do seu enigma. Guarde-a muito embora, mas diga-me sequer que passou aquele período de melancolias, e que o sacrifício não chegou a consumar-se. Só isto lhe pregunto, mas isto pregunto-lho com o interesse de verdadeiro amigo, pois muito realmente depois desta leitura o ficou sendo

De V. Ex.ª

A. F. de Castilho.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1868.

Do C. de Casal Ribeiro

Par do Reino, Ministro de Portugal em Madrid, grande orador parlamentar. Pedagogo, muito dedicado á instrução popular, poeta, etc.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Candido de Figueiredo.

Vai a encomenda (1). Receio que farte e não satisfaça. V. Ex.ª incumbiu alguma coisa microscópica como um insecto; saiu enorme como um mastodonte. Culpa do operário? Talvez. Mas culpa também de quem lhe foi bater á porta da loja sem haver estudado as manhas do lojista.

É certo que não pude nem soube, nem mesmo acreditei que soubesse, pintar Levi em bilhete de visita. Não sou pintor; se o fôsse, nunca me daria o geito para miniaturista.

Que se há de fazer agora, meu caro Snr. Figueiredo? Por onde cortar? Pelos resumidos juízos críticos? Então ficaria uma insonsa lista de livros, — boa apenas para reclamo do *Diário de Notícias,* ou guia do livreiro. Pelos trechos citados do autor? Então que fica de bom? Como armar o critério próprio do leitor, na apreciação do biografado?

Hoje, que a moda scientífica e literária manda prescindir da fé por obsoleta, não é raro fugir-se á regra fundamental do positivismo, — o rigor da observação; nem tão pouco o é impôr-se o dogmatismo do autor á ingenuidade do leitor, fornecendo-lhe, sem

---

(1) Alusão á bio-bibliografia do famoso jurisconsulto Levi Maria Jordão de Paiva Manso, escrita pelo Conde de Casal Ribeiro, a meu pedido, para o meu livro *Prosas Modernas.*

C. de F.

português, sua opinião por preceito. Há infalibilidades no campo scientífico, menos justificadas e mais autoritárias, que a do Papa no terreno religioso.

Valha-me Deus! Sem o querer, lá ia outra vez incorrer no seu desagrado, com êste critério, feito de velharias. Bem basta quanto dêle se ressente a notícia biográfica de Levi.

Mas aí nem chego a pedir desculpa. Pois que, honrando-me com o convite de colaboração no seu livro, decerto não pensou V. Ex.ª que eu abdicaria a minha tal ou qual individualidade; antes deu prova da larga tolerância, que caracteriza os bons engenhos para com as opiniões sinceras, por mais avêssas que sejam ás que se professam.

Basta, em todo caso, de maçada. E só me resta agradecer-lhe as horas de prazer, que me deu a leitura de seus mimosos versos.

De V. Ex.ª
v.or at.º e adm.or obr.do

Casal.

Pedroiços, Hotel Tejo, 24 de Julho de 1884.

Do Conde de Monsaraz

Par do reino, poeta notável, que deixou a par de outras obras, Crepusculares, Telas Históricas, Catarina de Ataíde, Musa Alentejana.

Meu querido Candido

Aperto-o muito ao coração, na crise dolorosa por que está passando. (1)

Eu só hoje tive notícia dêsse triste acontecimento, quando regressei do campo, onde estive alguns dias; impressionou-me vivamente a lembrança daquela noite que passei alegremente em sua casa, há poucas semanas: mal pensava eu que a morte andava tão perto da sua felicidade, meu amigo, para tão cedo o cobrir de luto!

Não lhe darei consolações banais; o seu alto espírito não necessita delas, porque tem a fôrça precisa para contrapor a conformidade ao desalento. Mas aceite-me um conselho: — Não há melhor remédio para as doenças da alma do que a separação temporária do lugar em que a desgraça nos feriu. Deixe essa casa e venha passar alguns dias na minha. O tempo está magnífico. O meu Candido encontrará aqui um sol descoberto, que faz rebentar as flores e as esperanças, e uma paz abençoada, que lhe há de fortalecer o coração. Venha, traga as crianças; emquanto chorarem a ausência da mãe, terão elas o grande coração da minha, que é uma santa, para lhe receber as lágrimas.

---

(1) O destinatário da carta enviuvara, poucos dias antes da data da mesma carta, com o falecimento da festejada poetisa Mariana Angélica de Andrade.

C. de F.

Peço-lhe que siga o meu conselho; verá como se não arrepende.

Espero-os. Diga-me o dia em que chega a Évora, para o esperar na estação e acompanhá-lo a Reguengos.

Beije, por mim, as suas filhinhas.

António de Macedo Papança.

Reguengos, 17-XI-81.

Meu Candido

Nasci em Reguengos, (Alentejo), a 18 de Julho de 1853. Publiquei em Maio de 1876 um livro de versos, *(Crepusculares)*, e em Junho de 1880 um poêma, *(Catarina de Ataíde)* (1).

Sou apenas sócio do Instituto de Coímbra e da Sociedade de Geografia de Lisbôa.

De resto, sou hóspede de meu pai em Reguengos e do Assis (2) em Coímbra. Nada mais!

A sua circular, que muito agradeço, obrigou-me a meditar dolorosamente na minha inutilidade...

Aceite um abraço do Assis, o caloiricida universitário de olhar sanguíneo, que ri das nossas literaturas, empoleirado numa sábia calhamaçada de que é autor e que o pôs em correspondência activa com todos os sábios do mundo.

Abraça-o, muito afectuòsamente, o

seu amigo certo e obgd.º

António de Macedo Papança.

(1881)

---

(1) Apontamentos solicitados para a parte bio-bibliográfica do meu livro *Homens e Letras.*

(2) O lente da Universidade, António de Assis Teixeira de Magalhães, que mais tarde foi Conde de Felgueiras.

C. de F.

Meu querido compadre e amigo

Não me tem sido possível, por em-quanto, a leitura do seu *Bacharel Ramires;* mas o que eu logo vi, meu querido amigo, foi o amável e afectuoso oferecimento de um dos seus contos ao dedicado admirador, que sempre fui, do talento do notável homem de bem, que V. é.

Poucos o conhecem melhór do que eu na nobre altivez do seu carácter, e ninguém o considera com mais justiça nas afirmações valiosas da sua alevantada inteligência e do seu trabalho honrado.

E' sob estas sempre vivas impressões que vou lêr o seu livro e também que desde já lhe agradeço a prova de consideração literária, com que V. muito me distingue.

Aceite, com sua Ex.ma esposa, os nossos respeitosos cumprimentos, meus e de minha mulhér, e beije por nós o nosso afilhado.

Abraça-o com verdadeiro afecto, meu querido Candido, o

seu compadre, amigo e adm.or obgd.mo

C. de Monsaraz.

5-8-94.

Meu querido Candido

Desejei muito ir fazer-lhe uma visita, para lhe agradecer pessoalmente o exemplar, que me ofereceu, das suas *Peregrinações* e a dedicatória dos deliciosos versos, com a qual a sua velha amizade tanto me distinguiu.

Não me foi possível cumprir êsse agradável dever, por causa de um telegrama que me chamou com urgência à Figueira e que me obrigou a partir de Lisboa mais cêdo do que contava. Desculpe-me.

Só ontem me foi possível a leitura seguida do volume: primeiro, minha mulhér, e depois outra senhora da minha família, apossaram-se dêle, retardando à minha impaciência um grande prazer intelectual.

Li o seu livro com o espírito e com o coração. É tôda a mocidade da sua alma afectiva e sonhadora, que vibra naquelas páginas, as quais acordaram na minha impressões e aspectos da juventude, que muito a deliciaram.

Adorável testamento o seu, meu querido amigo, tão pródigo de riquezas, repartidas por quantos o amaram e admiraram na vida, e que ficará como documento de um notável poéta, que pelo talento e pelo trabalho soube honrar, como poucos, as letras do seu país.

Eu fui contemplado com um legado precioso; os inspirados e perfeitíssimos sonetos, escritos por mão de mestre. Beijo reconhecido a mão que os escreveu e a linda alma que os criou. Os rapazes de Coímbra, os poétas novos da Academia, habituados às *caturrices* linguísticas do sábio, não conhecem o artista. Vou apresentar-lho nas *Peregrinações,* com a certeza de os encantar pelo que ouvirem e pedir-lhes ao mesmo tempo que estudem no precioso livro a maneira de tratar com amor e carinho a língua portuguesa.

Felicita-o, meu bom amigo, e abraça-o, apertando-o muito ao coração o seu velho amigo, compadre e admirador obgd.mo

Conde de Monsaraz.

(1908)

Do Conde de Sabugosa

Da Academia das Sciências de Lisboa, poéta, historiógrafo, autor do **Paço de Sintra,**
dos **Embrechados,** *da* **Gente de Algo,**
das **Neves de Antanho,** *das* **Donas de Tempos Idos,** *etc.*

Meu caro amigo

A minha saúde e o estado do meu espírito não me têm permitido dizer-lhe há mais tempo quanto as expressões do seu sentimento nos encheram de reconhecimento, e como entraram nos nossos corações as palavras que tão primorosamente escreveu, dirigidas à memória da minha querida filha. Sofro muito, e tenho o coração torturado, mas isso não impede que tenha muita gratidão por quem, como o meu amigo, tão delicadamente se associou à nossa dor, e nos manifestou tão sentidamente o seu pesar.

O seu artigo no *Diário de Notícias* está gravado na nossa memória. Minha mulhér e eu apertamos a mão que o escreveu.

Esteve aqui seu sobrinho. Como eu não podia ir ao paço, recomendei o negócio ao Conde de Figueiró. E espero que se possa obter alguma coisa. Poderá? Logo que soubér, talvez na quinta-feira, pois há aqui assinatura, informarei.

Adm.or e am.o dedicado,

Sabugosa.

Cascais, 27 de Outubro, 1902.

Meu excelente amigo

Muito me penhorou a sua carta e as referências que faz às minhas escreveduras.

Dizer-me que leu o meu livro (1), da primeira à última página, e com aprazimento, é para a obra uma glória e para mim uma afirmação desvanecedora, que me deixou cativado.

Concede-me o meu amigo uma lisonjeira distinção, inquirindo os motivos por que empreguei o vocábulo *camuz*, e deseja saber de onde o chamei à minha prosa.

A história é simples.

Quando andava a reler as obras de Jorge Ferreira, com a mira de abonar a palavra *antanho*, que desejava fazer entrar no título do meu livrito, topei com aquela frase: *camuz de entender damas*, que me seduziu e que acho aplicável ao nosso rei D. Afonso Henriques, a quem não queria chamar irreverentemente *garanhão* ou *atiradiço*.

Fui ao *Dicionário* de Morais, que me confirmou no propósito, pois a cita também na *Ulisipo*; e, apesar de lhe dar significação incerta, entende poder tomar-se no sentido de capaz de gostar e apreciar as prendas de alguém.

Escudei-me com a autoridade do comediógrafo e com o faro do lexicógrafo, e adoptei a palavra, de que não estou arrependido, pois a acho pitoresca e me proporcionou esta nossa conversação.

Não cuidei mais em procurar a origem, porque me faltam materiais para tal empreendimento. E, se o

(1) *Neves de Antanho.*

meu amigo não a achar, não serei eu que possa encontrá-la.

As gralhas, que o meu amigo aponta, são difíceis de caçar, porque, à semelhança dos bonecos de barraca de feira, que apenas se derrubam, logo o dono da loja os põe outra vez de pé, assim também os tipógrafos usam com as gralhas que nós pretendemos matar, com as nossas correcções. Não há remédio senão aturá-los.

Mil vezes obrigado pelo amável oferecimento de sêr revedor de uma nova edição. Quando virá ela?

Peço-lhe que me creia sempre

adm.^{or} e am.^{o} obgd.^{o}

Sabugosa.

Cascais, 3 de Setembro de 1919.

Do Conde de Samodães

Escritor e bibliófilo portuense. Entre outros livros, publicou Os brazões e os títulos, Estudo àcêrca da Franc-maçonaria, O sétimo centenário de Santo António, O viuvo, *etc.*

Il.º e Ex.mo Snr.

Quando V. Ex.ª me brindou com o seu poêma (1), não estava eu no Pôrto; quando voltei, quís lê-lo, antes de o agradecer. É com efeito o livro de Job um dos mais formosos da Bíblia, e quantas vezes o tenho lido, admirando cada vez mais a inspiração do autor e a eloqüência da moral sólida de resignação, que nêle se encontra!

Fez V. Ex.ª uma bela paráfrase dessa obra imorredoira e provou mais uma vez o seu talento, habilidade poética e o hábito de vencer dificuldades, que muitas deparou e logrou suplantar.

Mil agradecimentos pelo exemplar que me oferece. Aceite V. Ex.ª a confissão do meu reconhecimento.

Com tôda estima,

De V. Ex.ª
admirador e agradecido,

Conde de Samodães.

Pôrto, 1.º de Junho de 1894.

---

(1) *Livro de Job*, traduzido em versos portugueses e publicado em 1894.

C. de F.

De Cunha Rívara

Secretário geral do Estado da Índia. Historiógrafo. Orientalista.
Editor e comentador de duas Gramáticas da Língua Concani ; *autor das* Reflexões sôbre o Padroado Português no Oriente, *etc.*

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Tive a honra e o gôsto de receber a carta de V. Ex.ª, de 5 de Dezembro do ano passado, e a ela passo a responder.

São na verdade dignas de estudo, quér do puro homem de letras, quér do filósofo, as coisas da Índia ; e é certo que, sem livros, não as aprende mesmo quem cá está, como eu.

Em francês, há alguns, mas poucos ; em alemão, há mais ; mas onde há tudo, ou quáse tudo, é em inglês.

Se a pessôa, a quem V. Ex.ª se refere, sabe só o francês, terá de limitar-se ao pouco que pode colher nesta língua ; se sabe alemão, o que é possível, poderá alargar os seus estudos ; e se sabe o inglês, o que tenho por certo, achará quanto deseja.

Mas noto a V. Ex.ª que os livros ingleses sôbre a Índia são impressos em Londres, salvo um ou outro mais somenos, que cá se imprime. É pois em Londres que se acham as obras de Kalidasa, cujo poêma *Çakuntala* foi uma das primeiras traduções dos orientalistas ingleses ; o *Mahabhárata* e o *Ramaiána,* em uma magnifica tradução abreviada e comentada, que tenho aqui agora sôbre a minha mesa, (dêstes dois poêmas vi uma moderna tradução por extenso em francês, em seis ou oito volumes, sendo a inglesa em um volume cada poêma); os episódios do *Mahabhárata* em separado, tais como o *Bhagava-Gita,* com uma excelente *introdução* sôbre a filosofia dos hindus, que também tenho ; os *Vedas;* os *Puranas;* finalmente os livros

sagrados, filosóficos e históricos, da mais remota antiguidade, e os trabalhos críticos dos mestres ingleses sôbre tudo quanto toca à Índia.

Entre outros livreiros de Londres, o que possue mais amplo sortimento de tais preciosidades e curiosidades, há *N. Trubner & C°, 60 Pater-noster Row*. Será fácil a V. Ex.ª mandar buscar um catálogo desta casa, e aí pode escolher à sua vontade, não só o que se acha em inglês, mas ainda em sânscrito, que também se imprime em Londres, e há em abundância naquela livraria.

Seria fácil também achar em Bombaim as obras que V. Ex.ª indica; mas, sendo elas impressas em Londres, devem sair mais caras, sendo certo que mesmo em Londres não são baratas.

Se o seu escritor (1) quér estudar sânscrito, empresa difícil sem mestre, em Londres achará Gramáticas, e Dicionários para inglês, e muitos livros escritos naquela sagrada língua dos hindus. Os catálogos tornarão fácil o trabalho da escolha.

Minha mulhér (2) já respondeu à última carta de V. Ex.ª e agora lhe envia muitas recomendações; e eu sou

De V. Ex.ª
mt.° at.° e obgd.° servidor

J. H. da Cunha Rivara.

Gôa, 21 de Janeiro, 1874.

---

(1) Tal escritor era o próprio destinatário, que começava então a estudar sânscrito com um professor indiano, e que posteriormente, além da tradução, em versos portugueses, de um episódio do *Ramaiána*, publicou alguns estudos históricos e literários sôbre a Índia Antiga, os quais mereceram sêr traduzidos em francês pela *Revue de Philosophie Chrétienne*, e lhe valeram o diploma de membro da *Société Asiatique de Paris*, diploma assinado pelo famoso orientalista e estilista Ernesto Renan.

(2) A mulhér do erudito orientalista Cunha Rivara tivera relações pessoais com a finada mulhér do destinatário desta carta, D. Mariana Angélica de Andrade, a aplaudida poetisa dos *Murmúrios do Sado* e dos *Revérberos do Poente*.

C. de F.

De D. António da Costa

Primeiro Ministro de Instrução Pública em Portugal. Entre as suas obras avultam
Auroras de Instrução, A mulher em Portugal,
No Minho, Três Mundos, O Cristianismo e o Progresso.

Meu presado amigo. Ontem recebi a *Correspondencia de Coimbra,* que decerto me foi mandada pelo meu amigo, pois que ás 2.as feiras é que eu recebo aquele jornal.

Agradeço portanto ao meu amigo a sua delicadeza da remessa, e ainda mais lhe agradeço o têr querido empregar o seu tempo, escrevendo o seu juizo crítico sôbre o meu novo livro (1), honrando-o por esta fórma, e sendo tão delicado na exposição dos pontos, em que divergia, ou parecia divergir, das opiniões do auctor.

Digo de propósito *parecia divergir,* porque eu suponho que no fundo estamos de acôrdo e que só por equívoco divergimos. Por exemplo, para só apresentar um exemplo: Eu não sustento no meu livro que a fusão das classes pelos casamentos chamados desiguais não seja um princípio liberal e democrático. O que sustentei foi que na *Roma do Império* as alianças conjugais entre as classes patrícias e as plebeias desvirtuavam as *instituições essencialmente romanas.* Roma estava assente numa certa ordem de ideias. Aquelas alianças foram uma das causas de se destruir essa ordem de ideias. Tal foi neste ponto a base das minhas considerações àquele respeito: e parece-me que esta base é verdadeiríssima. Foi uma fatalidade para Roma, tal como ela se achava constituída? Foi. Foi uma felicidade para o progresso e para o mundo? Foi também.

O progresso humano teve, tem e há de têr (no meu humilde entender), esta lei fatal e necessária, base

---

(1) O livro é o *Três Mundos.* — *C. de F.*

da civilização: As causas que destróem as instituições caducas, são origens de novo progresso, mas por isso mesmo aniquilam o modo de sêr, que no seu tempo tinha sido um progresso também e portanto um grau relativo de civilização.

Repetindo os meus sinceros agradecimentos, creia, meu caro Sr. Candido de Figueiredo, no prazer com que me assino

seu adm.^or^ e am.^o^ obg.^do^

D. António da Costa

Lisbôa, 2 de Junho, 73

Meu caro Sr. e amigo Candido de Figueiredo

Recebi com o maior prazer o seu livro *A Liberdade de Indústria,* que teve a bondade de me oferecer.

Como é que o meu caro, mimoso e brilhante poéta, me sai um tão ilustre e rasgado economista? Quem fez esta espécie de milagre? Sei já: foi êsse grande talento que aí tem dentro dessa cabeça, e que chega para tudo quanto quér.

Deliciei-me no seu livro. Do princípio ao fim, corre nele a erudição, o método, a clareza, a grande clareza, e as ideias sans que lhe são corôa. De todos os capítulos gostei muito, mas o último achei-o magistral. Que belas ideias e que saudáveis conselhos sôbre a união do capital e do trabalho não encerra êle! Devia sêr espalhado pelas classes populares, — hoje principalmente, em que misteriosamente e no recondito se está preparando uma obra social, de que eu não calculo os resultados, que Deus queira não sejam fatais.

Mil graças e mil parabens. Sim, mil parabens, porque não é só um talento que encanta, — é também um talento que nos melhora.

Creia-me

do coração, seu ad.^dor^ e am.^o^ mt.^o^ obg.^do^

D. António da Costa.

Meu prezado amigo

Dizem que neste mundo tudo ou quasi tudo é mau. Não se poderá dizer, pelo contrário, que tudo ou quasi tudo é bom? Pois se eu não tivesse recebido o seu formoso livro (1) na cama, (onde me achava e ainda me acho com um forte ataque de gôta), teria já podido lêr, por maiór que fôsse o meu desejo, o mimo com que o meu amigo me presenteou?

Pois, sim senhor; li-o todo e vou dar-lhe um apertado abraço pelos momentos deliciosos que passei.

Já não falo daquele *14 de Dezembro,* que eu já conhecia, mas que me fez ainda a impressão de uma leitura primitiva, e que é uma beleza e o será sempre, em-quanto se falar português. Mas aquela *Atalanta?* aquele *Deus?* aquele *Livro de Corina,* dessa Corina tão estremida, que parece andar a saltitar por essas páginas? e as *Irmans?,* e, ainda superior a tôdas, aquela *Melhór das Filhas,* que é, a todos os respeitos, um verdadeiro primor? A Flávia ficou em mármore.

E que bonita edição! que formosíssimo pórtico, para se entrar no palácio das musas!

Aceite pois os meus agradecimentos e creia-me, como sempre

De V. Ex.ª
colega e amigo obrigado

D. António da Costa.

30 de Nov. de 1883.

---

(1) *Nictagíneas*, volume de versos publicado em 1883.

C. de F.

De D. João da Câmara

Notável e aplaudido autor de várias peças dramáticas, como os Velhos, Triste Viuvinha, Afonso VI, Alcàcer-Quibir, Rosa engeitada, *etc.*

Meu Ex.^mo^ amigo

A ignorância, em que estive, da sua muita amabilidade, eis o motivo da minha falta. Penhorou-me extremamente a sua delicadeza. Mas quantas razões quér o meu amigo que vá a minha gratidão somando? Guardo preciòsamente o artiguinho imerecido e mais uma vez me assino com muito reconhecimento,

am.^{o} obg.^{mo} e adm.^{or}

João da Câmara.

Lisboa, 12 de Set. de 1904.

Do Dr. Gonç. Guimarães

Lente da Universidade de Comíbra, helenista, latinista e filologo.
Deixou obras sôbre Geologia e Mineralogia,
além de outras sôbre filologia latina, grega e portuguesa.
Fez parte da Comissão que propôs a reforma ortográfica, actualmente em vigor.

Meu prezadíssimo amigo

Muitos parabens e muito obrigado pelo volume 1.º das *Lições Práticas da Língua Portuguesa*, que recebi há dias. A dedicatória penhorou-me e confundiu-me. Pôsto que não me julgue merecedor de tamanha consideração, e muito especialmente ao lado de Gonçalves Viana, agradeço-lhe reconhecidíssimo a honra com que me distinguiu.

Continuo a considerar estas publicações como serviço importantíssimo para os que estudam, e, mais do que isso, como obra altamente patriótica. A fórma atraente, leve e elegante das lições deve exercer acção difusiva muito intensa sôbre a grande massa dos leitores. E' um remédio, um antídoto contra a malária dessa literatura viciada, que ameaça inundar o país.

Aprovo a insistência em fazer progredir a simplificação ortográfica. Eu ainda não vou tão longe, porque não posso; mas aplaudo.

Li com muita atenção as suas *Lições,* e desejava comunicar-lhe todas as considerações que me sugeriram, mas falta-me o espaço e o tempo. Em geral, concordo.

A explicação da palavra *estramalhada* fez-me lembrar a palavra *escramalhada,* muito usada no Algarve; *e. g. tem os livros escramalhados por cima da mesa; flôres escramalhadas pelo chão.* Não quero dizer com isto que as duas palavras sejam idênticas; são com certeza diferentes; foi apenas uma associação de ideias.

Entre *ceremónia* e *cerimónia,* não faço grande questão, enquanto se tratar do português. A maiór parte da gente diz *ceremónia,* ou até *cermónia;* mas a fórma latina, correcta, é com certeza *cerimonia,* como *acrimonia, castimonia, parcimonia* ou *parsimonia, sanctimonia,* etc.; *patrimonium* e *matrimonium* são ainda formações semelhantes. Embora *cerimonia* viesse de *Ceres,* (que não vem), a fórma correcta não podia deixar de sêr como eu digo, em virtude das regras da derivação latina.

Releve-me o insistir ainda sôbre o ditado — *andar em papos de aranha.* Não me parece admissível que seja *palpos.* E' certo que o latim já tinha *palpum* ou *palpus,* com a significação de *apalpadela, afago, carícia, adulação;* mas nunca aplicado aos *palpos* dos insectos ou dos articulados em geral; os naturalistas da Idade-Média chamavam aos palpos *antennae.* O latim *pappus,* (que deu o português *pappo* ou, melhór, *papo*), é transcrição do grego *pappos* e significa a mesma coisa, isto é, a lanugem que se encontra em certas sementes, como a do cardo, — em geral, a lanugem muito fina e macia. Daqui a aplicação aos cobertores de *papo.* Em suma, parece-me que *papos de aranha* não pode ter outra interpretação, senão *teias de aranha; andar em papos de aranha* seria talvez andar envolvido em dificuldades de pouco valor, como nesta expressão: *uma teia de aranha o prende.* A significação actual *andar atarefado* podia perfeitamente têr derivado daquela.

Conhece a explicação que eu achei para o chamado *infinito pessoal?* Esta pregunta ocorreu-me a propósito da sua *lição XXIV.* As *Gramáticas* portuguesas de Ulisses Machado e Ribeiro de Vasconcelos reproduziram essa opinião, que eu expus depois num artigo crítico sobre as *sinopses,* mandadas organizar pela Direcção Geral para as escolas primárias. O artigo vem no *Instituto,* vol. XLV, n.º 2, pág. 102. O prof. M. Lübke, num bilhete postal, que me dirigiu em Janeiro dêste ano, agradecendo um exemplar que eu lhe tinha oferecido, diz-me que concorda inteiramente com tudo o que eu ali digo: — *Ich habe ilm* (o artigo) *mit grossen interesse gelesen, und stimm Ilmen natürlich durchaus zu.*

O meu amigo compreende cèrtamente a satisfação que veio trazer-me esta apreciação do grande Mestre, assim como um convite honrosíssimo, que êle me dirigiu no mesmo bilhete, e tanto mais que os sábios de cá tinham recebido a minha explicação, de um modo muito diferente.

Permita-me também uma pequena observação a respeito da fórma *teléphono,* (pág. 286) (1). Quando esta invenção começou a vulgarizar-se entre nós, pareceu-me que seria assim que nós deveriamos dizer em português, e não *telephone.* Mas reconheci depois que não tinha razão: *telephone* ou *telephónio,* são admissíveis; *teléphono* ou *teléfono,* é que não é, porque supõe breve o penúltimo *o,* o que nos indicava o grego *phonos,* (assassínio), ao passo que a palavra se formou realmente de *phone,* (2) (voz, palavra). Dizer que aquela maravilhosa descoberta do italiano Mencci «transmite ao longe o assassínio» seria na verdade um horror.

Falta-me, como lhe disse, o tempo e o espaço para sêr mais extenso, o que deveras sinto, porque o assunto agrada-me, e o seu livro também. A lição XL fecha-o com chave de oiro.

Terminarei pois, repetindo-lhe as minhas sinceras felicitações e o meu profundo reconhecimento. Creia-me sempre, com muita consideração e simpatia,

seu amigo afect.º e admirador,

G. Guimarães.

Coimbra, 27-V-900.

---

(1) O signatário refere-se á 3.ª edição daquele 1.º volume das minhas *Lições Práticas.*

(2) O signatário escreve as palavras gregas em caracteres gregos, que a tipografia não possue. Saiba-se, pois, que o 1.º *o* de *phonos* é *omicron*, e o *o* de *phone* é *omega.*

C. de F.

Do Dr. Pereira Caldas

Professor, arqueólogo, autor de várias memorias críticas, historicas e etnográficas

---

Dedicado discípulo (1)

Escrevi-lhe no Domingo passado, dia em que recebi a versão que fez do *Iaginadata,* e eu que me ocupei quási que só do meu poéta. Estou certo que receberia a minha carta. Foi longa um pouco, mas tenha paciência.

Ocupado com o interior do opúsculo, não reparei no exterior. Hoje, ao mostrar o opúsculo a um amigo, vi que escreveu um poêma sôbre o Tasso. Não o conhecia e sinto não o têr tido à mão, quando escrevi a minha *Oração Escolar* que lhe mandei, para o mencionar nela convenientemente.

Como tem tido a delicadeza de me enviar quanto escreve, não tinha feito recomendação para o Pôrto, a fim de me enviarem de ali escritos seus, como tenho feito a respeito de outros escritores. Peço-lhe por isso agora o aludido poêma, para dêle fazer uso brevemente. Verei se tenho a *Liberdade de Indústria* (2).

Vou imprimir a carta que no Domingo lhe dirigi, e mandar-lhe-ei uma porção de exemplares. Já hoje foi

---

(1) O Dr. Pereira Caldas foi meu professor de Matemática e fazia gôsto em me tratar sempre por discípulo.

(2) *A Liberdade de Indústria, nas suas relações com a Economia Política e com a Historia da Civilização,* é o título de um livro meu,

C. de F.

para a tipografia. Algumas poucas adições irão em tipo diferente nos lugares respectivos.

Dê-me sempre ocasião de mostrar-lhe a minha indelével gratidão pela sua constante delicadeza para comigo. E creia na estima e consideração sincera do

antigo mestre e amigo dedicado

Pereira Caldas.

Braga, 6 de Dezembro de 1873.

Meu respeitável glotólogo

Carregado de anos, e dos sofrimentos que êles trazem de envolta com êles, vou trabalhando como posso, no alvo de deixar prova de que não é índole minha o *dolce fare niente.*

Enviei-lhe um *trabalho último,—Decifração plausível de uma lápide luso-romana, há 20 anos descoberta num montado da Citânia, e sem designação até agora, nem cá no país, nem fora dêle.*

Seria no correio extraviado, como está verificado com alguns exemplares enviados?

Dignando-se dizer-me alguma coisa,—sim ou não,—penhora muito o

antigo respeitador agradecido

Pereira Caldas.

Braga, Janeiro, 2, de 1903.

Do Dr. Sousa Martins

Médico notabilíssimo e Professor de Medicina em Lisboa. Entre os seus trabalhos literário-scientíficos, sobressai a Nosografia de Antero

---

Il.^{mo} Sr.

Na ocasião de partir por alguns dias para uma pequena digressão na província, recebo a honra da carta de V. S.ª, de ontem.

A melhór fórma de lhe provar o meu reconhecimento será aceitar o seu honroso convite. A' minha volta, enviarei a V. S.ª um trabalho para o seu excelente *Cenáculo.*

De V. S.ª

mt.º at.º e obgd.º v.^{or}

Sousa Martins.

Calhariz, 22-II-75.

Do Dr. T. de Carvalho

Lente de Medicina e socio efectivo da Academia Real das Sciências. Traduziu um poema sôbre O bicho da sêda, *além de vários estudos literários*

═

Ex.^mo^ Sr.

Faz-me V. Ex.ª muita honra, convidando-me a escrever no *Instituto* de Coimbra; não posso porém agora condescender com os seus desejos, por motivos que me desviam de todo o comércio das letras, e que seria ocioso expor-lhe nesta carta.

O nosso amigo Júlio César Machado está e tem estado sempre em Lisboa. Os jornais enganaram-se, fazendo-o viajar por terras estrangeiras.

Agradecendo a delicada lembrança de V. Ex.ª, permita-me que me assine

De V. Ex.ª
servo e admirador sincero

Tomás de Carvalho.

23 Nov., 73.

Do Dr. X. R. Cordeiro

Redactor do Diário da Câmara dos Deputados.
Por óbito de Alexandre Magno de Castilho, foi, por muitos anos, o director do popular Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.
Deixou dois volumes de versos, Esparsas *e* Quadros de Glória, *e um volume de prosas,* Serões.

Meu amigo

Até que finalmente! Aí lhe remeto duas provas da capa (1). Escolha, e mande resposta, para em seguida brochar os exemplares e pôr o *Tasso* na rua.

Eu, não sei se é por me transportar ao século XVI e aí vêr com os olhos do espírito a figura austera e triste do prisioneiro de Afonso de Éste, inclino-me à encarnada e preta. A outra parece-me mais própria de um livro de toucador, colocado entre flôres, espelhos e jarras. Além disso, também me parece mais igual, e que faz melhór obra a tinta encarnada do que a roxa. Como quer que seja, a capa fica bonita, e irá tão bem ao toucador das belas, como à livraria soturna do filósofo e do antiquário.

O papel é muito bom.

Despeço-me, apertando-lhe a mão, como quem é

amigo certo e muito seu afeiçoado

A. Cordeiro.

Lisboa, 8 de Fevereiro, 1870.

---

(1) António Xavier Rodrigues Cordeiro, o popularizado autor da *Doida de Albano* e do *Tasso no Hospital dos Doidos*, quis amàvelmente sêr o editor do meu poema *Tasso*, dirigindo a edição em Lisboa, e para Coimbra, onde eu estudava, me consultou nesta carta sôbre a capa do livro.

C. de F.

Do Dr. Xavier da Cunha

Médico, jornalista, crítico, poéta e bibliografo.
Foi director da Bibliotéca Nacional de Lisboa e deixou numerosos volumes e folhetos sôbre literatura, historia, crítica, etc.

Meu eminente confrade e do meu máximo respeito

Peço-lhe encarecidamente que me perdôe, se com esta minha carta o vou perturbar, furtando-lhe tempo que tão indispensável lhe é sempre.

Indiscreto serei, sobremaneira importuno? Mas a sua indulgência espero que sobrelevará minha importunidade e minha indiscrição.

Vou pedir-lhe um assinalado favor cuja acquiescência antecipadamente me atrevo a agradecer-lhe.

Aqui vai o caso.

Estou eu organizando, para entretenimento e regalo do meu espírito, um *Album Camoniano,* constituído por autógrafos de ilustres escritores, cada um dos quais me favoreça, concedendo-me por seu punho escritas, datadas e assinadas, algumas linhas (em verso ou em prosa, poucas ou muitas, *ad libitum),* algumas linhas em referência ao excelso Luís de Camões, (considerado na sua egrégia individualidade, ou nalgum incidente da sua vida agitadíssima, ou na sua obra poética, ou na sua bibliografia, ou na influência por êle exercida sôbre o apuramento da língua ou sôbre o progresso das letras pátrias, etc., etc.)

Entre êsses autógrafos, que estou amoràvelmente coligindo, eu estimaria infinitamente lograr a Boa fortuna de intercalar no meu *Album* algumas palavras, também por V. Ex.ª escritas e assinadas, — podendo inclusivamente sêr êsse precioso autógrafo a transcrição de qualquer trecho em verso ou prosa, por V. Ex.ª antecedentemente publicado, em homenagem ao ínclito

imortalizador das glórias portuguesas e apaixonado cantor da formosíssima Natércia.

Quér V. Ex.ª amàvelmente brindar-me com êsse autógrafo, que empenhadamente lhe solicito? Meia dúzia de linhas me bastam, e com elas me darei por muito feliz numa pequena fôlha de papel, (de preferência, papel timbrado com qualquer monograma ou distintivo que V. Ex.ª porventura use na sua correspondência epistolar, ou com o carimbo oficial da Repartição burocrática que V. Ex.ª proficientemente dirige), reservadas na fôlha as indispensáveis margens, para evitar que na futura encadernação do *Album* fique mutilada a integridade do texto manuscrito.

Aguardando favorável despacho ao meu requerimento, tenho a honra de me subscrever, com a mais alta consideração

De V. Ex.ª

respeitoso admirador, humilde confrade
muito afectuoso e servo obrigadíssimo

Xavier da Cunha.

C. de V. Ex.ª em Lisboa,
(Rua Bartolomeu de Gusmão, 12, 2.º)
26 de Janeiro de 1916.

De Eduardo A. Vidal

Antigo folhetinista do Diário Popular, *autor de dois volumes de versos, contista, etc.*

Meu amigo

Pago mal e tarde, mas pago. Aí vão oito quadras para a *Folha*. Rogue aos seus colegas (1), de quem sou geralmente admirador, que me desculpem o mandar consoada tão magra.

Recebi há dias uma carta de Alberto Pimentel, em que êle dizia têr-me enviado um poemeto. Não me chegou às mãos por desgraça, nem sei que esteja à venda em Lisboa.

Do seu *Tasso* tenho ouvido gabos, de quem pode gabar. Hei de lê-lo, apenas pudér abrir um parêntese na vida sensabor que levo, e perfumá-la ao menos com estas fragrâncias que saem de corações como o seu.

Creia-me

adm.or e amigo

E. A. Vidal.

Lisboa, 13 de Abril, 1870.

---

(1) Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo e João Penha. A *Folha* publicava-se em Coimbra, onde residiam os redactores, então estudantes da Universidade.

C. de F.

Meu caro amigo

Li o seu *Tasso,* e, em alguns pontos, mais de uma vez. Sabe que desde muito o admiro e que acho nos seus versos o que quér que seja de naturalmente gracioso e perfumado, que muito destôa de uma certa poesia tôla e presumida, com que por aí andam a cascalhar os orates.

Quér que eu seja franco? Não convenho com o meu amigo a respeito das suas opiniões sôbre a fórma adoptada. O seu talento, que tão bem se manifesta nos traços descritivos, ficou cerceado um tanto pelas severas exigências dramáticas.

Olhe, — quando o Rossi representou aqui o *Romeu e Julieta,* aquele belo diálogo da despedida era passado numa janela às escuras, que metia mêdo. Tive saudades do luar, em que o poéta nos fala, e lembrei-me do papear da cotovia. Que quér? Eu gósto mais de entreouvir os sons confusos da natureza, que a eloqüente garrulice dos homens.

Aceite, como de irmão para irmão, estas confidências do meu sentir, e disponha do

seu am.º e adm.or

E. A. Vidal.

Lisboa, 3 de Setembro, 1870.

De Emídio Navarro

Deputado. Ministro das Obras Públicas. Jornalista veemente e dos mais admirados. Entre os seus trabalhos literários, citam-se os Quatro dias na Serra da Estrêla

Ex.^{mo} am.º e Sr.

Recebi hoje a sua carta. Um artigo biográfico (1), por mais singelo que seja, precisa de indicar um certo número de circunstâncias pessoais em que os erros não são admissíveis: por exemplo, data de nascimento e morte. Tudo aqui me falta.

Se o meu amigo pode esperar até o dia 10 de Outubro, em que devo achar-me aí, mandar-lhe ei de bom grado o artigo, que me pede. Se não pode, tem de bater a outra porta. A não sêr que, em vez de um artigo biográfico, queira um artigo de generalidades sôbre qualquer coisa, que não careça de indicações precisas.

Muito grato à sua lembranca, assino-me

De V. E.
am.º e colega obgd.º

Emídio Navarro.

Luso, 27 de Junho de 1881.

---

(1) Acêrca do catedrático e escritor Dr. Augusto Filipe Simões. Emídio Navarro escreveu o artigo, e êste vem publicado no meu livro *Prosas Modernas.*

C. de F.

De Eugénio de Castilho

Filho mais novo de Castilho. Entre as suas publicações, há um Dicionário de Rimas

---

Ex.^{mo} Sr. e meu bom amigo

Estou complètamente às suas ordens.

Se V. E. o prefere, conto com a sua visita em qualquér dos próximos dias, entre as 2 e as 4 horas da tarde. Se entretanto lhe fôr menos incômodo, espero pelo correio a anunciada resenha dos vocábulos, a que tentarei responder com o meu vagar.

Tenho um grandíssimo empenho, crea-o, em auxiliar a V. E. com todo o meu fraco valimento no bom serviço que vai prestar à nossa língua. Na minha edição de Morais e Silva há muitos acrescentamentos feitos por meu pai, e bastantes aproveitamentos de palavras, velhas na língua, e novas num vocabulário, de que eu tenho ido, há muito tempo, tomando nota.

Confio com muito gôsto o meu exemplar a V. E. (1). Era meu pai um amante apaixonado da língua portuguesa; e por isso nas de V. E., seu inteligentíssimo admirador, sei que fica em muito boas mãos.

Espero as suas ordens e assino-me

De V. E.

admirador, amigo e cr.º mt.º obgd.º

Eugénio de Castilho.

Lisboa, 25 de Set. de 1896.

---

(1) Castilho deixara numerosas e importantes notas manuscritas num exemplar do dicionário de Morais, exemplar, que se tornou propriedade de seu filho Eugénio e que êste pôs à disposição do destinatário desta carta.

C. de F.

De Fernandes Costa

General. Socio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa. Deixou várias obras em prosa e em verso. Destas, devem citar-se o Poema do Ideal, Saudades, Eterno Feminino, *etc.*

Meu prezadíssimo Cândido de Figueiredo

Entre os artigos, com que alguns colegas de imprensa têm feito favor ao meu livro (1), o seu é o primeiro que me dá prazer, por mostrar que me leu. Sinto que não fiz obra inútil, o que é o principal.

Trabalhei dois anos naquilo, dispendi bastante em livros caros, macei-me muito, primeiro que visse os volumes em pé e na rua, distribuí-os largamente pelos que dirigem e escrevem jornais, e foi o mesmo que deitar tudo num poço. Amigos e indiferentes limitaram-se a dizer o classico *recebemos e agradecemos,* e *amigos* houve, que foram pióres que os indiferentes, pois nem isso mesmo disseram.

O êxito da obra, sob o ponto de vista que mais interessa ao editor, está seguro, por circunstâncias especiais que se dão. Mas, pobre dêle, se essas circunstâncias se não déssem.

Os jornais, que estão cheios de gente, a muita da qual tenho feito repetidos favores, e que me não quér mal, suponho, não déram à obra coadjuvação alguma.

Sei que me faziam todos o obséquio que eu pedisse e que me publicavam os reclamos que eu arranjasse; já mo solicitaram alguns. Eu, porém, não quero nem posso. Continuarei a viver, como sempre vivi, e

---

(1) *Memorias de um Ajudante de Campo*, dois volumes em prosa.
C. de F.

a trabalhar sem nenhum desânimo, se me não faltar saúde.

Desculpe êste desabafo, que só tenho por saber que falo a um amigo e para que avalie por êle quanto lhe agradeço o seu artigo e por quanto lhe fico devedor.

Disponha em tudo do seu

am.º velho e leal confrade

Fernandes Costa.

S. C., Rua de Vasco da Gama, 7, 4.º — 23-6-96.

Meu caro Cândido de Figueiredo

Os seus artigos a meu favor denunciam, por mais que o não queira crêr, um bom pedaço de cegueira amiga, o que muito e muito me penhora, mas que não posso deixar de têr em conta, para os necessários abatimentos.

Sinto, como artista que sabe desprender-se e alhear-se da sua obra, que o meu poemeto tem seus méritos, e, se o não sentisse, era um inconsciente, coisa inadmissível em arte, creio. Todavia, não deixo de têr, como todos, indecisões e desconfianças, depois de a obra lançada a público, e por isso o louvor, vindo de quem sabe dá-lo e de quem tem competência para o dar, é de um inestimável alento.

Abraço-o, portanto, reconhecido do íntimo da alma, pela justiça e pelo favor, pois sei discriminar o que a cada um pertence.

Vi num jornal a leve notícia de que trabalha num livro de arte. Boa notícia, por tudo; não esquecendo a forte razão de sêr uma prova de que o seu espírito e a sua vontade estão mais bem dispostos do que andavam, há tempo. E isso alegra-me muito. Eu quero que seja verdadeiro, para nós, o velho grito de guerra: — «A velha guarda morre, mas não se rende».

Disponha sempre do seu

am.º e colega deveras grato

Fernandes Costa.

S. C., R. de Vasco da Gama, 7, 4.º — 29-X-96.

Meu caro Cândido de Figueiredo

Dou-lhe um abraço muito confraterno pela amabilidade com que tratou o meu *Poêma do Ideal,* e agradeço-lhe a fineza de me têr mandado o número do *Reporter,* em que o seu belo artigo saíu.

Sei perfeitamente que as suas ocupações lhe não permitem fazer maior análise do meu livro, nem estudá-lo mais fundamente, e sei quanto perco com isso, tanto no louvor que me não regatearia, como na advertência e no conselho, que me não fariam pêso nem sombra, dada a sua bôa intenção e o seu muito saber.

Creia, no entanto, que fico tendo como largo favor o modo como tratou o seu

amigo e colega muito grato

Fernandes Costa.

10·IV-94.

De Fernando Caldeira

Deputado. Autor de várias peças teatrais, como A Mantilha de Renda, O Sapatinho de Setim, Sara, Varina, Missionários. *Publicou um livro de versos,* Mocidades.

Ex.[mo] Sr. e prezadissimo colega

Perdôe-me V. Ex.[a]. Os demónios das eleições trazem-nos as cabeças doidas.

Tenho pedido ao Chagas incessantemente a resposta aos quesitos que lhe mandei. (1)

Êste deve têr respondido já. Quer V. Ex.[a] têr a bondade de lhe escrever, Rua de S. Joaquim, 25?

Aí vai um soneto, e receba V. Ex.[a] o meu maior agradecimento pela distinção de me incluir no seu livro. (2)

De V. Ex.[a]
Colega obrigadissimo

Fernando Caldeira.

(1880)

---

(1) Como Pinheiro Chagas demorasse a remessa de uns documentos que eu desejava, encarreguei Fernando Caldeira, seu intimo amigo, de obter êsses esclarecimentos.

(2) *Homens e Letras*.

C. de F.

De Ferreira Lapa

Lente de Agronomia, publicou vários trabalhos da sua especialidade, uotadamente à aplaudida obra Tecnologia Rural

---

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Sinto sobremaneira que a recomendação de V. Ex.ª me chegasse à mão, quando o logar de jardineiro do Instituto estava já dado a outro, que era o jardineiro do Matadoiro Municipal. Arranjei porém uma recomendação para o Presidente da Câmara Municipal, Rosa Araújo, a fim de o José de Oliveira, protegido de V. Ex.ª, entrar naquele último lugar.

Mostro desta fórma a minha bôa vontade em satisfazer os desejos de V. Ex.ª

De V. Ex.ª
m.^{to} venerador e servo

Ferreira Lapa.

Instituto Geral de Agricultura, 4 de Agosto, 1885.

De Francisco Palha

Chefe de Repartição no Ministério do Reino. Director do Teatro da Trindade. Entre as suas obras, avultam A Fábia, Musa Velha, *e o poêma* A Estátua

---

Il.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Agradeço muito a sua benevolência. Eu não tenho nome bastante ilustre, para poder figurar em obra de V. Ex.ª E isto não é falsa modéstia ; é o conhecimento de mim mesmo.

Para não corresponder com uma grossaria ao delicado convite de V. Ex.ª, direi que nasci a 15 de Janeiro de 1827, na Rua da Cruz de Santa Apolónia, n.º 6.

Em 1850 publiquei um volume de más poesias. Dêle foi editor Joaquim Fradesso da Silveira,—tão falado e querido das classes industriais, depois de haver sido o modesto iniciador do Centro Comercial e professor distinto da Escola Politécnica.

Por isso que as poesias eram más, e muitos volumes haviam sido consumidos pelo cupim no Rio-de-Janeiro, fiz 2.ª edição em 1859, edição que, a meu vêr, ainda hoje engorda traças nas prateleiras carunchosas dos livreiros pés-de-boi, únicos que havia em Lisbôa por aqueles tempos.

Mais tarde, publiquei um volume, contendo a *Fábia,* o *Andador das Almas* e a *Morte do Catimbau.*

Também publiquei em 1859 um folheto, relativo ao Curso Superior de Letras, e em 1870, creio eu,

---

(1) Referência ao meu livro *Homens e Letras.*

C. de F.

outro de trabalhosa investigação á cêrca das múmias que foram encontradas na capela de San Pedro de Alcântara, a Santa Apolónia, e mais não disse... para felicidade dos leitores.

Fico às ordens de V. Ex.ª, como

adm.or e cr.o at.o e m.to obg.do

F. Palha.

31-5-81.

De Garrett

O autor do Frei Luís de Sousa, *do* Alfageme de Santarem, *das* Viagens na Minha Terra, *do* Arco de Sant'Ana, *do poêma* Camões, *das* Fôlhas Caídas, *do* Romanceiro Português, *etc., está sempre presente à nossa memória e ao nosso culto.*

Il.mo Sr.

Há sete anos que a nossa Academia me fez a distinta honra de me mandar uma cópia, em gesso, do belo busto de Camões, com que V. S. enriqueceu as nossas artes. Por ocasião de uma mudança, padeceu o outro dia êste modêlo, que eu estimo muito; ainda que não é parte essencial a que sofreu, não me atrevo a mandá-la arranjar por qualquér pessôa, que talvez ma deteriore. Espero que V. S. quererá têr a bondade de se encarregar de a mandar fazer por minha conta e desde já lhe agradeço o obséquio.

Está claro que a despesa que possa fazer-se correrá por mim.

Eu sou, com muita estima,

De V. S.
m.to at.o colega

J. B. de Almeida Garrett.

12 Maio, 1845.

---

(1) Ao contrário das demais cartas dêste livro, que todas me foram dirigidas, esta carta de Garrett foi escrita a Francisco de Assis Rodrigues, professor da Academia de Belas-Artes e autor da obra *Dicionário Técnico e Histórico de Pintura, Escultura, Arquitectura e Gravura.*

Considero inédita a presente carta, encontrada no espólio do destinatário, assim como autógrafos de Machado de Castro e de outros, autógrafos que também possuo.

C. de F.

De Gervásio Lobato

Jornalista, colaborador de Pinheiro Chagas.
Autor de comédias aplaudidas, como O Comissário de Polícia, *etc.; autor de romances, como* Lisbôa em Camisa, Os Invisíveis de Lisbôa, *etc.*

Meu caro Cândido

Vai hoje fazer exame oral à mesa, que o meu bom amigo preside, o meu sobrinho e pupilo Augusto Gervásio Lobato do Carmo, filho do meu cunhado Augusto Alexandrino do Carmo, há pouco falecido. Eu, contando com a sua bondade, tómo a liberdade de lho recomendar com muita instância. O pobre pequeno ficou órfão de pai e precisa tratar da sua vida, procura habilitar-se para ganhar em breve o pão com o suór do rosto, e uma reprovação seria logo um embaraço sério no comêço do seu caminho, um grande desânimo e um grande transtôrno.

No exame elementar que fez há dias, deu êle boa conta de si e teve uma distinção; é êste um motivo mais para eu me atrever a recomendá-lo à sua benevolência para com todos e à amabilidade particular, com que se tem dignado honrar sempre o seu

amigo e confrade obgd.º

Gervásio Lobato.

19 de Maio de 1885.

De Gomes de Amorím

É o poéta dos Efémeros *e dos* Cantos Matutinos; *é o dramaturgo do* Ódio de Raça, *do* Ghigi, *etc.; é o romancista de* Os Selvagens, *do* Remorso Vivo, *de* As Fiandeiras, *etc.* *Escreveu em três grandes volumes as* Memórias Biográficas de Garrett

Meu querido poéta

Devo resposta à sua muito prezada cartinha de 12 do passado. O meu cada vez piór estado de saúde não me tem deixado escrever-lhe, nem permite agora que eu o faça como desejava. Não é falta de vontade de dar à língua, póde acreditar. — Estou para aqui, pôsto a um canto, como um traste inútil, de que a gente se quér desfazer e não acha ocasião para isso. Mas máu é pensar-se, porque, cedo ou tarde, ela virá! Nada posso fazer de literatura gorda ou magra; as Musas voltaram-me as costas quando me viram inválido, e, em geral, todas as letras parecem estar mal comigo, até mesmo as que estou escrevendo nesta ocasião, que, como vê, são todas desiguais. E, para me consolar do desânimo e tédio em que vivo, nem sequér tenho a certeza de que os poétas, — os verdadeiros, — como o meu amigo, estejam robustos e válidos, trabalhando para sua glória e meu contentamento.

Um compêndio! ameaça-me o meu excelente poéta com um compêndio, se nestas férias tivér saúde e paciência para o escrever! Tem razão. Eis para onde caminha a poesia portuguesa! Como há de um homem, que tão de alma como eu amou a sua terra e a sua gente, descer sossegado a ladeira da sepultura, vendo atrás de si os mais belos talentos sacrificados pelas necessidades materiais da vida?! E' certo, infelizmente, que a literatura dos compêndios é mais suculenta que qualquér outra nós, mas ai da nação que não pode ou não sabe sustentar os seus poétas e que renova no pre-

sente os tristes exemplos de um passado vergonhoso! Caminhamos para uma decadência tão rápida, que eu receio vêr ainda o termo da nossa vida, como povo independente, antes que termine a minha carreira. Faça o compêndio, meu prezado amigo, mas não renegue a lira, porque só as inspirações das almas jovens e privilegiadas como a sua poderão talvez regenerar-nos.

Escreva ao

seu amigo do coração

Francisco Gomes de Amorim.

—

Meu querido poéta

Acabei hoje de lêr o seu livro *Homens e Letras,* e venho por êste modo, em quanto pessoalmente o não posso fazer, agradecer-lhe a honra que me faz, incluindo-me na sua preciosa galeria, e o favor e benevolência com que me tratou, ouvindo mais o coração do que a cabeça. E' êste quase sempre o *defeito* das almas de eleição, por maiór que seja a inteligência do escritor; e, quanto a mim, é também o único defeito do seu livro. Não quero dizer com isto que nêle, como em todas as suas obras, se não alia o saber à bondade; mas pretendo justificar unicamente a opinião de que a sua pena se inclina mais para a indulgência do que para a severidade; que a sua crítica me parece às vezes prejudicada pelos seus sentimentos afectuosíssimos; que o juíz se não esqueceu nunca de que é amigo, e que, finalmente, se poderá talvez aplicar à sua última obra o célebre verso de Bocage, invertido dêste modo:

«*Geme* a justiça, *folga* a humanidade».

Mas, quem ousará queixar-se de têr sido tratado mais generòsamente do que esperava ou merecia? Eu, que só ao que me é relativo no seu formoso livro me estou referindo, daria prova de incontestável insensatez, se me queixasse. Qual seria, dos que estiverem no meu caso, se alguns há, que, vendo-se amimado, beijado e coroado de flores, tivesse a ingenuïdade de lhe pedir açoites e corôas de espinhos? Não creio que

haja nenhum; seria talvez mais possível, com quanto não seja provável, encontrar quem pedisse mais aplausos e louvores, não só porque disse Camões

«Que o louvor altos feitos persuade»,

como também por sêr a vaidade humana um monstro insaciável, mil vezes piór e mais voraz do que aquele

«Monstrum horrendum, informe, ingens...»,

de que fala Vergílio. Creio, porém, que o meu amável poéta não descontentou ninguém; e faço sinceros votos por que também o não descontente o público, esgotando-lhe ràpidamente a primeira edição do seu livro, e muitas mais, que a esta se hão de seguir, se acaso não morreu ainda de todo o gôsto da amena e instrutiva leitura nesta terra de tão bôa gente, que alimenta o espírito com jornais de déz réis.

Não tendo sido o seu intuito fazer uma obra de crítica, prestou contudo relevante serviço às letras pátrias e aos que as cultivam e preencheu a lacuna que existia na bibliografia portuguesa, desde que cessou a publicação dos trabalhos de Inocêncio. Receba pois os meus cordiais parabens, e novos agradecimentos pela sua inexcedível delicadeza. Os meus respeitos e os de minha família a sua mulhér, minha Senhora, e aceite um abraço afectuosíssimo do

seu amigo do coração

Francisco Gomes de Amorim.

(1882)

De Gomes Leal

É o grande poéta das Claridades do Sul, *do* Anti-Cristo, *da* História do Jesus, *etc.*

Meu querido amigo

Agradeço-lhe efusivamente as palavras, quentes pelo calor da sua bela alma de verdadeiro poéta, que me dirige no *Globo* (1) de Domingo. Lêem-se com o coração, que foi como eu as li.

Desta fórma é que a gente pode chegar a perceber como o nosso pequeno mérito pode crescer e avolumar-se tanto, entrevisto pela lente aumentativa de um poéta e de um coração de oiro, de amigo.

Abraço-o afectuosamente, meu caro Cândido.

G. Leal.

Lisboa, 16-IX-89.

---

(1) Jornal lisbonense, redigido pelo Visconde de Sanches de Frias, pelo Dr. Simões Dias, e por mim.

C. de F.

Meu prezado amigo

Concordo em que fez muito bem em coleccionar as suas poesias selectas. (1) Todos os bons poetas o deveriam fazer, e até mesmo, além dos de água salgada, os de água dôce. Pena é que, por exemplo, do seu poêma *Tasso* eu só pudesse lêr coleccionados tão escassos fragmentos.

Em todas as suas poesias encontrei uma fórma académica e elegante, aliada à elevação dos conceitos humanitários, sem o quê, a poesia, por mais bela que seja, descai numa logomaquia rimada, uma espécie de egoísmo rètórico e literário.

Escusado é dizer-lhe, pois, que dessas líricas apreciei, sôbre as demais, o seu *Poêma da Miséria* e a tradução do *Livro de Job*, porque Job é ainda a humanidade sofredora, que chora, insurge-se, pacienta, vocifera e interroga Deus sôbre o enigma, o porquê da Dôr e a dura miséria do destino humano, o seu próprio destino feroz.

Abraça-o pois, com a maior cordialidade literária, o seu do coração

Gomes Leal.

S. C., 7-9-908.

---

(1) Referência à minha colecânea *Peregrinações*.

C de F.

De Gonçalves Crespo

Deputado. Redactor do Diário da Câmara dos Pares.
Deixou dois memoráveis livros de versos: as Miniaturas *e os* Nocturnos

---

Cândido

Dou-te parte que transpuz os barrocais. Estou novato. Quér-me parecer porém que tu de algum modo, na sombra, me levantaste do caminho algumas pedras e fizeste por me aplanar dificuldades. Vem a sêr a minha suspeita que tu arranjaste em Viseu uma carta do Rosado para o Dr. Albino. Será verdade? Se o é, fala, que te quero agradecer. No entanto, tinha matutado comigo quem seria o oficioso amigo. Lembrou-me o Viana Bota (1); êsse porém não sei que tão grande amizade me tenha, para me andar espionando e indagando quando faço ou deixo de fazer exames...

Esta vida aqui, meu amigo, é insuportável, hedionda (2). Não se vê viva alma nem se conversa. Tenho lido o Shakespeare, em quanto me não chegam os cobres para a partida. Tu, incansável sempre, lá te mostras, de vez em quando, impresso. Li um teu folhetim no *Jornal de Viseu;* gostei, mas puderas alongar-te mais. Verdade é que prometes para Junho, (pelo que eu entendi), continuação.

Saberás que me embalam ideias de publicar um livreco de ninharias: se em Lisbôa arranjasse os tipos que eu desejo, em Outubro dava começo. Em Paris, a edição fica-me dispendiosa, e tanto, que a venda de

---

(1) Referência ao proprietário de uma célebre hospedaria de Viseu, vulgarmente conhecido pelo *Bota-Carvão*.

(2) Em Coimbra, durante férias.

C. de F.

uns pequenos volumes, como quero os meus, não podia deixar de sêr por mil e quinhentos. Quem me compraria? Vê tu porém por quanto ficaria em Lisbôa uma edição elzeviriana, com retrato agua-forte, e capa com certos emblemas que darei. Papel de Holanda ou velino. Formato, maiór que o teu Murger, um pouco maiór. Folhas de impressão, doze.

Desculpa, filho; mas, como não tenho em Lisbôa entendedores, é êsse o motivo da importunação. Faz tu o mesmo.

O retrato, talvez o mande fazer no Pôrto. Será melhór que não fales dêle ao sujeito que consultares.

Manda-me e escreve ao teu

G. Crespo. (1)

---

(1) Esta carta não tem data, mas, provàvelmente, é de férias de Páscoa de 1870.

C. de F.

Cândido

Só hoje soube que estavas adoentado. Que não seja coisa de cuidado é o que mais desejo.

O meu livro (1) ficou pronto no Domingo último; e aí está a razão porque não to enviei, como tinha tratado comtigo. Esperava-te na segunda ou terça feira, para pessoalmente te entregar o livro; no entanto, aí vai êle. Por ora, só falaram nêle a *Revolução*, o *Jornal da Noite* e o *Primeiro de Janeiro*; os outros têm-se conservado calados.

Por aqui, nada de notável.

O João (2) bem e eu razoável.

Esperamos-te breve e de saúde rija.

Adeus.

G. Crespo.

Coímbra, 21 de Abril.

---

(1) Referência às *Miniaturas*, um dos mais admiráveis e perduráveis documentos da poesia lírica portuguesa.

(2) Pelo simples nome de *João* é que vulgarmente designávamos João Penha, nós, os redactores da *Folha*, ou antes o grupo dos contemporâneos que mais o prezavam e de perto lhe cultivavam as relações, — o Guerra Junqueiro, o Teixeira de Queirós, o Bernardino Machado, o Frederico Laranjo, o Marçal Pacheco, o Garcia Redondo, etc.

C. de F.

Meu caro Cândido

Respondo à tua circular.

Nasci no Rio de Janeiro, cidade e capital do Império do Brasil, no dia 11 de Março de 1846.

Publiquei, quando estudante em Coímbra, no ano de 1870, um volume de versos, as *Miniaturas,* de que já se esgotou a segunda edição.

Formei-me na Faculdade de Direito em Coímbra, fui deputado pelo Ultramar na legislatura de 1879.

Sou sócio do Instituto de Coímbra e ocupo hoje o lugar de redactor das sessões da Câmara dos Dignos Pares do Reino.

Colaboro no *Jornal do Comércio* de Lisboa.

Além de tudo isto, sou, como sabes

teu velho amigo e admirador

Gonçalves Crespo.

—

Meu Cândido

Recebi o teu belo livro (1) antes de ontem à noite Escuso de te dizer que a primeira coisa que fiz foi lê o artigo que me dizia respeito. Li-o, gostei e agradeço-te as boas palavras com que me honras. Depois da leitura dêsse artigo, fui-me ao resto do livro e devorei-o. Bom estilo, bom gôsto, ótimo critério, nada de lantejoilas a-la-moda, nada de substantivos, metidos entre dois policias adjectivos, grande propriedade nestes, verbos que não disparatam, mas que pintam convenientemente o que tu queres dizer, em-fim um livro desenfastiado e livre e limpo das frandulagens modernas.

Muito obrigado pelas palavras e estima com que sou honrado, e muito obrigado pelo teu presente.

Sempre, com a maiór cordialidade,

teu velho amigo e velho admirador

Gonçalves Crespo.

T. C., 8 de Fevereiro, 1882.

---

(1) *Homens e Letras.*

C. de F.

De Gonçalves Viana

Poliglota assombroso, que conhecia a maior parte das línguas da Europa e algumas da Asia, além do sânscrito, do grego, do latim e do árabe. Filólogo, respeitado em todo o mundo culto. São obras suas as Apostilas aos Dicionários, *as* Palestras Filológicas, *a* Ortografia Nacional, *etc., etc.*

Ex.^{mo} amigo e Snr.

Recebi ante ontem a sua carta de 15 dêste mês, e vou procurar satisfazer às suas preguntas, começando por agradecer-lhe a notícia lisonjeira, que deu do meu livro. Permita-me ainda um parêntese. Li hoje a menção, feita pelo meu amigo no *Diário de Notícias,* da versão portuguesa da novela de César Cantu, *Margherita Pusterla,* que é de esperar seja excelente (1). Eu, por mim, encantado com o original, traduzi em 1886, para as *Repúblicas,* o pàtético episódio da *Annegala,* tradução, que, há uns dois ou três anos, foi reproduzida no *Dia,* com algumas pequenas correcções.

Al grano! E' provável que na 2.ª feira à noite eu esteja em a casa editora, e recomendar-lhe-ei então que envie um exemplar a essa Redacção.

Sôbre a inscrição nada pude apurar. Se é escandinava, sueca por exemplo, significaria *lei (low), bem (godt),* mas o resto?

A questão do *x* é escabrosa: eu procurei sair dela, mas, francamente, não me pareceu nunca que o pudesse fazer definitivamente. O Vasconcelos-Abreu, antes de oito dias, estará outra vez em Lisbôa; e, se o meu amigo quisesse, reunir-nos-íamos os três em qualquér parte, — na Sociedade de Geografia, por

---

(1) O tradutor foi o exemplar e modesto escritor José Caldas.

C. de F.

exemplo, e discutiríamos o caso. Mas, antes, algumas considerações vou apresentar à sua apreciação.

E' facto que *cs* (1) não é grupo português; mas também *ps* o não é, e não deixa por isso de usar-se em vocábulos doutos. Veja o meu amigo o que eu digo, a respeito de *cs* por *x*, na *Ortografia Nacional*, procurando no índice alfabético.

Não é pois o desusado do grupo o que me preocupa, pois êle terá de figurar raras vezes, conquanto o *x* valha modernamente *cs* em vocábulos, nos quais dantes valia *x* (como em *xairel); no* meu tempo dizia-se *anexo, prolixo* o que hoje se profere *anecso, prolicso*. Formação douta, que não reprovo, porque tais palavras não têm origem evolutiva, nem são populares. O que na realidade me impressionou é a pronúncia *aixílio, troixe*, etc., principalmente a da última fórma, por sêr popular. *Fixo* começou por sêr *ficsso* em latim vulgar, para dêle resultar o *fixe*, pop. port., o *fixo*, castelhano antigo, do qual o *fijo* moderno, com *j* gutural.

Resta examinar quais os vocábulos, verdadeiramente populares, que em algumas partes do reino se profiram com *x*, ao passo que geralmente se proferem com *ss*, e entre êles o *trouxe*, etc., que citei. Cf. *dixi*, latim, que deu antigamente *dixe* e ao depois *disse*, na pronúncia e na escrita, que ninguém repudia, suposto haja ainda pontos do país, em que se continúa a pronunciar *dixe*. E' daqui que eu deduzi as fórmas gerais que adoptei, *aussílio, próssimo*, (cf. em cast. moderno *prójimo* e *próximo* (=*prócsimo)*, pela fórma comum antiga *próximo* = *próximo ;* exactamente a cisão em *fixe* e *ficso, (fixum* = *ficsum)*.

Com relação a *Máximo*, presumo que a pronúncia beiran *Máximo* é influência da escrita, pois o vocábulo não é popular, segundo me parece, ou então é semi-erudito, como grande parte dos nomes de baptismo.

Olhe, aqui tem outro vocábulo que se reformou

---

(1) Referência à escrita *prolicso*, *ficso*, etc., aventurada por alguns.

C. de F.

pela escrita: de *baptizare,* latim, fez-se popularmente *bautizar* que regressou á fórma antiga *baptizar,* na qual, porém, ninguém profere o *p,* actualmente, mas em que já foi pronunciado, como o prova o valor *à* do *a* que o precede, e que de outro modo seria *a.*

Repito, a questão do *x* não a considero absolutamente resolvida, e por isso me parece oportuna a nossa reunião, para que fique assente de vez. O meu amigo pode, com muita vantagem para a resolução, contribuir com a pronúncia beiran dos vocábulos em que êle figura, e que é utilíssima (1).

Amigo e obrigado

A. R. Gonçalves Viana.

Lisbôa, 20 de Fevereiro de 1904.

---

(1) Impossível a figuração de algumas letras de fonética especial, por não haver tipos próprios na tipografia.

C. de F.

Ex.^{mo} amigo e Sr.

Recebi hoje o seu bilhete desta data, e vou responder o que pude averiguar.

Conforme o *Dictionnaire Latin-Français* de Theil, (Paris, 1889), em latim *diabetes* (1) é masculino, género gramatical que trouxe do grego *diabetes* (2), que, segundo W. Pape, *Griechisch-deutsches Wörterbuch,* (Brunsvique, 1880), masculino é, e entre outras accepções tem a de *Karnrhur,* convém saber, *incontinência de urinas,* a que chamamos com os Franceses *diabète, diabétis.* A razão da terminação *is* provém talvez da pronúncia do *eta* (grego) final como *i.* Ora, como em grego e latim a palavra é masculina, fico sem saber porque se faz feminina em português, a não sêr por imitação do castelhano, *la diabetes,* porque em italiano e francês é masculina.

Quanto a *laringe,* ou *larynge,* o vocábulo (grego) *larunx,* ainda conforme Pape, é masculino e feminino. Em latim, parece que se não usava ; o mesmo à cêrca de faringe.

Obrigado pelo apontamento à cêrca de *açã, açãs,* e pela referência à locução *a-olhos-vistos.*

Li ontem todo o seu novo livro (3), e aqui vou

---

(1) Sôbre os dois *e e* desta palavra devia estar o sinal–, caracteristico das silabas longas latinas, que a tipografia não possue.

(2) As palavras gregas desta carta estão escritas em caracteres gregos, mas reproduzem-se em caracteres romanos, por não haver outros na tipografia em que se compõe êste livro.

(3) *O que se não deve dizer,* vol. II.

C. de F.

pois transmitir-lhe algumas observações que me sugeriu a leitura, pela ordem por que as fui coligindo.

1.ª— *Sebastopol*. Os Russos acentuam *Sebastópol*, de acôrdo com a acentuação grega de *Sebastós*, *(augustus... civitas augusta)*.

2.ª— *Tauródromo* não me parece que esteja no caso de *hipódromo*; neste, os cavalos *correm*; na praça de toiros, *são êstes corridos*. No primeiro caso, o verbo correr é intransitivo; no segundo, transitivo. O hipódromo chamava-se dantes *carreira dos cavalos*; para o tal *tauródromo*, o melhór é *tauromaquia*, que V. já registou no seu *Dicionário*. Nem é objecção que êste vocábulo queira dizer *toireio*, porque também *naumaquia* é o certame de navios, e o lugar em que êle se realiza. Há reliquias de uma *naumaquia* em Mérida.

3.ª— *Sabbat*. Outro correspondente português é *balhadoiro*. Assim se chama num sítio ao pé de Leiria.

4.ª— Cheque; *xaque*. Como o termo nos foi transmitido pelos Árabes, é naturalíssima a fórma *xeque* por *xaque*, com o que se chama *imala (a = i, e)*; tanto assim é que o árabe * * * (1) o que deu em português foi *xeque*, (velho, ancião, régulo, regedor).

5.ª— *A menos que* sabe-me a castelhanismo.

6.ª— *Pretensão*, em castelhano *pretensión*, em italiano *pretensione*, sòmente em francês *prétention*. Logo, *s*, e não *ç*.

7.ª— *Nomes étnicos*. Em francês, quando o nome étnico é substantivo, escreve-se com inicial maiúscula: *les Français, les Portugais, les Russes*, etc.

8.ª— *Agapito*, em grego *Agapetos*, em latim *Agapetus*. O *eta* (grego), pronunciado como *i* é que deu o *Agapito* posteriôrmente. A sílaba tónica é a penúltima em latim.

9.ª— *Consuelo*. Em castelhano, pronuncia-se com um *e*, que é meio-termo entre *é* e *ê*, mais *ê* que *é*, como todos os *e e* nessa língua; outro tanto acontece com os *o o*, que não são *ó* nem *ô*.

---

(1) G. Viana, no original da carta, designa o termo em caracteres arábicos que, por os não possuirmos na tipografia, se substituem aqui por asteriscos.

C. de F.

10.ª — *Rastaquoère > rascacueros, raspacoiros,* conforme João Barés, *(Le Reformiste);* parlapatão.

11.ª—*Reclamo.* O pregão não é só falado, é tambem escrito. Haja vista o *Praeco Latinus,* periódico alemão, que é publicado em latim.

12.ª—*Os ditongos puros* não são sòmente 8, mas 12: *ái, áu, âi, éi, êi, éu, êu, íu, ói, ôi, ôu, íu.*

13.ª—*Fênix.* Comparável a *Fênix* é *Felix,* nominativo latino *felix.* Os Italianos dizem *Felíce* > acusativo latino *felicem.*

14.ª— O japonês não é monossilábico, mas até muito polissilábico. Poderia têr citado qualquér dos idiomas da Indo-China: siamês, anamita, bramá.

Vou estudar o vocábulo *almaço,* tendo em atenção o *al (o) maço.*

Sôbre *sismar > ensimesmar* (?), escreverei no *Dia* um artigo.

Amigo e obrigado

A. R. Gonçalves Viana.

Lisbôa, 28 de Agosto de 1909.

Ex.mo amigo e Sr.

Respondo ao seu bilhete, recebido hoje.

Se se fizér outra edição das *Apostilas,* terei muito que acrescentar e alguma coisa a corrigir. Nos interfólios do meu exemplar tenho um sem-número de notas e bastantes abonações novas. Mas duvido de que haja outra edição.

Denominam-se fórmas rizotónicas aquelas linguagens dos verbos, por exemplo, que têm como sílaba predominante, *tónica,* em português, a última do radical; exemplo: *lôuva, copía;* arrizotónicas são as que têm o acento na terminação ou desinências; exemplo: *louvâmos, louvámos, louvarei, copiâmos, copiámos, copiarei,* etc. *Faltar* é fórma arrizotónica, porque o acento está na terminação, conquanto o *al* da primeira sílaba se não obscureça. (V. *Vocab. Ortogr., in fine, Conjugações).*

Chama-se *anaptixe* a intercalação de uma vogal, desunindo-se duas consoantes; exemplo: *carapinteiro, igonorar,* populares, por *carpinteiro, ignorar.* Essa vogal intercalada diz *anaptíctica;* é o *suarabakti* da gramática sanscrítica,

A palavra *càveira* > *caaveira* > *calaveira,* (castelhano *calavera),* veio de *calvaria,* latino, com a vogal anaptíctica *a* entre o *l* e *v.*

Está bem explicado?

Amigo e obrigado

A. R. Gonçalves Viana.

16-IV 912.

Ex.^{mo} am.º e Sr.

Quando recebi o seu bilhete postal, (agora mesmo), já havia respondido em outro à carta. Dos dicionários espanhóis que tenho, só dois trazem o vocábulo *proyetil,* e em nenhum dêles vem com acento marcado; portanto é claro que os seus autores mandam acentuar *proyetíl,* visto que são rigorosos na acentuação gráfica castelhana. Isto porém não é suficiente, pois a autoridade de qualquér dêles é escassa. O dicionário italiano de Petrocchi, (o melhór que conheço), marca a acentuação *proiétile,* que é a exacta.

Amigo obrigado

A. R. Gonçalves Viana.

5-8-900.

Ex.^{mo} am.º e Sr.

Eu agora não estou na Alfândega, mas sim no edifício do Terreiro do Trigo, (Inspecção do Serviço Técnico), incumbido, com mais dois colegas, de uma sindicância que não sei quando terminará.

Quanto à Comissão (1), de que fazemos parte, soube dela pelo *Diário do Govêrno,* conquanto a tivesse visto mencionada em vários jornais. Sei que a iniciativa partiu do Dias Coelho, da Imprensa Nacional, e que foi o Director da Imprensa, Derouet, quem indigitou as pessoas que deveriam compô-la e que foram aprovadas pela Repartição de Instrução Pública. Foi pena que não indicassem o Júlio Moreira e o Cortesão, partidários, como nós, da simplificação e regularização ortográfica. Não sei também a quem incumbe fazer a convocação, mas parece-me que deve sêr o Director Geral.

Muito amigo e obrigado,

A. R. Gonçalves Viana.

27-II-911.

---

(1) Comissão oficial de Reforma ortográfica, nomeada em 15 de Fevereiro de 1911, e constituída por Carolina Michaëlis, Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho e Leite de Vasconcelos, a que depois foram agregados Gonçalves Guimarães, Ribeiro de Vasconcelos, A. Epifânio, Júlio Moreira, J. J. Nunes e B. Grainha.

C. de F.

De Guerra Junqueiro

O grande poéta dos Simples, *da* Velhice do Padre Eterno, *da* Morte de D. João, *da* Pátria, *da* Musa em Férias, *da* Oração à Luz...

Caro amigo (1)

Não recebi as cartas a que alude.

Fui eleito (!) por Macedo de Cavaleiros.

Publiquei *Vozes sem Eco* em 67, *D. João* em 74, *Musa em Férias* em 78 e o *Melro* no mesmo ano, afora alguns folhetecos insignificantes, de que não possuo um único exemplar.

Faço 30 anos em 15 de Setembro, sou natural de Freixo de Espada à Cinta, bacharel em Direito, vacinado e seu amigo certo,

G. Junqueiro.

Viana-do-Castelo, 29.

---

(1) Esta carta eram apontamentos biográficos para o livro *Homens e Letras.*

C. de F.

Caro amigo

Estou há dez dias de cama.

Mandei distribuir os volumes.

Logo que me levante, enviar-lhe-ei a importância dêles.

Obrigado pelas amabilidades.

Livreiro aqui não há. Existe apenas um mercieiro, que vende cartilhas, Júlio Verne, e pouco mais, por simples curiosidade. *Vende* é um modo de dizer. Tem à venda, porque, de resto, ninguém lhe compra.

Am.º obgd.º

G. Junqueiro.

Viana-do-Castelo, 14-2-92.

De Guilherme Braga

Foi o malogrado autor do livro de versos Primaveras; *dos poemetos de combate* O Bispo *e* Os Falsos Apóstolos; *da interessante paródia, o* Mal da Delfina, *etc.*

Meu distinto amigo

Só hoje me chegou às mãos a sua prezadíssima carta de 8, que me enviaram do Pôrto, donde saí há seis dias a procurar nestes ermos algum alívio a um sofrimento pulmonar, coisa que vitíma de preferência, entre as névoas da cidade heróica, os desgraçados que fazem versos (1).

A pergunta que fiz a Silva Pinto nasceu da muita necessidade que eu tinha de saber a quem devia a honra imerecida, com que me distinguiu o Instituto de Coímbra. E' verdade que Joaquim de Araújo, um rapaz inteligente que principia a mostrar-se entre os novos lidadores literários da nossa terra, procurando-me um dia para pedir-me pela décima vez uns versos para a *Harpa,* me preveniu de que de Coímbra lhe havia escrito um amigo a indagar se eu aceitava, caso me nomeassem, a distinção que recebi mais tarde. Calcula decerto que respondi afirmativamente, mas sem que, por nenhum modo supusesse o Araújo capaz de arvorar-se mentiròsamente em intérprete dos meus desejos. O autor das *Parietárias* póde bem relevar ao esboçador dos *Falsos Apostólos* êste santo orgulho de não pedir nunca favores de certa ordem. Quando, meses depois, Joaquim de Araújo me deu a notícia da no-

---

(1) Efectivamente, morreram tísicos os poétas portuenses Soares de Passos, Ernesto Pinto de Almeida, Hamilton de Araújo, Pinto Ribeiro Júnior, Guilherme Braga...

C. de F.

meação, fiquei penhorado em extremo pela delicada lembrança dos proponentes, e agradeci do íntimo o obséquio, tão inesperado quanto honroso.

Agora, que sei que lhe sou devedor de tal fineza, apesar de a iniciativa têr partido de um pobre moço que me ia comprometendo só por querer sêr-me agradável, aperto-lhe a mão com todo o fervor da minha alma, que é sincera nestas manifestações de agradecido afecto, como costuma sê-lo nas outras, em todas. Peço-lhe que transmita ao seu colega êste tributo de gratidão, e peço-lhe sobretudo que acredite no prazer que recebi, por saber que lhe posso chamar duas vezes consócio.

Recebeu o *Bispo*?

De V. Ex.ª

colega e amigo muito dedicado

Guilherme Braga.

Vila da Feira, (Quinta de Ribas), 13-II-74.

De G. de Azevedo

Jornalista e poéta distintíssimo. Além dos livros de versos de que abaixo dá notícia, colaborou assìduamente na Fôlha Nova, António Maria, *etc.*

Meu amigo

Uma das grandes venturas da minha vida consiste em têr escapado ao *Hig-Life* do *Ilustrado*. Você entendeu fazer-me sair de tão cómoda e venturosa obscuridade, e eu não terei provàvelmente fôrças para o demover do propósito de me enfileirar entre as *celebridades* do país. Resigno-me pois a enviar-lhe os esclarecimentos que me pede. A minha biografia é pobríssima.

Nascimento: — Santarém, 30 de Novembro de 1846.

Diplomas literários: — Nenhuns. Simples estudos de humanidades num desumano liceu da terra.

Obras: — *Aparições, Radiações da Noite, Musa Nova,* (tudo versos). Prometo não reincidir.

Actualmente, folhetinista da *Gazeta de Notícias* em Paris, onde espero continuar a residir por algum tempo, às suas ordens.

Considere-me sempre e como dantes

amigo e v.or

Guilherme de Azevedo.

Paris, Boulevard St. Germain, 88. 14-XII-80.

De Guimarães Fonseca

Bacharel estúrdio e excêntrico. Em verso, publicou o poema A Fada, *e deixou nos periódicos composições várias.*

Meu bom amigo

Tu sabes o texto cristão: *ex ore infantiae nascitur veritas.* Isto, parafraseado, dá a seguinte máxima, não menos cristan e humana: *a infância é sempre sábia;* e em exames de instrução primária especialmente, quando ela apenas tenta o vôo com as asas implumes para o templo da sabedoria, (como diria o Padre Teodoro no *Feliz Independente),* nesses exames, repito, é ultra-sapiente, e eu, ainda que ela apenas soletrasse, aprovava-a.

E' o que peço que tu faças ao menino, que mestre Libânio te apresentará; e nota que mestre Libânio, professor de instrução primária em Almada, é um grande mestre.

Aperta-te cordialmente a mão

Guimarães Fonseca (1).

---

(1) Sem data. Tálvez 1884 ou 1885.

C. de F.

De Inocêncio F. da Silva

Sócio efectivo da Academia Real das Sciências. Autor, entre outras obras, do grande Dicionário Bibliográfico Português.

═

Amigo e Sr. Cândido de Figueiredo

O poema *Agostinheida* em que me fala, é muito meu conhecido, e até no tempo da minha rapaziada caí na asneira (se o é) de copiá-lo de cabo a rabo não menos de duas vezes, — cópias que se tresmalharam com o tempo e não sei que foi feito delas. Do poema foi autor Nuno Alvares Pereira Pato Monis, e saiu a primeira vez impresso em Londres, em 9 cantos, e anónimo, no ano de 1817, como o meu amigo póde vêr no *Dicionário Bibliográfico,* tomo 6.º, a pág. 307 e 308. Ao princípio, foi pelo autor composto em 7 cantos, (vi o autógrafo), que depois levou a 9. E jàmais poderia em caso algum atribuir-se a Curvo Semedo, que foi sempre amigo e admirador de José Agostinho. Na parte histórica ou biográfica do poema há muitas e graves inexactidões, como haverá ocasião de notar, se algum dia acaso virem a luz as minhas *Memórias para a vida intima do Padre.*

Os que só conhecem José Agostinho como um defensor ferrenho e enraivado do absolutismo ignoram que êle foi toda a vida *rèpublicano* e que disso fazia profissão e alarde, como até pode vêr-se em muitos lugares dos seus escritos impressos, quér sérios, quér burlescos, e ainda mais em outros, inéditos, que tenho presentes. Daqueles, lembram-me agora os quatro, quanto a mim, mui conceituosos e significativos ver-

sos, com que fecha uma apóstrofe, em que a si próprio se retrata, no final do 3.º canto da *Viagem Extática:*

> «Ouve a voz de um filósofo, que sempre
> Pôs em balança igual choupana e trono:
> Que o ente racional no homem contempla,
> O mesmo berço e túmulo — e mais nada.»

Já vê pois o meu amigo que, havendo do poema duas edições, fraco resultado poderia colher o editor, que intentasse na actualidade uma terceira.

E' o que, muito à pressa, se me oferece dizer-lhe em resposta à sua estimada carta de ontem.

E sempre e em tudo ao seu dispor, como

amigo deveras e servo obrigado

Inocêncio Francisco da Silva.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1873.

Prezado amigo

Creio cumprir um dever propor o meu amigo, (se o não leva a mal), para sócio da Academia das Sciências, onde em verdade figuram alguns nomes com títulos bem inferiores aos seus. Mas para o fazer é mistér apensar à proposta os seus trabalhos *scientíficos e literários.* Eu possuo todos, porém confesso que me custaria muito o haver de desapossar-me dêles, pelo apreço em que os tenho e por serem dádivas suas. Assim, se o meu amigo tem exemplares de todos, ou ao menos dos mais importantes, grande mercê me fará em remeter-me para o fim indicado, — ou seja pelo correio, ou inclusos em alguma remessa de livros, que os livreiros daí enviem para os de cá, o que suponho fazem com freqüência: com isso evita-se despesa do porte.

Como as obras têm de passar às secções de Literatura, de Jurisprudência, e de Sciências Económico-administrativas, bom fôra que viessem quanto antes, para que o processo possa concluir-se antes de férias, que hão de começar no 1.º de Agosto.

Adeus. Creia-me sempre e deveras

amigo e cr.º obgd.º

Inocêncio Francisco da Silva.

Muito prezado amigo

A *Gramática,* em que me fala, deve sêr a que em 1778 saiu à luz com o título *Grammatica Indostana, a mais vulgar que se pratica no Império do Grão-Mogol, para uso dos muito reverendos padres missionários do dito Império*. Há dela uma 2.ª edição, (Lisboa, 1805). Existem ainda exemplares à venda no armazém da Imprensa Nacional. Na livraria do amigo A. M. Pereira há um exemplar, que V. E. poderá vêr, se quisér poupar-se ao maiór trabalho de vêr outro nesta sua casa.

Há também, semelhantemente do mesmo ano e com igual reimpressão, *Grammatica Maratha, a mais vulgar que se pratica nos reinos de Nizamaxe e Idalxá, offerecida aos muito reverendos padres missionários dos ditos reinos.*

Tanto uma como outra são anónimas. Tenho para mim que os seus autores, (ou talvez o de ambas), foram jesuítas portugueses, dos que, por aquele tempo, residiam em Roma, expulsos de Portugal, e já depois de abolida a Companhia por Clemente XIV. Isto mesmo digo no *Dicionário Bibliográfico,* tomo III, pág. 161 e 162, onde também falo da *Gramática da Língua Concani,* escrita por um missionário do século XVII. Averiguar hoje os nomes de tais escritores será, me parece, algum tanto difícil; e, quanto a mim, nada posso acrescentar.

Sempre entendi que as suas ligações com o celebérrimo Carreira (1) haviam de durar pouco, e que o

---

(1) Carreira de Melo, dono de um colégio que houve na Rua da Esperança, e de que fui director algum tempo. Veja-se adeante uma nota às cartas de Tomás Ribeiro.

C. de F.

desfecho seria tal como o meu amigo me diz, porque conheço de sobra aquele animal, que tem sido e será sempre em tudo um verdadeiro trampolineiro. Veremos agora como êle se sai da presidência da Direcção da nova Companhia dos Vinhos da Bairrada, em que se me afigura que há de *dar bom burro ao dízimo,* como diz um nosso antigo rifão ou anexim. Lá foi êle agora descubrir para o colégio dois novos professores, de cuja entrada tem feito nos jornais o costumado alarde. Provàvelmente, não o aturarão muito tempo. Se no seu tempo dizia Salomão que *o número dos tolos é infinito,* bem podemos nós dizer no nosso que *o número dos tratantes não tem conto.*

A sua candidatura na Academia está demorada, à espera de que o meu confrade Viale, que serve agora de presidente da Secção de Literatura, faça reünir a secção, para o exame das obras e relatório subseqüente. Tenho já falado nisso por mais de uma vez, porém aqueles senhores são tão marralheiros!

Adeus. Desculpe-me a pressa e o mal alinhavado desta, crendo-me sempre e deveras

amigo afectuoso e servo obgd.º

Inocêncio Francisco da Silva.

S. C., 25-XII-74.

—

Prezado amigo e Snr.

Bem desejo servi-lo no que me indica, escrevendo, pois que assim o quér, *algumas linhas* para o *Cenáculo*; mas o trabalho que me aponta é coisa mais séria e para a qual nem estou agora preparado, nem posso preparar-me por em-quanto. A amaurose, que há sete ou oito anos me tornou inútil o ôlho direito, comunicou-se agora ao esquerdo, de sorte que mal posso com êle distinguir as letras, e apenas escrevo pelo tacto. Procurarei contudo satisfazê-lo, e logo que possa enviarei alguma coisa para os números seguintes. Se não fôr para o 2.º, irá para o 3.º.

A proposta académica *não naufragou* (1). Anda como tudo o que é da Academia. O Sr. Viale, que se encarregou do exame dos escritos de V. E., já tem o seu relatório pronto, há mais de mês e meio, segundo me disse; mas não foi até agora possível reünir a Secção de Literatura, onde aquele relatório tem de sêr discutido e julgado pelos membros dela, — Viale, Pinheiro Chagas, êste seu criado, e, como adjuntos, Túlio e Teixeira de Vasconcelos. Estão no mesmo caso as propostas de não sei quantos candidatos, que hão de sêr tratadas conjuntamente. A questão é *de tempo*. Quanto ao mais, creio sêr negócio feito.

Creia-me sempre

amigo e servo obgd.º

Inocêncio Francisco da Silva.

S. C., 21-2-75.

---

(1) Inocêncio, muitos meses antes, sendo eu ainda estudante da Universidade de Coímbra, tinha-me proposto para sócio da Academia Real das Sciências. A demora da eleição levara-me a preguntar ao proponente se a proposta tinha *naufragado*.

C. de F.

De João de Deus

Um dos maiores poétas de amor da nossa literatura. Benemérito educador e apóstolo da instrução, autor da célebre Cartilha Maternal. *Os seus versos foram reünidos no volume* Campo de Flôres. *Era também dotado dum notável talento de desenhador*

Ex.mo Sr.

Faz-me muito favor, transcrevendo e dispondo de seja o que fôr que eu tenha escrito (1). O que não sei é se o n.º 49 (2) é do tempo da minha redacção, nem tenho aqui meio de verificar. V. E. desculpará que eu não tivesse o mesmo cuidado a respeito da sua boa crítica às minhas *Flores* (3). Desleixo meu (e às vezes falta de estampilhas...)

Do C.

João de Deus.

Lisbôa, 22-XI-69.

---

(1) Referência à transcrição, que eu fiz, em nota ao meu livro *Tasso*, de um magnífico artigo de João de Deus, em defesa da simplificação ortográfica.

(2) Do *Bejense*, periódico, que foi dirigido algum tempo por João de Deus.

(3) Crítica às *Flôres do Campo*, de João de Deus, publicada na revista literária de Coímbra, *A Fôlha*.

C. de F.

Meu querido amigo

Eu já tinha pedido a meu irmão que lhe enviasse a nota que pedia, e supunha-a remetida.

Nasci a 8 de Março de 1830, em San-Bartolomeu de Messines, no Algarve.

Fui para Coímbra em 1849, entrando na Universidade nesse ano. Formei-me em 1859.

Redigi o *Bejense* em 1860.

Fui eleito deputado em 1868.

Flôres do Campo, em 1869.

Ramo de Flores, em 187...

Horácio e Lídia, (trad.), em 187...

Cartilha Maternal, em 1876.

Flôres do Campo, (2.ª edição), em 1877.

Folhas Soltas, em 1877.

Deveres dos Filhos, (trad.), em 1877.

Os Lusiadas, (carta), em 1880.

A Cartilha Maternal e o Apostolado, em 1881.

Mais umas pequenas traduções de Darboy, *(Ana, Mãe de Maria, A Mulhér do Levita de Efraim,* e *A Vida da Virgem).*

Isto parece-me o bastante, e agradeço-lhe muito as atenções, como

seu muito amigo e adm.or

João de Deus.

S. C., 27 de Maio de 1881.

Meu querido amigo

Diga-me o que hei-de fazer a respeito daqueles 30 e tantos mil réis que me exigem como escritor público. Sou eu realmente *escritor público,* ou será equívoco com um João de Deus Lobato, que tenho *ouvisto alumiar ?*

Diga-me se há recurso, ou se o que me resta é deitar-me à sombra da árvore da resignação, que com êstes tempos e com os calores que vão não deixará de sêr um tanto grato (1).

Do coração,

amigo velho

João de Deus.

S. C., 25-6-90.

---

(1) Sôbre contribuïções atrazadas, de que o Estado era crèdor, como aquela a que se refere João de Deus, veja-se uma nota a uma das cartas de Luís Augusto Palmeirim.

C. de F.

De João de Lemos

Um dos mais notáveis poétas românticos portugueses, autor de quatro notáveis volumes de versos, a que se refere o texto da carta. Jornalista muito distinto.

Nasci no Pêso da Régua, em 6 de Maio de 1819. Foram meus pais os Viscondes do Real Agrado. Sou bacharel formado em Direito; membro do Instituto de Coímbra; sócio correspondente da Academia Real das Sciências de Lisboa.

Tenho publicado as seguintes obras, em verso: o *Cancioneiro,* 3 volumes, (1.º, *Flores e Amores;* 2.º, *Religião e Pátria;* 3.º, *Impressões e Recordações),* Mais em verso, um volume, *Canções da Tarde,* em duas partes, (1.ª, *Últimos Reflexos;* 2.ª, *Horas Vagas de Buarcos).* Em prosa, publiquei um volume com o título *Serões de Aldeia,* e, ultimamente um opúsculo, intitulado *Os Arrozais,* debaixo do pseudónimo *Amaro Mendes Gaveta.*

Há, por diferentes jornais, algumas outras coisas mais em verso, e muito principalmente em prosa, que davam para muitos volumes. Só a *Nação,* nos muitos anos em que fui seu redactor, dava matéria para avultado número dêles, tratando assuntos, assim literários como políticos. Depois que estou residindo na Província, o número das cartas, que tenho escrito em vários jornais, enchia dois ou três volumes, e por isso as vou coleccionando, — cartas, em que me ocupo de assuntos religiosos e também políticos.

Escrevi também, quando estudante em Coímbra, o *Livro de Elisa,* que começou a sair na *Revista Universal,* e depois um livreiro entusiasta, tirou, à parte, em opúsculo, mas que nunca cheguei a concluir porque me foi morrendo a *febre amatória* e a mocidade. Este era escrito em prosa e verso.

De teatro, escrevi a *Maria Pais,* dramalhão à Ví-

tor Hugo e Alexandre Dumas, que se representou com grande aplauso no Teatro Académico de Coímbra, e em outros teatros de curiosos, inclusivè na Índia, segundo me afirmou Francisco Maria Tôrres, irmão do Arcebispo que foi de Gôa, que parece o tinha ensaiado.

Escrevi mais, já depois de estudante, mas a pedido dos estudantes, para o Teatro Académico, *Um Susto Feliz,* comèdiazita em 2 actos, que depois também se representou no teatro do Conde da Redinha, por gente da nossa boa sociedade (1).

João de Lemos.

---

(1) Apontamentos por mim solicitados para a parte bio-bibliográfica do meu livro *Homens e Letras.*

C. de F.

De João Penha

Distinto advogado e distintíssimo poéta. Deixou dois volumes de versos e um volume de prosas.

Meu caro Figueiredo

Recebi há dias os seus *Crisântemos*, colecção de excelentes versos, que li com sumo prazer.

Por fim de contas, o Figueiredo é um verdadeiro parnasiano, embora encapotado. Nos seus versos, não há só *melodia,* (o pensamento poético), há também *harmonia,* isto é, o acompanhamento orquestral e artístico da ideia. Na reünião destas duas coisas, e não na existência da última unicamente, é que consiste a meu vêr o falsamente chamado *parnasianismo*.

Faça, faça-me, pois, mais versos: um poéta, que não é só poéta, mas também um artista, deve fazê-los até ao fim da existência.

E olhe: mande-me alguns para uma nova *Revista,* que aqui vai sêr publicada pela Livraria Central, sob o título de *Novos e Velhos;* alguns, ou, pelo menos, duas ou quatro tiras de prosa. Queriam que eu assumisse a direcção dessa Revista; recusei-me tenazmente, mas prometi o meu adjutório.

Daí o meu pedido.

Abraça-o cordialmente o

J. Penha.

7-I-97, (Braga).

De J. M. de Carvalho

Jornalista e historiógrafo. Deixou dois grossos volumes: Os Assassinos da Beira e Apontamentos para a História Contemporânea

Ex.mo amigo

O Barão de Louredo tem dado muitas quantias mas, em geral, de pouco vulto. Não é fácil fazer a enumeração delas. A mais avultada de todas foi a de 2:000$000, para ajuda da factura de uma escola em Coímbra, e que efectivamente se aplicou à escola modèrnamente construída no bairro alto desta cidade.

Deu em 1859 a quantia de 200$000 à câmara municipal desta cidade, para ajuda do alargamento da Rua do Coruche, hoje do Visconde da Luz.

Á sociedade do teatro Bôa União deu em 1857 a quantia de 100$000, para sêr distribuída pelos melhores actores.

Ao Asilo da Mendicidade deu um pouco de café; e esmolas a várias pessôas da cidade.

Para o concelho de Góis mandou por várias vezes algumas verbas, já para objectos de instrução primária, já para outras obras públicas.

Em tempo, enviou ao Ministério da Guerra 1:000$000, por ocasião das manobras de Tancos, do que lhe proveio uma comenda; assim como já anteriormente tinha recebido o hábito da Conceição, por um oferecimento que fizera para uma escola, no concelho da Pampilhosa, que me parece era no lugar dos Braçaís.

Dos 2:000$000 para a escola de Coímbra é que lhe proveio o baronato.

E' o que posso informar.

De V. Ex.ª

atento, ven.or e obgd.o

Joaquim Martins de Carvalho.

Coimbra, 12-XII-74.

De José P. de Sampaio
(Bruno)

Crítico, bibliógrafo e historiógrafo. Muito interessante as suas obras, O Encoberto, O Brazil Mental, Portuenses ilustres, A ideia de Deus, *etc.*

Meu Ex.^mo^ confrade Cândido de Figueiredo

Hoje é que me chegou às mãos o seu bilhete postal, com data de 30 do passado.

Êstes demónios dos serventes da Biblioteca têm-me pôsto a cabeça em àgua com as trapalhadas que fizeram no envio dos exemplares a distribuir e a remeter pelo correio.

De modo que devia V. Ex.ª a estas horas estar de posse do vol. I *(Côrte Imperial),* e do vol. II *(Virtuosa Bemfeitoria) ;* mas do seu postal depreendo que não recebeu o 2.º. Queira avisar-me em postal, para eu providenciar e regularizar.

Também o *Diário de Notícias* deve estar de posse, para a biblioteca privativa do jornal, dos dois volumes; e dizem-me aqui agora que os enviaram. Tenha V. Ex.ª o incómodo de se informar (1) participando-mo, a fim de igualmente eu remediar, se fôr o caso.

Por isto vê V. Ex.ª que reservo para depois de postas estas remessas em ordem a resposta à questão referente a *Egreja ;* no momento, com os nervos inquietos, não vou verificar. E mesmo talvez V. Ex.ª prefira dar, em uma notícia só, conta dos mss. publicados.

Aguardando sua resposta, me subscrevo

De V. Ex.ª
adm.^or^ mt.º obgd.º

José Pereira de Sampaio.

Pôrto, 7 de Junho de 1910.

---

(1) O destinatário era então um dos redactores do *Diário de Notícias.*
C de F.

Ex.^{mo} Sr. Cândido de Figueiredo, meu ilustre confrade

De posse do seu postal de 9 do corrente, havia já verificado o caso de *Egreja* ou *Igreja*.

Na verdade, onde na edição aparece *Egreja*, é onde no manuscrito está, com efeito, *Egreja* com *e*, e não com *i*, como V. Ex.ª verá no original aqui, quando um dia venha ao Pôrto e queira aparecer neste estabelecimento (1), onde muita honra e prazer terei em lhe apresentar meus respeitosos cumprimentos.

A grafia do livro é irregularíssima; a mesma palavra aparece escrita, na mesma página, de variada maneira; e o que se procurou foi seguir à risca o pergaminho. E' o caso de *Igreja*, que ora está com *e*, (em títulos até, como V. Ex.ª observou), ora com *i*, (como logo no alto do Índice).

Subscrevo-me, penhorado por suas atenções e muito grato a seus obséquios

De V. Ex.ª
adm.^{or} at.º obgd.º

José Pereira de Sampaio.

Pôrto, 15 de Junho de 1910.

---

(1) A Biblioteca Pública do Pôrto.

C. de F.

De José Silvestre Ribeiro

Autor da valiosa História dos Estabelecimentos Scientíficos de Portugal, *e de outras obras, como* Alguns Frutos da Leitura e da Experiência

---

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

A Assembleia Geral da Associação Protectora dos Animais autorizou a Direcção para — «mandar imprimir e distribuir, gratuitamente, pelos cocheiros, carreiros, carroceiros, donos de trens de aluguér, empresas de ómnibus e carruagens, mercados, pastores, tratadores de gado, carniceiros, etc., impressos, nos quais, em linguagem adequada e persuasiva, se induzam estas entidades a tratar com caridade os animais que estão sob o seu domínio, procurando convencê-las de quanto lhes devem pela gratidão e pela utilidade que do seu serviço lhes provém; apontando-lhes outro-sim as penas em que incorrerão, se procederem em contrário.»

Tendo eu assistido à última sessão da Direcção, vi com o maiór prazer que a todos os sócios presentes lembrou logo o simpático nome de V. Ex.^{a}, como sendo o de um grande talento que à Sociedade podia desde já prestar um bom serviço.

Fui encarregado de pedir a V. Ex.^{a} que tenha a suma bondade de compor um breve escrito, no qual se faça sentir a obrigação de tratar bem os animais, a utilidade que aos donos dêles resulta do bom tratamento, e o quanto devem sêr reconhecidos aos infelizes seres indefesos, que são os auxiliares nos trabalhos que ao homem ajudam a ganhar os meios de subsistência.

V. Ex.^{a}, dotado de tão compassivo coração, quanto enriquecido com os dons da inteligência, realçados pelo precioso condão de saber expressar imaginòsa-

mente o que pensa e o que sente, V. Ex.ª é quem está no caso de redigir um breve escrito, que, fazendo impressão profunda no ânimo das classes apontadas, concorra para ir arraigando a benevolência e a compaixão para com os animais.

Logo que o suspirado escrito de V. Ex.ª chegue às minhas mãos, será mandado imprimir, para sêr distribuído.

Desculpe V. Ex.ª esta importunação. Mais tarde, constituir-se-à a grande Comissão de redacção, e estabelecer-se-à a divisão do trabalho; mas, para já, necessitamos de dar sinal de vida e de fazer girar o escrito indicado.

Sou de V. Ex.ª
admirador e am.º obgd.mo

José Silvestre Ribeiro.

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1876.

De J. de Sousa Monteiro

Secretário perpétuo da Academia Real das Sciências. Director geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em prosa, são notáveis os seus Amores de Júlia, *reconstituïção de costumes romanos. Em verso, deixou alguns volumes, como os* Camafeus

---

Meu amigo prezadíssimo

Escrita sob fórma diversa da que eu lhe dei e não ouso dizer mais correcta, pois desconheço completamente a origem da palavra, encontra o meu amigo o *aguarentar* nos *Anfitriões* de Camões. Diz ali Calisto a Feliseo:

«Tal trova nunca se viu;
*Agorentáste*la já?»

O sentido da palavra neste verso não é a que ela tem no meu. Mas ambos lhe dão os dicionários, se me não engano.

Mas reflito agora que poderá haver engano na indicação que me deu no seu bilhete. Pois no seu dicionário, que tenho agora, encontro a palavra e até escrita como eu a escrevi e como aparece no texto citado de Camões. Haveria com efeito engano?

Disponha sempre do

seu velho e certo amigo

Sousa Monteiro.

Maio, 31, 1902, Academia das Sciências.

Meu caro amigo

Duas palavras ainda. Um *P. S.* breve. Omiti uma das suas perguntas. Acudiu-me de súbito à memória, não sei porquê nem como. Vamos a ela:

Susino, adjectivo substantivado. E' o grego *sousinos.* Subentende-se *elaion,* que significa óleo. Era um perfume, que assim se chamava, ou porque procedia da cidade de Susa, ou porque cheirava a lírio, em grego *souson.*

E já agora sempre lhe direi que deve têr presente que algumas das palavras, sôbre que versaram as suas interrogações, têm, além do significado oficial que apontei, outros significados, como *spina, creta,* que é também a nossa greda, etc.

Agora é que me parece que não há omissão.

Sempre

seu do coração

Sousa Monteiro.

Julho, 7.

De José Veríssimo

Da Academia Brasileira. Historiador, crítico, cronista, autor de várias obras literárias e etnográficas, entre as quais sobressaem os Estudos Brazileiros.

Ex.^{mo} Sr. Cândido de Figueiredo

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª a sua eleição para membro correspondente da Academia Brasileira, mediante proposta, que teve unânime aprovação, assinada pelos Srs. João Ribeiro, Mário de Alencar e Silva Ramos.

Aproveito a ocasião para apresentar a V. Ex.ª os meus protestos de grande admiração e estima.

José Veríssimo.

(1.º Secretário)

Academia Brasileira de Letras,
Rio-de-Janeiro, 7 de Outubro de 1910.

De Júlio de Castilho

2.º Visconde de Castilho, filho mais velho do grande escritor do mesmo apelido.
Paciente investigador, como atestam os volumes da sua excelente Lisboa Antiga.
Em verso, deixou o volume Manuelinas, *e outros.*
Escreveu um drama sôbre Inês de Castro, três volumes sob o título de Memórias de Castilho,
três volumes de estudos crítico-literários sôbre António Ferreira, etc.

Meu bom amigo

Neste momento recebo a sua cartinha; como o negócio tem certa urgência, respondo.

Realmente, não sei que meu pai possua agora algum inédito, que pela índole e pelo tamanho esteja no caso de entrar na sua Revista projectada (1); êle tem muitos inéditos, obras da mocidade (a maiór parte das quais eu não conheço), que êle porém por caso nenhum publicaria sem muita e muita lima. Ora, para essa lima, não tem agora paciência nem posses. Está cansado, triste, arrasta como póde a sua carga de quase 75 anos e limita hoje as suas ocupações literárias em lêr (2). Quem o tira dos seus hábitos, do seu cantinho na Rua do Sol, ou da sua poltrona nas Bernardas (3), tira-lhe tudo. Não digo que, com a cabeça inteiramente desempoeirada e com a inteligência inteiramente lúcida como êle tem, não venha ainda a produzir alguma coisa nova; o que digo é que, no seu estado actual, me parece impossível obter dêle o que o meu bom amigo tão obsequiòsamente desejava. Entretanto, intercederei ainda e verei se algum milagre posso fazer em honra do *Cenáculo*.

---

(1) A Revista publicou-se. Foi o *Cenáculo*.
(2) Aliás em ouvir lêr. Como se sabe, Castilho era cego desde os 6 anos.
(3) Residência de Júlio de Castilho.

C. de F.

De mim, que quér que lhe diga, meu amigo? que não sei de todo como cumprir o seu pedido tão amável e amigável; lembre-se de que me sinto velhíssimo por dentro; quando meu pai nasceu, já eu era um homem maduro; reconheço-me hoje, (pondo de parte a mentira da certidão de idade), muito mais velho do que êle. Estou afastado das coisas literárias, e tenho tido que recusar anuír a muitos jornais e almanaques, que me têm honrado, pedindo-me a colaboração. Eu cèrtamente faria uma excepção para o seu jornal, se pudesse. Não fique mal comigo e seja meu advogado para consigo mesmo.

O nosso D. António da Costa já voltou do Minho; mora, como sabe na Rua da Cruz de Pau, n.º 57.

Agora, outro favor: dê-me licença de lhe oferecer o exemplar junto de um estudo biográfico-literário sôbre o nosso grande António Ferreira (1). E' êste seu um dos primeiros exemplares que me chegam de Paris. A quem me hei de dirigir em Coímbra, para mandar um exemplar ao nosso Instituto?

Brevemente terei o gôsto de lhe enviar, meu amigo, um exemplar da minha *D. Inês de Castro,* drama em verso, que está a sair do prélo em Paris. São estas as minhas lavoiras. Provo aos meus amigos o aprêço em que os tenho, repartindo com êles os pobres frutos da colheita.

Disponha sempre, com franqueza, de quem é com muita estima

seu amigo e admirador

Júlio.

16-XI-74.

(1) A obra aludida são três volumes de substanciosos estudos biográfico-literários, consagrados por Júlio de Castilho ao grande poéta quinhentista.

C. de F.

Meu caro amigo

Recebi o 1.º número do seu *Cenáculo*. Apresso-me a agradecer o favor dêsse seu presente e as palavras benévolas, com que no *Boletim bibliográfico* vem tratado o meu estudo sôbre *António Ferreira.*

Lá vi também a *Epístola* de meu pai, com a nòtazinha que a termina. Devo porém confessar francamente ao meu bom amigo que não percebo o alcance das palavras «O *Cenáculo* põe de parte a escola clássica, em que a *Epístola* se filia, e arquiva, etc.»

Que quér dizer *pôr de lado* a escola clássica, e sôbretudo que significa esta frase, casada aos elogios que a *Epístola* mereceu à Redacção?

Se a *Epístola* é boa em absoluto, porque é posta de lado a escola em que ela se filia? Se a escola é digna de censura, e por conseguinte o é também a *Epístola,* criação dessa escola, como e para quê se *arquiva* no *Cenáculo* essa obra, chamando-lhe irrepreensível?

Finalmente, como é que o *Cenáculo,* que *abre as suas portas aos adeptos das diferentes crenças literárias,* (palavras suas), entende pôr de parte uma escola?

Não me parece hospitaleiro acto da parte do anfitrião pôr de parte um convidado. Ali, naquela sua sala, meu amigo, todos têm iguais direitos; e, se os têm, porque se põe de parte a escola da *Epístola* e se não põe de parte a escola dos outros versos que lá vêm?

Confesso que não percebo. Se o *Cenáculo* se apresentasse perfeitamente satânico, entendia-se; mas

como, pelo carácter simpático do seu director, esta folha aspira a sêr ordeira, benévola, conciliadora e ecléctica, estranho a restrição posta a uma poesia, que por modo nenhum deslustra a sociedade em que se encontra.

Creia o meu amigo que a principal motora desta carta (1) é a consideração que lhe consagra o

seu admirador, amigo e colega mt.º obgd.º

Júlio de Castilho.

Lisbôa, 5 de Fevereiro de 1875.

(1) O amável reparo de Júlio de Castilho fàcilmente se explica por um natural assomo da sua extremada piedade filial. Respondi oportunamente ao reparo, e creio que a resposta satisfez o excelente filho do meu glorioso colaborador.

C. de F.

—

Ex.^{mo} am.^{o} e Sr.

Tenho do *D. Quixote,* começado a traduzir por meu pai, alguns fascículos, e tenho até o borrão, da letra dos secretários de meu pai, até às últimas palavras que êle ditou, — últimas no *D. Quixote,* e últimas em toda a sua carreira literária. É para mim uma preciosidade que tenho arquivada. As últimas palavras foram: — *Ficou dormindo, com mostras de grandíssimo cansaço.*

Há coïncidências singularíssimas neste triste mundo!

Quanto à parte linguística da obra, nunca a estudei; mas se V. E. me dissér as palavras sôbre que versam as suas dúvidas, talvez possa dizer alguma coisa.

Sempre às ordens, como quem é

De V. E.
amigo e v.^{or} mt.^{o} obgd.^{o}

Júlio de Castilho.

Ameixoeira, 26 de Novembro de 1898.

Meu caro amigo

Perguntou-me V. E. há muito tempo como eu autorizava a palavra *arrojado*, que no meu livro *Mocidade de Gil Vicente* (me parece) dei como sinónimo de *namorado* — ou *pretendente*. Não soube responder; mas para lhe mostrar que as suas dúvidas são sempre tomadas por mim na maiór consideração, respondo agora.

Acho no *Misantropo*, de meu pai, acto III, scena 4.ª (pág. 97):

«Quantos anzóis engenha à pesca de arrojados!»

Sempre

De V. E.
am.º e adm.ºr mt.º obgd.º

J. de Castilho.

Quinta da Vitória,
Sacavém, 17 de Maio de 1900.

De Júlio César Machado

Cronista e romancista. O mais aplaudido folhetinista do seu tempo. Deixou contos, romances e livros de crítica, como os Contos ao Luar, Histórias para Gente Moça, Teatros de Lisboa, Da loucura e manias em Portugal, *etc.*

Meu querido amigo

Não hei de sêr eu quem te acuse de seres tão amável para comigo; mas aí se vê o que eu pressentia dos favores da tua amizade. Agora, está feito, e, claro é, estimo bem que o fizesses; estimo-o por mim e também por ti, visto como é sempre honroso para um homem o sêr amigo do seu amigo, e eu sou verdadeiramente merecedor, sob êste ponto de vista, de que o sejas meu.

Cumprimentos da minha mulhér e do meu filho, e um apêrto de mão do

teu do coração

Júlio César Machado

Meu caro amigo (1)

Agradeço-te do coração as tuas boas palavras e a funda e generosa estima, que elas revelam da tua parte para comigo.

A história do caso é esta: o Sousa Martins, director do Instituto, é que teve essa lembrança, e tu compreendes bem que eu lhe esteja grato. Pensar em mim! A caridade é que dá valor às coisas.

Aceita um abraço de sincera estima, e de verdadeiro aprêço, do teu grato amigo e colega.

Júlio César Machado.

---

(1) Em resposta a uma carta de cumprimentos, pela nomeação de Secretário do Instituto Industrial.

C. de F.

Meu caro amigo

Tu bem sabes se eu te ofereceria o meu livro, logo que êle se publicou. Mas escrevias de livros nessa ocasião, e era quase obrigar-te a escrever do meu, no *Reporter*. Não queria que parecesse sêr ao escritor, e não ao amigo, que eu o mandasse. Aceita-o com um abraço; e as boas festas, de mim e do meu filho, que tu conheces e que te é grato, e de minha mulhér, que se junta a nós para te enviar os seus cumprimentos.

Muito do coração,

teu amigo certo

Júlio César Machado.

De Latino Coelho

Ministro da Marinha. Lente da Escola Politécnica. Jornalista superior. Secretário perpétuo da Academia Real das Sciências. Historiador e crítico. Traduziu e prefaciou admiràvelmente a Oração da Corôa, *de Demóstenes. Entre as suas obras, avulta a* História Política e Militar de Portugal, Vasco da Gama, Camões, Humboldt, Elogios Académicos, *etc.*

Meu caro Sr. Cândido de Figueiredo

Começo por impetrar escusa de só agora contestar à amável carta de V. Ex.ª, a que não tenho respondido, pelo muito que tenho andado atarèfado.

Agradeço a V. Ex.ª o favor que me fez, enviando-me a tradução do formoso episódio do poema hindu. Lia-a imediatamente com a curiosidade que me inspira a literatura da Índia, e com o alvoroço que influe o nome do tradutor.

Quanto à benevolência, com que deseja propor-me para sócio do Instituto de Coímbra, seria para mim em extremo apreciável essa distinção, se não fôra o pouco que de mim julgo, como escritor e homem de letras. Eu em regra não tenho títulos que justifiquem a minha admissão em qualquér companhia literária. O que tenho rabiscado pouco vale, que não seja por uns arabescos de fórma e de imaginação. Se, apesar desta minha sincera declaração, V. Ex.ª quisér sêr o meu introdutor no Instituto, não responderei com uma negativa à singular fineza, com que me pretende distinguir. Faça pois o que entender, na certeza de que, em qualquér caso, será igual o meu agradecimento.

Queira dar-me ocasiões de me empregar em seu serviço, como a quem é

De V. Ex.ª
amigo e confrade obrigadíssimo

J. M. Latino Coelho.

De Luís A. Palmeirim

Deixou um volume de poesias, algumas das quais se popularizaram, — o Guerrilheiro, *a* Vivandeira, *e outras; deixou obras em prosa, como* Os Excêntricos do meu tempo. *Escreveu muitas comédias, e deixou muitos romances no* Panorama *e noutras revistas*

Ex.^{mo} amigo e Sr.

Agradeço-lhe sinceramente as amáveis referências, que ontem fez à minha obscura individualidade, em dois pequenos artigos do *Correio Português*. De há muito alheio, não ao trato das letras, mas ao embate das paixões das escolas literárias, se nada ponho, nem nunca pus da minha casa, para bem merecer as bôas graças dos críticos de *càcaracá*, não sou contudo indiferente à benevolência espontânea dos que, como V. Ex.^{a}, querem reconhecer em mim um trabalhador despretencioso, que nunca aspirou à glória, mas simplesmente a sêr eco da própria consciência. A data verídica do meu nascimento, que reproduziu em um dos seus amáveis artigos, de certo lhe ficaria dizendo que não é na minha idade que se aspira a colher os loiros do triunfo, entretido como anda naturalmente o espírito dos velhos em arredar de si os vilões que pretendem fazer-lhes amargurar as horas plácidas do declinar da vida. Para êsses tais, sou ainda homem, graças a Deus.

Renovo os meus agradecimentos e assino-me

De V. Ex.^{a}
amigo adm.^{or} e agradecido

L. A. Palmeirim.

10-VIII-87.

Meu caro amigo

O portador desta é o Sr. Joaquim José Garcia Alagarim, professor do Conservatório, que acaba de sêr intimado para pagar integralmente os seus débitos à Fazenda Nacional. O portador tem tido uma vida atribulada e é chefe de numerosa família; estas são as razões que o forçaram a achar-se devedor à Fazenda Nacional por uma quantia relativamente elevada para as suas posses. E' possível haver eqùidade para com o portador, obrigando-se êle a pagar em mensalidades o seu débito? Se a lei se não opõe formalmente a êste meu alvitre, espero dever à sua benevolência todo o favor compatível com as atribuïções do cargo de que o meu amigo se acha revestido. (1)

Sou, com verdadeira estima,

seu amigo e colega mt.º obg.do

L. A. Palmeirim.

27 de Junho de 1890.

---

(1) O cargo, por nomeação do Ministro Mariano de Carvalho, era liqùidar, com o auxílio de pessoal competente, as dívidas antigas à Fazenda Nacional, no Segundo Bairro de Lisbôa. Nos outros Bairros, tinha iguais atribuïções o Visconde de Rio-Sado e o Dr. Artur de Carvalho.

Luís Augusto Palmeirim era então Director do Conservatório.

C. de F.

De Luís Guimarães

Secretário da legação brasileira em Lisbôa.
Há dêle um excelente livro de versos, Sonetos e Rimas, *afora outras publicações dispersas.*

Ex.^{mo} confrade e eminente poéta

Recebi o ofício, que V. Ex.ª me dirigiu ontem, comunicando-me a honra, que a Direcção da Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses, de que é V. Ex.ª um dos mais gloriosos representantes, se dignou conferir-me, nomeando-me membro do júri literário e artístico.

Não respondo por ofício, a fim de dar um carácter mais íntimo e singelo às minhas explicações e desculpas.

Ando cheio de trabalhos na Legação do Brasil, e o pouco tempo de que disponho mal me chega para reparti-lo com os meus filhos, e acudir ao urgente e diário aviamento de uma correspondência abundantíssima. Tudo isso traz-me o espírito inquieto e, digamos o termo, aborrecido.

Bem vê portanto o meu eminente colega que me seria impossível, caso aceitasse aquela honrosa incumbência, cumprir digna e fielmente os deveres que ela me imporia.

Rogo a V. Ex.ª, a quem tantas finezas literárias devo, se digne sêr o eloqùente intérprete do meu pesar e dos meus ardentes agradecimentos para com a ilustrada Direcção, e subscrevo-me distintìssimamente

De V. Ex.ª
confrade mt.º obgd.º e leal admirador

Luís Guimarães.

De M. Duarte de Almeida

Um dos nossos mais talentosos poétas. Entre as suas composições, são memoráveis, por exemplo, as estrofes sôbre o Infante de Sagres. Autor de vários romances, como o **Estandarte Real**, *os* **Beijos Perdidos**, *etc.*

Meu amigo

Peço me releve esta franqueza de tratar, porque piamente creio, ao adoptá-la, que lhe será ela mais agradável, do que um tratamento mais ceremonioso.
Com quanto eu seja radicalmente democrático nos princípios e, até certo ponto, nos mesmos sentimentos, procuro sempre sêr, quanto possível, aristocrático na manifestação de uns e outros. Com tudo, há casos, e creio sêr êste um dêles, em que a extrema cortesia, o tratamento de rigor, me parece destoar da franca e verdadeira cordialidade, e, por conseguinte, pecar por excesso. Isto penso eu. Se porém o meu amigo dissentir dêste parecer, peço-lhe a bondade de mo fazer observar, para eu imediatamente corrigir a mão.
Agradecendo a fineza com que me distingue, mando-lhe uns versos, — o que posso, — para o primeiro n.º do *Cenáculo*.
A mais extensa dessas duas composições já viu a luz, (que luz!), em uma gazetinha que tem cincoenta assinantes em Trás-os-Montes, e a décima parte dêsse número de leitores. E' por isso que eu teimo em a considerar inédita. Ora, eu desejava *publicá-la,* e por isso lha envio. Demais, quando restasse ainda algum escrúpulo na *reprodução,* foi retocada agora em alguns pontos, e portanto não é já inteiramente a mesma.
Devo declarar aqui que aceito da melhór vontade quaisquer indicações ou observações, que o meu ilustrado amigo queira fazer sôbre as minhas poesias,

tanto sôbre essas, como sôbre as que de futuro eu haja de lhe enviar.

Peço também, — e para esta *impertinência* solicito eu desculpa à bondade do meu amigo, — o máximo escrúpulo na revisão das provas.

Sofro inexprimivelmente com quaisquer deturpações, sem excluir as tipográficas.

Se me é lícito ainda formular mais um pedido, será a maiór brevidade possível na resposta desta carta, pois que dessa resposta depende uma resolução, que tenho a tomar, num curto prazo, relativamente a uma das inclusas poesias.

De novo lhe peço me releve a maneira de tratar, fazendo justiça ao sentimento que a dita.

Creia-me seu

afectuoso e sincero admirador

M. Duarte de Almeida.

Pôrto, 3-XII-74.

Meu caro Cândido de Figueiredo

Recebi o seu monumento poético. (1)

Êste é dos que a acção do tempo não destrói nem derruba, antes, sem nada lhes roubar da primitiva solidez, dia a dia lhes vai acrescentando aquele prestigioso encanto, de que os séculos, no seu lento deslisar, costumam envolver e em certa maneira divinizar as imperecíveis e luminosas criações da Arte.

E que saudades me avivam, de outros tempos, de outros costumes, de outros sonhados ideais, algumas enternecidas páginas dêsse precioso e selectíssimo hinário, tão cheio de gratas recordações, tão opulento de coisas belas e castas, tão ungido dos mais puros bálsamos do coração e dos mais rescendentes e suaves aromas da Poesia.

E' longo, já, meu querido amigo, o caminho que temos percorrido, mas você não cansou a meio das refloridas e frutuosas *jornadas*, afirmando-se pelo contrário, ainda hoje, o mesmo denodado batalhador, o mesmo cinzelador primoroso da fórma e apaixonado pesquisador da Beleza Eterna, que tão precocemente se revelou nos nossos tempos de rapaz.

E' para êsse longinquo passado, cada vez mais diluído nas brumas indistintas e vaporosas da irrevogável mocidade, que os meus olhos, desiludidos, refu-

---

(1) Referência excessivamente amável ao livro *Peregrinações*, se não tomarmos *monumento* na justa significação daquilo que recorda factos ou pessôas.

C. de F.

gindo instintivamente á insanável e cruel miséria dos tempos actuais, se volvem com infinita saudade, como quem só nesse calix espiritual de graça e de pureza pode ainda beber um minguado trago, que não seja precisamente de fel e de amargura ou, variando de género, apenas de àgua chilra, com rótulo pomposo e aguçador, sem dúvida, mas, na essência, de natureza bastarda e de fabrico Bera.

Por essa maravilhosa taça remoçadora, deu-me você, largamente, a beber o néctar delicioso da sua inspirada e portuguesíssima arte.

E, para cúmulo de gentileza, quis ainda que o meu humilde nome ficasse, *ad aevos,* gravado no bronze imorredoiro dessa monumental construção. Sinto-me orgulhoso dessa distinção, que cordialmente agradeço, por agora, com um afectuoso abraço, reservando-me o prazer e a honra, (aliás já de há muito assentes no meu espírito e na minha vontade), de, em ocasião oportuna, que oxalá venha breve, lhe tributar publicamente, na desvaliosa moéda com que me é licito fazê-lo, o preito sincero da minha mais alta e especial consideração.

Creia-me sempre seu

mt.º ded.º adm.or e amigo obg.do

M. Duarte de Almeida

Lisbôa, Hotel Comercial, Julho 1-908.

De M. A. V. de Carvalho

Historiadora do Duque de Palmela, poetisa de Uma Primavera de Mulher, *autora dos* Contos para os nossos filhos *e de outros livros, dotada dos predicados que mais recomendam os críticos literários e sociais, Maria Amália, afora o aprêço público, logrou a distinção de sêr eleita sócia correspondente da Academia das Sciência de Lisbôa.*

Il.mo Sr.

Primeiro que tudo, peço-lhe perdão da minha demora em agradecer o seu precioso e inesperado brinde, asseverando-lhe que só o meu estado físico podia obstar ao cumprimento de um gratíssimo dever.

Agora, que decerto o seu bom coração me perdoou já, deixe-me que eu diga, ainda que muito mal, a deliciosa surpresa e a admiração profunda que o seu livro (1) me veio trazer. Que o seu nome era um dos mais brilhantes e esperançosos da moderna geração, sabia-o eu já, pelos formosos versos que tenho lido, espalhados por aqui e ali em diversas publicações periódicas; mas o que eu não conhecia ainda era a vigorosa seiva e a encantadora originalidade da sua poesia.

Não vá julgar que sou pedante! Isso, não, pelo amor de Deus! Eu não sou mais que uma alma namorada de todos os esplendores! Nada entendo de escolas, mas creio que entendo muito de coração, porque o meu sente, admira, e entusiasma-se pelo que é belo e grande.

No seu livro há tão delicados cambiantes de sentimento, tão elevado arrojo de fórma, tanta fôrça e tamanha suavidade, que, apesar da bem-fadada ignorância, de que não desejo sair, houve em mim um po-

---

(1) *Tasso*, poema dramático.

C. de F.

deroso instinto, que me advertiu de quanta beleza ali brilhava esplêndida!

Creia que o admiro, saudando o seu talento com desinvejoso e profundíssimo júbilo!

Já duas vezes li o *Tasso,* a primeira com avidez curiosa, a segunda com meditativa admiração! Sabe qual foi um dos trechos que mais me entusiasmaram? Admirar-se-á porventura da escolha, quando eu lhe dissér que são os versos que o poéta de Ferrara dirige a Roma, ao entrar a Cidade Eterna. Que grandeza naqueles alexandrinos!

Depois desta homenagem singela, mas bem sincera, que eu lhe presto, permita-me V. S.ª que agradeça do fundo da alma a generosa indulgência das palavras que escreveu na primeira página do seu livro. Não as mereço, mas sinto-me grata e feliz por lhas haver inspirado.

Tenho em meio um poema, no género do primeiro que escrevi. Se Deus me ajudar a inspiração, em breve terá V. S.ª essa humilde oferta.

Termino esta, afirmando-lhe que ninguém lhe deseja com mais ardor a continuação dos triunfos que merece, e pedindo-lhe me creia sempre

De V. S.ª
admiradora entusiasta e agradecida

Maria Amália Vaz de Carvalho.

Pintéus, 9-IV-70.

Ex.^{mo} Sr.

Acabo neste momento de lêr no *Reporter* o seu magnífico artigo, tão lisonjeiramente generoso para mim, tão repassado de saudade pela memória do meu querido e inolvidável morto (1). Agradeço profundamente reconhecida e com toda a comoção que o artista não pode deixar de sentir, vendo-se tão simpàticamente aplaudido, as suas palavras de incentivo e de bondade.

Sei que não mereço aquilo, mas consola-me a ideia de que podem assim *iludir-se* a meu respeito os que simpatizam com o meu pobre nome.

Se alguma indulgência mereço é pelo motivo que incansàvelmente me faz trabalhar: êstes dois filhos queridos, que o meu poéta morto me deixou. Para que êles cresçam e se eduquem, dignos do belo nome que herdaram, tenho eu dado a minha saúde, a minha fôrça, a minha vida toda a esta fera... da Imprensa diária!

Mil e mil vezes obrigada, pois, e creia-me sempre

De V. Ex.^{a}
admiradora sincera e grata

Maria Amália Vaz de Carvalho

---

(1) Gonçalves Crespo, marido de Maria Amália Vaz de Carvalho.
C. de F.

De M. A. de Andrade

Autora de dois volumes de versos, os Murmúrios do Sado *e os* Revérberos do Poente; *de uma comédia,* As Esposas do Alferes *e de muitos artigos e contos, dispersos nos jornais. D. Mariana Angélica foi também redactora da* Gazeta Setubalense *e da* Voz Feminina de Lisboa.
Os Revérberos *são elogiòsamente prefaciados por Gomes de Amorim*

Meu bom e sempre lembrado irmão (1)

A sua aventura de Braga fez-me rir, porque felizmente não teve as conseqùências sérias que podia têr.

Muito bem fez em responder com o silêncio e ausência ao marido da tal senhora, que terá muito de formosa, mas pouco de modesta.

Se eu tivesse alguma dúvida sôbre a nobreza do seu carácter, bastava êsse passo que deu, para me certificar dos seus belos sentimentos; outro qualquér rapaz da sua idade, encontrando uma cara bonita e uma cabeça leve, faria gala em patentear aquela inclinação, desonrosa para três: mulhér, marido e amante. Amante! Se meu irmão o fôsse, caminhava para o abismo, em vez de fugir dêle.

Bem haja; fez o seu dever, e quero-lhe mais por isso.

Não creia que essa dama tivesse sido, até o conhecer, de exemplar comportamento: a mulhér, que conhece os seus deveres e preza a sua dignidade, não se avilta a seus próprios olhos, nem por uma afeição, passageira e repreensível, chama o ridículo sôbre seu marido; isso é uma actriz, já muito habituada a representar de espôsa séria, ou de amante apaixonada, se assim lhe convém.

---

(1) Aliás futuro marido da signatária.

C. de F.

Agora, lá vai um conselho de amiga ou um pedido de irman: não faça, por modo nenhum, introdução ou juízo crítico à cêrca do romance daquela Julieta; foi uma promessa inconsiderada, que não deve cumprir, sob pena de meter-se numa rede, de que se não verá livre fàcilmente, porque, com o pretexto de falar no romance, a autora há de escrever-lhe repetidas vezes, não podendo meu irmão esquivar-se às respostas, com grave prejuízo do seu sossêgo (1).

O melhór é fazer-se esquècido; e, se ela lhe recordar a promessa, desculpe-se como pudér, mas não a cumpra. Faça de conta que foi um episódio divertido da sua vida, e nada mais.

Quando deixar Tondela, avise-me; sim?

Creia que sou e serei eternamente

sua irman afectuosa e grata

Mariana.

Setúbal, 15 de Agosto de 1869.

---

(1) O romance publicou-se, mas sem a prometida *introdução.*

C. de F.

De Mendes Leal

Político, diplomata e jornalista. Também romancista, e um dos mais notáveis poétas e homens de teatro do seu tempo

---

Il.mo Sr.

Recebi gratíssimo o volume dos *Quadros Cambiantes* e abro-lhe lugar entre as mais estimadas composições modernas. E' preciso valor e consciência, para se atrever hoje alguém a ser poeta, entre tantíssimos versejadores, — mais ainda, para deixar a rendosa indústria do reclamo, pelo casto culto da Musa, — muito mais, para não trocar a lira, afeita aos cantos livres da pátria, de Deus, da natureza, do amor, pela pena venal das politiquices turbulentas. Prézo os caracteres enérgicos e generosos. Parabens ao novo poeta e ás letras pátrias. Creia-me pois

De V. S.ª
sincero e cordial apreciador

J. da S. Mendes Leal

Lisboa, Março, 11-68.

Il.mo Sr.

Recebi a carta de V. S., de 26 do corrente; e, haverá um mês, recebi uma circular no mesmo sentido. Não respondi logo, porque um trabalho, que julgo importante e me está oficialmente cometido, me absorvia absolutamente todos os instantes. Tenho, além disso, natural repugnância a ocupar-me de mim: como porém V. S. insiste e eu desejo sempre ser-lhe agradável, remeto os seguintes esclarecimentos.

A data exacta do meu nascimento é 18 de Abril de 1823. Comecei a minha carreira literária em 1839 e a política em 1847. Sou membro da Academia Real das Sciências de Lisboa; das Academias da Língua e de História, de Madrid; da Sociedade dos Antiquários do Norte (Copenhague); das de Geografia de Lisboa, Londres e Paris; da de Geografia Comercial da mesma capital; do Conservatório Real de Lisbôa, etc.

Sou Gran-Cruz de San-Tiago, da Tôrre e Espada e da Conceição; Cran-Cruz da Ordem da Rosa, no Brasil, efectivo; da de San-Lázaro, de San-Salvador da Grécia, de Carlos III, de Santa Rosa de Honduras, de Bolivar, do Leão e do Sol na Sérvia (1.ª classe), de Leopoldo da Áustria, Grande Oficial da Legião de Honra e Oficial de Instrução Pública em França, (mas não uso das condecorações estrangeiras, porque a licença para usá-las me arruìnaria). Comecei em 40 praticante na Biblioteca Nacional e em 48 fui nomeado Bibliotecário-Mór; fui Secretário do Conservatório, oficial redactor das sessões da Secretaria da Câmara dos Deputados; Deputado em 51 e, no mesmo ano, eleito sócio da Academia, com proposta de Herculano;

Presidente da Câmara dos Deputados em 68, Par do Reino em 71; Ministro em Espanha no mesmo ano e, em Paris, em 74; Ministro de Estado, pela primeira vez, em 62, e, pela segunda, em 69; Conselheiro de Estado ultimamente, *gratis*, e nem mais nada. Redactor de várias fôlhas, especialmente do *Tempo*, da *Lei e Imprensa*, da *Imprensa e Lei*, do *Jornal do Comércio*; colaborador no *Panorama*, *Revista Universal*, *Revista Contemporânea*, e *América*, (literárias).

Obras: — Teatro: *O Braço de Nero*, tragédia; *Dois Renegados*, *Homem da Máscara Negra*, *D. Leonor de Alencastro*, *Pagem de Aljubarrota*, *Auzenda*, *Tributo das Cem Donzelas*, *Alva-Estrela*, *Martim de Freitas*, *Pobreza Envergonhada*, *Pedro*, *Egas Moniz*, *Homens de Oiro*, *Escala Social*, *Tio André*, *Primeiros Amores de Bocage*, *Quem Porfia Mata Caça*, *Quem Tudo Quér, Tudo Perde*, *Afilhada do Barão*, *O Caçador*, *As Três Cidras do Amor*, *Un roman par lettres* (em francês), etc.

Romances: *Estátua de Nabuco*, *Menina de Valdemil*, *Um Sonho na Vida*, *Infante Santo*, *Os Irmãos Carvajales*, *Os Mosqueteiros de Africa*, *Mestre Marçal*, *Os Bandeirantes*, etc.

Poesia: *Cânticos*, *O Pavilhão Negro*, *Napoleão no Krenlim*, *A Cruz e o Crescente*, *A Cruz Alta*, etc. *Épître au Vicomte de Bornier* e *La Bienvenue*, (em francês). Trabalhos académicos: *Elogios e Memórias*. História e arqueologia: *As Duas Penínsulas*, *Monumentos Nacionais*, *História da Guerra do Oriente*, etc. Trabalhos parlamentares e políticos: discursos, relatórios, pareceres, etc.

Cito por alto, o que me lembra, e a toda a pressa. Creio porém sêr mais que suficiente.

Como sempre, e emquanto lhe possa prestar, com verdadeira estima,

De V. S.
muito apreciador e leal confrade

Mendes Leal

Maio, 27-81.

De Miguel de Bulhões

Historiógrafo. Autor de um importante livro de Viagens.

Ex.mo amigo

O *mestre* apressar-se-à a receber do *discípulo* as bem necessárias *lições práticas da língua portuguesa* (1). Pelas 11 horas, foi-me o volume entregue, e *logo* reconheci a urgência da aprendizagem aludida.

Permita-me juntar ao meu agradecimento uma indicação: parece-me conveniente que V. E. mande directamente um exemplar a *Madame Hedwig Barsch, 1. Friedaesburg Strasse — Breslau, Silésie.*

Esta senhora (aleman) ocupa-se muito de livros portugueses, e já tem falado a respeito do meu amigo, a propósito de várias publicações de V. E., que há tempos lhe remeti.

É interessante, para *nós todos,* que na Alemanha se saiba que Portugal ainda tem filhos, que zelam o puritanismo da linguagem e que se não deixam ir na onda dos dispensáveis francesismos e até inglesismos, sem embargo dos pruridos patrióticos dos últimos anos (2).

Um abraço de velha amizade e de grato reconhecimento.

M. de Bulhões.

---

(1) O autor da obra, como *discípulo*, oferecera um exemplar a Miguel de Bulhões, seu *mestre.*

(2) Alusão aos protestos contra o famoso *ultimatum*, dirigido pela Inglaterra a Portugal.

C. de F.

De Narciso de Lacerda

Cânticos da Aurora *e* **Poesia do Mistério** *são os seus principais livros de versos. Sôbre o primeiro recaíram lisonjeiros juízos críticos de Camilo e de João de Deus.*

Meu ilustre colega

A carta de V. Ex.ª, aliviou-me de um grande pêso: — Quando eu quis remeter-lhe êsses livros, anunciava V. Ex.ª um trabalho sôbre escritores contemporâneos. A remessa dos livros poderia pois tornar-se um *memorandum*. V. Ex.ª entende-me.

Não lhos enviara logo depois da publicação dêles, porque V. Ex.ª desaparecera dos centros conhecidos. Encarreguei Silva Pinto de saber do seu retiro, mas êle, tendo uma ideia vaga de que V. Ex.ª residira em Setubal, nada sabia ao certo, e a sua misantropia crescente afastava-o das relações que o podiam esclarecer.

Em resposta aos quesitos de V. Ex.ª:—Não tenho graduações literárias, nem oficiais, nem honoríficas; os títulos e datas das publicações constam dos livros que remeto. Preparo um volume, *Poesia do Mistério*, que saïrá por êstes três meses. Nasci no Pôrto em 1 de Abril de 1858, e, como aquele sujeito do Banville, *sou poeta lírico e vivo do meu ofício!*

Creia V. Ex.ª na antiga e inalterável admiração do seu confrade obscuro

Narciso de Lacerda.

Lisbôa, Hotel Durand, 9-8-81.

De Olavo Bilac

É o extraordinário e malogrado poéta, que no Brasil deixou o seu nome vinculado perduràvelmente à literatura portuguesa.
Além da poesia, cultivou com grande êxito a crónica ligeira e graciosa

Ilustre e prezado amigo

Partindo para o Brasil, apresento a V. Ex.ª as minhas despedidas, e agradeço penhoradíssimo as cativantes palavras, com que a bondade de V. Ex.ª me honrou, na sessão de 30 de Março, na Academia das Sciências de Lisbôa.

Disponha sempre do

amigo muito admirador

Olavo Bilac.

(1921)

De Pinheiro Chagas

Deputado, Ministro, notável orador parlamentar. Polígrafo fecundo, escreveu romances, — Segrêdo da Viscondessa, Tristezas à Beira-mar, Varanda de Julieta, *etc.; dramas,* — A Morgadinha de Valflôr, *o* Drama do Povo, *etc.; em poesia, deixou, por exemplo, o* Poema da Mocidade, *que originou a famosa campanha literária, denominada* questão coimbran. *É também autor de uma* História Alegre de Portugal, *e de muitas outras publicações.*
Jornalista dos de primeira plana. Sócio efectivo da Academia Real das Sciências.

Ex.^{mo} am.^{o} e Sr.

Sabe provàvelmente os motivos por que não pude responder logo à sua prezada e amabilíssima carta. Eu estou convalescente de uma longa doença, que, depois de me têr paralisado, me deixou num estado de fraqueza, de que ainda hoje não estou livre. Ainda o escrever é para mim uma fadiga.

Eu beijo-lhe as mãos pela honra, que me quér conceder, de me propor para sócio do Instituto de Coímbra, honra duplicada, porque a um tempo me faz entrar numa das sociedades mais esclarecidas do país, e porque me faz entrar nela debaixo dos seus auspícios. Aceito pois, com todo o prazer e todo o reconhecimento, a candidatura que me oferece.

Recebi e agradeço muito o seu recente folheto (1). Ainda não pude fazer mais do que lêr os primeiros cem versos, que me pareceram excelentes. Pareceu-me que V. Ex.^{a} reproduziu com toda a perfeição a simplicidade que nessas vastas epopeias indianas vem às vezes e de súbito descansar-nos da exuberância de fórma, que noutros episódios se nota.

Disponha sempre de quem é

De V. Ex.^{a}
amigo e colega obgd.^{mo}
M. Pinheiro Chagas.

Lisbôa, 3-XI-73.

---

(1) *Morte de Iaginadata*, episódio indiano.

Meu caro amigo

Faz àmanhan exame de latinidade meu filho Mário (1), que o meu amigo teve a bondade de aprovar com distinção em Geografia. Não conheço nenhum dos seus examinadores, a não sêr o Padre Cardoso, e êsse pouco, ainda assim. Do Epifânio sou inimigo pessoal. Tratei-o mal na imprensa, e sei que êle não perdôa essas coisas. Em circunstâncias normais, não tinha o mínimo receio do exame do Mário, que é um dos primeiros, se não o primeiro, da sua aula. Agora, tenho certo receio, e sobretudo temo que o pequeno, conhecendo o estado das minhas relações com o Epifânio, não esteja à sua vontade! Creio que êle ficaria mais tranqüilo, se soubesse que falara alguém aos examinadores. Só o meu amigo é que me pode fazer essa proeza, e com isso conto. Disponha sempre do seu

am.º obgd.º e colega

M. Pinheiro Chagas.

Cruz Quebrada, 4-7-84.

---

(1) Mário Pinheiro Chagas, actualmente advogado em Lisboa.

C. de F.

Meu prezado amigo

Devo-lhe uma explicação. Mando o Álvaro ao exame de Legislação, apesar do seu amigável aviso, e sem o têr submetido prèviamente à sua apreciação; mas ontem meti-me com êle na Cruz-Quebrada e percorremos juntos todo o Direito Civil, que me dizem sêr o ponto em que mais insistem os examinadores. Graças à facilidade de compreensão, que êle possue, acompanhada infelizmente por uma grande tendência para a mandriíce; e graças também ao trabalho a que ultimamente se entregou, debaixo da minha palavra de honra lhe asseguro que em todo o Direito Civil, desde a classificação dos diversos direitos até às provas, êle está perfeitamente senhor dos conhecimentos gerais, que a lei quis com razão que todo o homem possuísse. Não o martelei nas outras partes do exame, porque não tive tempo, mas nessas outras partes afiança-nos o irmão (1) que êle não está fraco.

Portanto, meu caro amigo, confio-o à sua não desmentida benevolência, peço-lhe que o recomende ao Marinho da Cruz, que não conheço pessoalmente, e, pedindo-lhe que disponha sempre de mim, confesso-me, com muita gratidão,

De V. Ex.ª
am.º sincero e obgd.mo colega

M. Pinheiro Chagas.

17-7-86.

---

(1) Mário, já citado na carta anterior.

C. de F.

De Ramalho Ortigão

Crítico aplaudido, escreveu com Eça de Queirós O Mistério da Estrada de Sintra, *e com êle redigiu também a famosa Revista* As Farpas. *Entre os seus livros, sobressaem a* Holanda, O culto da arte em Portugal *e as* Praias de Portugal.

Meu prezado Senhor Cândido de Figueiredo

Recebi em tempo oportuno a sua carta e lisonjeia-me extremamente o seu convite (1). Sinto que não tenha mais valor a minha resposta. Em todo o caso, sim. Daí me dirão o que querem que eu escreva.

Dedicado confrade

Ramalho Ortigão.

Lisboa, 19-IX-70.

---

(1) Para colaborar na Revista coimbran, *A Fôlha.*

C. de F.

De Ramos Coelho

Sócio efectivo da Academia Real das Sciências. Autor de vários trabalhos poéticos e históricos, entre os quais avultam os três volumes da História do Infante D. Duarte.

Ex.^mo^ Sr. Dr. Cândido de Figueiredo

Penhorou-me bastante a sua benevolência para comigo e para com o meu escrito, e do fundo do coração lha agradeço. Tenho porém que lhe pedir uma coisa: retarde o seu trabalho à cêrca do casamento do Infante com D. Maria de Lara até sair o 2.º volume, e, pesando então os meus argumentos, verá se são razoáveis. E, não o sendo, terei muita honra de sêr esclarecido pelo meu Ex.^mo^ amigo.

Sou, com a maior consideração,

De V. Ex.ª
cr.º obgd.º

J. Ramos Coelho.

S. C., 3-VII-89.

De Rodolfo Dalgado

Professor de sânscrito na Universidade de Lisbôa, sócio da Academia das Sciências de Lisbôa. Filólogo e poliglota eminente. Além do mais, são memoráveis e de apreço mundial as suas obras — Glossário Luso-Asiático *(2 volumes)*, *e* Influência do Vocabulário Português nas Línguas Asiáticas.

Ex.^{mo} Sr.

Se não sou muito importuno, no meio dos seus numerosos labores, desejava saber se V. Ex.ª me pode dizer qual é a origem da palavra *chiripos,* registada nos dicionários anteriores ao seu e usada em algumas línguas indianas; ou, pelo menos, se é genuïnamente portuguesa.

Preciso sabê-lo, para um trabalho que estou a concluir, sôbre a introdução de vocábulos portugueses nas principais línguas asiáticas.

Aproveitando-me da ocasião, tómo a liberdade de enviar a V. Ex.ª umas notas soltas, para nova edição do seu valiosíssimo dicionário. Espero que não serão inteiramente inúteis.

Creio que os meus opúsculos sôbre crioulos indianos fornecerão a V. Ex.ª termos e accepções novas e origens de termos asiáticos (1).

Flora de Gôa, de meu irmão, Dr. D. G. Dalgado, será de alguma utilidade, para termos botânicos.

Aguardando a resposta, tenho a honra de me assinar, com a mais subida consideração

De V. Ex.ª
mt.º at.º, obgd.º e v.^{or} cr.º

S. Rodolfo Dalgado.

17-7-911. R. de Ed. Coelho, 83, 1.º

(1) Colheu-os com efeito o autor do *Novo Dicionário*, especialmente nas duas valiosíssimas obras de Rodolfo Dalgado, mencionadas na nota antecedente.

C. de F.

De Sales Lencastre

Director e comentador de uma das mais notáveis edições dos Lusíadas, *(2 volumes, Lisbôa,* 1915*), afora vários trabalhos sôbre linguística.*

Meu prezadíssimo amigo

Muito agradeço a informação que me deu no seu postal de ontem.

Aproveito a oportunidade para lhe apontar um vocábulo, que há dias vi numa citação, (não me lembro onde, porque não tomei nota nessa ocasião): é *tabescente.*

Outro: é *ceresina,* que se encontra no índice da pauta das nossas alfândegas. Aí, no meu exemplar, pus eu (há muito tempo e não me recordo de que elementos me servi) a seguinte nota: «produto, empregado no fabrico das velas de cera; é a *ozokerite* purificada, também chamada (a *ozokerite*) *plastilina,* — espécie de argila, que serve para modelar. No seu *Dicionário* encontro a *ozocerite,* mas não encontro *ceresina* nem *plastilina.*

Mt.º afect.º am.º e cr.º de V. Ex.ª

Francisco de Sales Lencastre.

S. C., R. do Cabo, 20, 1.º (23-VI-908).

De Santos Valente

Humanista e poeta, filólogo e crítico. Além do que informa nesta carta, publicou, com o título de Carmina, *um vol. de formosas versões de poesias portuguesas em latim, e dirigiu uma edição manuscrita dos* Lusíadas.

Meu caro poéta e bom amigo

Enganar-se-ía o meu amigo com a porta? Quero crêr que sim, e, se satisfaço ao seu pedido, é porque me cumpre, antes de tudo, obedecer à primeira ordem que me dá e não porque espere que possa aproveitar para alguma coisa as notícias (1) que lhe mando; antes me persuado que, quando as receber, já terá dado pelo engano da direcção.

Nasci na vila da Sertan, (Beira Baixa), em 4 de Dezembro de 1839. Esta data, hesitaria em dizê-la às damas. Fica aqui para nós, que ninguém nos ouve.

As minhas publicações limitam-se (parcíssima bagagem), a várias composições líricas em português, latim e francês, dispersas, como cabia à sua leveza, por fôlhas de jornais, feitas num dia para durarem um dia. Em Coimbra ainda, coligi em um pequeno livro algumas das primeiras que fiz, e êste livro saiu em 1861 com o título de *Primícias.* Uma *blague,* a *Teoria do Infinito,* saiu pelo mesmo tempo. Ultimamente, colaborei com os meus amigos e seus, Tomás Ribeiro e Rodrigues Cordeiro, na tradução de parte da *Antologia grega,* de que já se publicaram em jornais umas amostras. O livro ainda não saiu. Tem o título de *Flores da Grécia.*

Fora do lirismo, fiz, ajudado por alguns amigos, o

---

(1) Apontamentos para a parte bio-bibliográfica do livro *Homens e Letras.*
C. de F.

Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa para um editor, que é uma excepção nesta terra, Basílio de Castel-Branco. Está concluído desde Janeiro e vai pôr-se à venda esta semana. Amigo do editor, devo pedir-lhe que, quando pudér, faça reclamo ao dicionário.

Agora, as minhas graduações, etc. Sou bacharel formado em Direito e 2.º oficial no Ministério da Justiça.

Finalmente, em resposta aditamento da sua carta, escrevo na página seguinte, como não sei a índole do seu livro, uma coisa em francês e outra em português, que prezo tanto, quanto um pai pode prezar um mau filho. Escolha o meu amigo a que quisér, ou não aceite nenhuma e mande sempre o

seu amigo e admirador

A. L. dos Santos Valente.

Lisbôa, 2 Junho 1881.

De Silva Pinto

Escritor castiço, original e, às vezes, atrabiliário. A sua obra mais valiosa são dois volumes de Combates e Críticas. *Publicou muitos outros livros, geralmente compilações de artigos críticos, que difundiu por vários periódicos.*

Meu amigo

Fez-me bem a sua carta. É já agora o que há a esperar no fim de tudo, como recompensa e estímulo — a aprovação dos bons espíritos e das consciências fortes. Os obstáculos, não vale a pena falar-se nêles. É caminhar rectamente, sem olhar para os desertores, aliás temos conosco o desânimo.

Esta dinamização de Babilónia está cada vez mais grotesca. Ainda estão no período dos *pretextos,* e é curioso vê-los em busca de um porquê justificativo das infâmias quotidianas, como quem busca a decifração de uma charada.

Hão de atingir a perfeição, devemos crê-lo.

Eu por aqui vou arrastando a vida, já sem grandes sofrimentos, filhos de desenganos, porque estou sempre àlerta, mas crente na utilidade do meu trabalho e nas vantagens da rectidão moral. Solidariedade é que não existe por aqui. Hoje conto mais detidamente ao nosso Magalhães Lima um caso comprovativo disto e de mais ainda. Pode êle narrar-lho, que é curioso.

Quando o seu trabalho lhe dér aso a algumas linhas, dê-me o prazer que me causaram as primeiras. Até lá, disponha deveras de mim, como de um leal amigo e camarada de trabalho.

Silva Pinto.

Lisbôa, 27-IV-73.

—

Meu amigo

Estou aqui, a sustentar, com salpicão e outras matérias peçonhentas para o espírito, o burro que me entrou na alma há uns meses e que leva de vencida o homem (1). Faço a minha aprendizagem de brasileiro, comendador e inimigo das letras, ou aniqùilo-me do descanso final? Aos 33 anos, a miséria e a cólera permanente estorcegaram-me o espírito e o corpo, irremediàvelmente. Como sabe, meu pai faleceu, e eu sou filho único: veio tarde o resultado material da morte daquele homem, — o mais cruel inimigo da minha existência, o desespêro e, para muitos, a *vergonha* dela. Quando êle faleceu, agonizava o pobre de mim, assassinado pelo trabalho, e pela fome que durante oito anos mo remunerou. E' tarde para voltar a mim.

Deixemo-nos * * * * * (2). Eu perdera-o de vista; mas não o perdera de memória. Vim para aqui, sem o visitar, porque me sentia amargurado e incapaz de visitar um amigo sem lhe dar um quinhão de azedume. Escrevo-lhe hoje, para lhe dizer que por êstes 8 dias aí estarei, e então nos veremos e conversaremos.

Saudades do seu

velho amigo e admirador

Silva Pinto.

Portalegre, 8-8-81.

---

(1) Alusão à avultada herança que o sinatário tivera pouco antes, e que êle dissipou em poucos meses.

(2) E' o lugar de uma palavra ilegível.

C. de F.

—

Meu velho e provado amigo

Resumindo:—Eu talvez não torne a sair de casa: não tenho pernas. Mas posso trabalhar para gazetas: tenho a cabeça livre e as *memórias*.

O pão da Correcção (1) não me chega. Os amigos têm morrido ou desaparecido. A neurastenia diz-me: —«Trabalho ou morte!»—E' claro que ninguém é responsável por *isto*; mas vê o meu amigo um *furo*? Se não, vejo eu... que sou demais aqui.

Repito: não lanço responsabilidades ao próximo, menos a um amigo provado.

Seu

Silva Pinto.

Travessa da Palmeira, 25. S. C., 22-XI.

(1) O sinatário era então Director da Casa de Correcção, de Caxias.

C. de F.

De Silveira da Mota

Deputado. Director Geral no Ministério da Justiça. Sócio efectivo da Academia Real das Sciências. Publicou Viagens na Galiza, Quadros Históricos, *etc.*

Meu querido amigo

Participo-lhe com muito contentamento que os seus compêndios estão aprovados pela respectiva Comissão, e que presumìvelmente obterão igual êxito perante o Conselho (2).

A notícia é confidencial, mas já ontem desejei dar-lha. Suponho que pode estar livre de cuidados.

De V. E.
adm.^{or}, am.^{o} e col.^{a} obgd.^{mo}

Silveira da Mota.

8 — Set. — 85.

(1) Conselho Superior de Instrução Pública

C. de F.

De Sílvio Romero

Escritor e crítico brasileiro. Autor de várias obras, como a História da Literatura Brasileira, Ensaios de Sociologia e Literatura, *etc.*
Coleccionou e publicou um Cancioneiro *popular*

Il.mo e Ex.mo Sr. Dr. Cândido de Figueiredo

No *Jornal-do-Comércio* (1) de hoje vem a resposta de V. Ex.a à consulta que lhe foi dirigida por um desastrado *Juca Iletrado.*

Êste indivíduo, quem quér que êle seja, torceu as frases do capítulo final do meu livro, a *América Latina,* desviando de seu genuíno sentido as críticas, por mim ali feitas, ao autor que é o objecto do referido livro.

Envio-lhe êste, para que V. Ex.a por aí leia as páginas em questão e verifique que a consulta lhe foi dirigida de má fé.

De V. Ex.a
at.o adm.or e cr.o

Sílvio Romero.

Rio-de-Janeiro, 21 de Junho de 1907.

---

(1) Do Rio-de-Janeiro.

C. de F.

De Simões Dias

Professor e Deputado. Em verso, publicou a notável colecção de líricas, Peninsulares, *além do* Mundo Interior *e das* Ruínas, *do poema heroi-cómico* A Hóstia de Oiro, *etc. Em prosa, publicou um volume sôbre literatos espanhois,* Espanha Moderna, *vários romances, etc.*

Meu Cândido

Estás melhór? Já te não vejo estas férias? Manda o que quiseres, pois já daqui não saio, visto termos o Outubro à porta.

Agora, uma revelação e um pedido.

Tenho tenção de casar com aquela galante sílfide que te mostrei. Acho aquela estrofe irrepreensível na *fórma* e no *espírito*. É filha do capitão Álvaro e neta materna do célebre Deputado às Côrtes Constituintes de 22. Tem apenas alguns contos de réis para si. Já vês que continúo a sêr S. João da Cruz; o meu ideal é a pobreza. Isto porém é segrêdo, porque não passa de projecto.

O pedido é o seguinte: vê se me arranjas aí uma criada que queira servir-me, pouco devassa e pouco ladra. Basta que saiba cozinhar e ir à fonte. Nisto andarás com a presteza possível, porque no 1.º de Outubro tenho estudantes em casa, meu irmão, etc., e preciso me é têr a tal criada.

Sempre teu,

J. Simões Dias.

Viseu, 25 de Setembro de 72.

De Sousa Viterbo

Professor. Poéta e historiógrafo. Autor do Dicionário dos Arquitectos Portugueses, *de notáveis trabalhos sôbre as antigas artes e indústrias nacionais e de várias memórias históricas e biográficas.*
Publicou, em verso, alguns volumes: Harmonias Fantásticas, Rosas e Nuvens, *etc.*

Il.mo Snr.

Meu poéta. É moço e é poéta; escusado é dizer que é bom. Aí lhe apresento o meu livro, e da sua consciência limpa de fezes espero que me dirá francamente a seu respeito.

Não sei se o meu poêma tem dotes que o façam valer. Aos meus amigos fio êsse trabalho, e creio que me dará solução da parte do empenho que lhe cabe.

Aproveito esta ocasião para lhe dirigir os meus emboras e para lhe pedir o obséquio de me colocar entre os seus mais apreciáveis amigos, se a simpatia do meu nome e dos meus versos lhe pudér oferecer a garantia cabal.

Um apêrto de mão de quem se assina

De V. Ex.a
respeitador e amigo

F. M. de Sousa Viterbo.

Pôrto, Travessa do Rosário, 42. 25-2-70.

Amigo Cândido

Aproveito esta ocasião para te dar as bôas festas e agradecer o teu folheto (1). Não desgosto do episódio, mas nem por isso o julgo uma coisa descomunal. Não posso fazer crítica sincera, porque me faltam os elementos. Eu sou um ignorantão em coisas da Índia; bem quisera sabê-las, mas ou me falta inteligência, ou êsse invejável amor que tu tens ao trabalho, meu digno e ilustre operário.

O Pereira tem estado doente e por isso me pede que apresente o teu novo folhetim (2) ao *Jornal do Comércio*. Estive ontem com o Radich, e êle não pode ainda marcar dia. Nesta época há sempre grande afluência de matéria. Disse-me que fôsse lá segunda-feira.

Não li o teu folhetim e apenas reparei na maneira como o dataste. Se queres que te fale francamente, não gosto daquela graça, que peca por sêr, além disso, uma imitação *castilhiana*. Se me desses licença, cortava o apêndice, que não está em relação com a seriedade do teu carácter. Verdade é que eu não sei se estará em harmonia com o resto do folhetim, que pode sêr mais um artigo de ironia que de crítica. Como não li, não sei. Tu aceitarás esta observação de sincero amigo e decidirás.

Espero enviar-te por êstes dias um folheto, uma *alexandrinada,* que se intitula *A Mulhér de César*.

Bôas festas, bôas férias, e dispõe de quem é

teu sincero e dedicado amigo

S. Viterbo.

---

(1) *Morte de Iaginadata*, episódio do poema épico indiano, o *Ramaiana.*

(2) Referência a uns folhetins, que eu estava publicando no *Jornal do Comércio*, de Lisbôa, em discussão com Vasconcelos-Abreu, a propósito da tradução portuguesa da *Morte de Iaginadata.*

C. de F.

Meu caro Cândido

Fizeste bem em compendiar a tua vida poética, pois assim forneceste uma base segura de apreciação aos que te não conheciam de perto. As tuas *Peregrinações* são tão estimáveis como a de Fernão Mendes Pinto, talvez mais autênticas ainda, posto que faças as tuas viagens nos mundos da fantasia. Têm a verdade do sentimento, traduzida delicadamente numa fórma artística, que tira aos teus versos o carácter de efêmeros e lhes garante a perpètuidade, de que são merecedores.

O teu novo livro não será o derradeiro marco na estrada literária que vitoriòsamente tens percorrido, nem tão pouco o teu testamento poético, segundo dás a entendê-lo. E, se o fôr, não deixarás de juntar-lhe alguns codicilos. A aridez dos estudos lexicográficos não te crestou sequér a frescura da imaginação. O poéta não deleita sòmente, ensina também. Ensina-nos e deleita-nos!

Com as mais calorosas felicitações e agradecimentos, recebe o mais cordial abraço do teu

velho amigo e admirador sincero

Sousa Viterbo.

Bem-fica, 18 de Junho de 1908.

De Teixeira de Queirós

Deputado, Ministro. Notabilizou-se no romance, sob o pseudónimo de Bento Moreno, publicando a Comédia do Campo *e outros volumes.*

Meu caro amigo

Não me recordo de têr pedido qualquér coisa para um Terenas (1). Pedi, é certo, a favor de um telegrafista de Sines, Mendonça Ferreira, mas disso mesmo desisti, quando determinei quebrar as minhas relações com o Bernardino Machado, por causa do modo como êle procedeu para comigo nas coisas do caminho de ferro. Por isso, julgo que houve qualquér equívoco, e só me resta agradecer-lhe a boa vontade com que desejou sêr agradável a um vil rèpublicano (2).

Sempre às suas ordens, como

velho amigo

T. Queirós.

Lisbôa, 24-XII-93.

---

(1) O destinatário desta carta, como secretário do Ministro das Obras Públicas, Bernardino Machado, preguntara a Teixeira de Queirós se tinha empenho num despacho qualquér.

(2) Expressão graciosa de quem, sendo rèpublicano, estava escrevendo ao secretário de um Ministro da Monarquia — Ministro, que ao depois foi Presidente da Rèpública.

C. de F.

Meu querido amigo

Que bela lembrança teve, ao publicar em nova edição as suas melhores poesias ou, antes, das suas poesias as que o seu critério, falível em caso tal, julga melhores, pois todas são primorosas, as que tem publicado! Nós, os que já temos cabelos brancos, não temos futuro: temos um passado de risonhas saudades, que vale bem o porvir dos rapazes. O passado é coisa mais segura e assente, e, quando queremos joeirar em amarguras, achamos sempre delicadas alegrias.

Estou a lêr o que nos dá de excelente nestas suas *Peregrinações* de sentimento, e, antes mesmo de acabar o volume, não resisto ao forte desejo de lhe apertar fraternalmente a mão e agradecer-lhe o belo soneto que me dedica, honrando-me com lembrança tão carinhosa. Esta revivescência de coisas passadas, êste encontro, em cada página, de um nome estimado, de um nome que estimamos, torna duplamente interessante e atractiva a leitura. Encontro nas suas estrofes amigos velhos que me sorriem: são os versos de boa lei e as ideias sempre amorosas da natureza criada e de tudo quanto compõe a vida.

Creia-me sempre

confrade admirador

Teixeira de Queiroz.

Lisboa, 20 de Junho de 1908.

De T. de Vasconcelos

Deputado. Jornalista de primeira ordem. Sócio efectivo da Academia Real das Sciências.
Escritor abalizado, publicou, entre outros romances,
a Ermida de Castromino, Roberto Valença *e o* Prato de Arroz Dôce.
Deixou também um grosso volume sôbre a Historia da Casa de Bragança.

Meu caro poéta. Não me agradeça, que não há motivo para tanto. Eu disse o que sentia, como faço sempre. *Ex abundantia cordis os loquitur.*

Agora duas palavras à cêrca do que me diz na sua estimada carta (1).

Eu teria tomado como restrição à cêrca dos *salões doirados* a palavra *aonde,* como se dissera *aqueles aonde;* mas logo depois vêm os seguintes versos:

e, quando os lustres nos salões se apagam,
pisam na sombra a cruz do teu martírio.

Por êstes apreciei o sentido dos outros. Vejo que não interpretei fielmente o seu pensamento. Folgo de me têr enganado. Assim devia sêr, tendo V. E., como lhe conheço, espírito recto e amigo da justiça.

Não sei se a miséria procede de instituições viciosas. Receio atribuí-la a essa causa, porque serei fatalmente obrigado a ir de causa em causa até ao Criador, que deu a uns inteligência e actividade, elementos de producção pelo trabalho e portanto de riqueza, e a outros estupidez e preguiça, elementos de miséria. Eu creio que a miséria é um facto inevitável, proveniente da ordem geral das coisas humanas, e unicamente susceptível de atenuação. Reparta igualmente todos os

---

(1) O aplaudido escritor e admirável jornalista, que esta carta subscreve, apreciou lisonjeiramente no seu *Jornal da Noite* o *Poêma da Miseria*, de Cândido de Figueiredo, mas notou que a obra se demasiava um pouco em democracia. A êsse reparo respondeu o autor em carta, de que a presente é comentário.

C. de F.

bens da terra. No dia seguinte, haverá logo ricos e pobres.

Eu entendi que, falando-se em tal assunto ao povo português, a não se lhe pintar o seu estado, seria difícil grangear-lhe a atenção e corria-se o risco de lhe dar noções inexactas. Eu sempre fui pobre e já cheguei em duas quadras da minha vida a não têr nada. Não mendiguei, porque me vali do trabalho e encontrei muito quem me ajudasse. Faço bem quando posso, e por isso estou acostumado a tratar com a gente mais pobre.

Vi também a miséria inglesa. Essa é que é horrível. A francesa tem mais socorros. Em Espanha é ofício e benefício.

Sinto não poder conversar mais com V. E. Tenho de sair já. Mas não quis deixar de lhe responder, em prova do aprêço que dou às suas reflexões, nem perder esta ocasião de lhe afirmar de novo quanto me prezo de sêr

De V. E.
amigo, colega e obgd.º cr.º

A. A. Teixeira de Vasconcelos.

Rua da Paz, 7. Lisbôa, 7-V-74.

Ex.mo amigo e colega

Muita satisfação me deram as notícias do nosso bom amigo Garcin de Tassy (1), que eu sempre respeitei e venerei muito, e de quem a minha filha conserva a mais grata recordação, apesar de o têr conhecido na idade de 5 anos e têr hoje 17. Desta memória tão viva poderia deduzir-se que o melhór remédio para mantê-la, são pastilhas de chocolate. Digo-o assim, porque o Sr. Garcin de Tassy, quando ia a minha casa, quasi sempre levava à pequena as tais pastilhas.

Eu também senti não o vêr na minha passagem por Paris. Ficou para o ano, se um e outro formos vivos.

Se V. E. quer dar notícias dessas novas edições das obras do Sr. Garcin de Tassy, mande o artigo, e eu gostòsamente lhe darei publicidade, aliás farei a comemoração pela sua carta.

Eu desejo muita prosperidade ao seu *Cenáculo,* mas não creio em Revista que não seja muito rica empresa, e disposta a perder nos primeiros dois anos. Eu tómo maiór ou menór parte em jornais há 40 anos. Principiei aos 18. Nunca daí tirei vantagem. Só fiz dívidas. Agora é que o *Jornal da Noite* principia a dar-me algum lucro, mas depois de 4 anos. E o tempo que se gasta no jornalismo! E quanto nós mesmos nos gastamos nêle! Em-fim, eu não quero desanimá-lo,

(1) Notável orientalista francês que mantinha assíduas relações comigo, e de quem eu dei notícias a Teixeira de Vasconcelos.

C. de F.

mas, no seu lugar, teria preferido escrever nos jornais dos outros a fundar eu um periódico. Entretanto, é possível que lhe saia bem a empresa. Em todo caso, V. E. poderá perder nessa tentativa. O país ganha com certeza. Eu, quando possa, ajudá-lo-ei, e tomara que fôsse já àmanhan.

De V. E.
amigo, colega afect.º e obgd.º cr.º

A. A. Teixeira de Vasconcelos.

Lisboa, 27-XI-74.

Meu caro amigo e colega

Recebi e agradeço muito a sua carta e a continuação do romance. Ralhei com o revisor, o qual me deu desculpas de revisor e tipógráfo, que são sempre boas. Sei-o por 40 anos de experiência.

As cartas ao Batalha Reis foram necessidade impreterível. Êle pôs o meu carácter literário entre a espada e a parede. Era-me indispensável desagravar-me e ao jornal.

Pois saiba que tive pena. Êle é moço de talento, estudioso, e com todas as condições boas que eu referi na 3.ª carta. Escritor não é. Sendo claro a falar, a escrever perde-se em obscuridades incríveis. É também de grande susceptibilidade e tem muito amor-próprio. São porém mais numerosas as qualidades boas que as más, e por isso custou-me chegar-lhe, andando por aí à solta por êsse mundo tamanho número de patifes, a quem a gente não diz nada.

Ganhei um inimigo para a velhice em que já estou. Paciência! Que podia eu fazer senão o que fiz? Ainda que pareça forte a minha resposta, eu podia, se quisesse, mortificá-lo muito mais. Não quis, porque tenho consideração pelo mérito dêle. Veja que eu até dispensei os jornais, que deram a carta do Batalha Reis, de publicarem as minhas.

Aqui não há novidades, senão as muito justificadas saudades suas, que todos temos. Não é novidade estarmos todos às suas ordens sempre, e mais do que todos eu, como

seu amigo, colega e cr.º obgd.º

A. A. Teixeira de Vasconcelos.

Jornal da Noite, 11 de Março de 1875.

De Tomás Ribeiro

Deputado. Ministro. Director geral da Justiça. Secretário geral do Estado da Índia. Ministro de Portugal no Brasil. Poeta notável, autor dos poemas Dom Jaime, Delfina do Mal *e* Mensageiro de Féz; *da colecção de versos* Sons que passam, *etc.*

Il.^mo amigo e meu esclarecido patrício

Venho agradecer-lhe muitas coisas: primeiro, uma carta que recebi na Índia, quando já preparava a minha bagagem para regressar à pátria. Nela me pedia o meu ilustre amigo artigos para um jornal seu; estão às suas ordens, reclame-os oportunamente; segundo, uma sua obra, em que se demonstra principalmente e sem contestação possível que os poétas são para tudo:

«Não fazem dano as Musas aos Doutores».

Além disto, a sua amizade nunca interrompida e as afectuosas expressões com que sempre me honra.

Duas razões consecutivas têm demorado êste agradecimento, tão devido: em primeiro lugar, constar-me que o meu prezado patrício fôra passar as férias em Lisboa, onde eu não sabia o seu paradeiro; depois a sobreveniência da grave doença que tem tido meu pai às portas da morte.

Estou desculpado.

Trabalhe, meu amigo, trabalhe, sem vaidade, mas sem descoroçoamento. Ninguém primeiro que eu lhe augurou futuros distintos. Êste nosso país, (e nomeadamente a sua aldeia) é terra abençoada para talentos; Cândido de Figueiredo chegará muito para a luz o brasão, aumentado por si, de tão nobres tradições, e eu serei sempre o seu

amigo, admirador convicto e cr.^o obgd.^mo

Tomás Ribeiro.

Parada de Gonta, 17 de Maio de 1872.

Meu prezado Candido

Aí lhe vai hoje um livro das minhas *Jornadas* (1). Da segunda parte, *Entre Palmeiras* tire o que quiser, que já o disse ao nosso amigo Pires, editor.

Acabo de receber a *Penalidade na India* (2). Mil agradecimentos.

A *Indiana* foi-lhe enviada por indicação minha.

Creia que o estimo, como

seu patrício admirador e cr.º obgd.mo

Tomás Ribeiro.

Lisboa, 27-XI-73.

---

(1) Tomás Ribeiro enviava-me o original da obra, de cuja revisão êle me encarregava.

(2) Opúsculo meu sôbre jurisprudência oriental, que eu publiquei, depois de fazer sôbre o assunto uma conferência pública nos salões do Instituto de Coímbra.

C. de F.

Meu prezado Cândido

Peço-lhe que aceite no seu colégio (1), como leccionista de Introdução, o Sr. Domingos Tasso de Figueiredo.

O autor do *Tasso* não póde rejeitar um rapaz com êste nome, sem renegar de parte da sua glória.

Agradeço-lho já.

Seu colega, amigo e patrício

Tomás Ribeiro.

Lisboa, Direcção Geral da Justiça, 10-IX-74.

(1) Referência ao colégio da Conceição, (à Esperança), que eu dirigi algum tempo e que abandonei, porque me não entendia com o proprietário do estabelecimento, Carreira de Melo.

C. de F.

Meu querido poéta e meu amigo

Não sei data nenhuma das minhas diversas nomeações, e só a poderia saber dos Ministérios da Marinha e do Reino; nem quando me fizeram Director Geral da Justiça eu sei, ou quando fui Governador Civil de Bragança. Condecorações, tenho a Comenda de San-Tiago e de Carlos III, e tenho as Gran-Cruzes do Mérito Naval de Espanha, da Corôa de Itália e da Corôa de Siám.

Tenho muitos diplomas literários de todos ou quase todos os Institutos do Brasil, muitos da França, um da Espanha, de uma Sociedade de Barcelona, mas não sei os títulos.

Dêste modo, não posso, ainda que muito deseje, informá-lo.

Já fui eleito pelos círculos de Braga, de Bragança, de Viseu, de Tondela, (três eleições consecutivas), de Lamego, do Sabugal e de Niza.

E nada mais sei dizer-lhe, senão que sou

seu patrício, confrade, amigo e adm.or

Tomás Ribeiro.

1881, 8 de Outubro.

De Trindade Coelho

Magistrado do Ministério Público. Autor do excelente livro Os Meus Amores, *e de outras publicações de vário género.*

Meu caro Cândido de Figueiredo

Mando-lhe isso, que recebi hoje do Moreno (1). Mas êle precisa do original até ao fim do mês. Diz que é para o *Suplemento,* e que breve manda mais, das letras que faltam, principalmente letra *T.*

Bom proveito!

Abraços do

Seu do coração

Trindade Coelho.

---

(1) Subsídios do professor Augusto Moreno para o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.*

C. de F.

Meu Ex.^mo^ Amigo

Muito obrigado pela obsequiosa oferta do seu livro (1). A imprensa está dizendo dele o que deve dizer: que é um livro cheio de espírito e de verdade, moldado num português de lei, tão correcto como elegante.

Perante V. Ex.ª, que é um mestre, mal me fica aventurar juízo, que seria sempre de caloiro. Mas sempre lhe quero dizer que fiz com o seu livro uma experiência:—Deixei-o á mão de uma senhora, e caso é que, três horas depois, estava lido, sem interrupção... Esta é para mim a prova real do valor do seu livro. Por mim, agradeço-lhe a alegria que a sua leitura me deu, e o prazer de consciência, com que vi justamente castigados, por um processo de crítica originalíssimo, homens e costumes desta hora...

Honrado Terramarique!

Renovando os meus agradecimentos, envio-lhe num apêrto de mão a certeza da minha admiração.

Muito afectuoso

Trindade Coelho.

Lisboa, 7 de Abril, 92.

---

(1) *Lisbôa no Ano Três Mil.*

C. de F.

De Teófilo Braga

Poéta, historiador, filósofo e crítico, entre cujos poêmas sobressai a Visão dos Tempos, *e cujos mais extensos trabalhos em prosa se referem à história da literatura portuguesa.*

Ex.mo Sr. Cândido de Figueiredo

Fui em tempo brindado com o livro *Quadros Cambiantes,* tenho acompanhado o seu tirocínio literário e vejo que o meu amigo, apesar de têr eu faltado às fórmulas do agradecimento, continua a honrar-me com as suas distinções.

Recebi pelo correio de Coímbra o folheto impresso em Elvas, intitulado *Generalização da História do Direito Romano,* que muito estimo. O meu amigo compreende a missão do poéta do século XIX, abandona a santa ignorância que os nossos literatos pavoneavam, e quér tomar parte nesta renovação de ideas, que hoje ocupa todas as inteligências. Vai no verdadeiro caminho; a sciência não está em contraposição com o lirismo; pelo contrário, dá-lhe mais profundidade e grandeza moral. Creio que vale a pena sêr grande artista à custa dos infinitos prazeres da inteligência.

É para lhe agradecer o seu brinde e fortalecê-lo no caminho que leva, que tómo a liberdade de escrever-lhe. Onde lhe parecer que falo em tom de pequeno Papa literário, veja apena a lhaneza de amigo que o respeita e deseja os seus progressos. Fica ao seu dispor o seu

amigo obrigado

Teófilo Braga.

Pôrto, 20 de Fevereiro de 1870.
Rua do Almada, n.º 298.

Ex.mo Sr. Cândido de Figueiredo

Vai para três dias que fui mimoseado com o afectuoso brinde da sua última publicação, o poêma *Tasso,* e ainda não agradeci, porque o li na cama; agora é que me acho restabelecido.

O meu amigo, sôbre êste assunto, tinha um terrível adversário, nada menos que Gœthe, que também escreveu a *Morte do Tasso,* uma das suas melhores obras, e escreveu-a no tempo, em que os trabalhos literários modernos não tinham ainda desfeito o ideal ou lenda do poéta de Sorrento. Agora, sabe o meu amigo o que é têr incubado um pensamento longos anos, vêr, de certo dia em deante, que já lhe não pertence e que anda exposto a todas as interpretações, a todos os sarcasmos e, o que é piór, à indiferença de um público sem cultura, e de uma literatura sem ideal nem dignidade, minada e corroída de invejas pequeninas.

As ideas estéticas, que expende no seu prólogo, são verdadeiras; como dogmáticas e inabaláveis, a fórma pessoal, introduzindo o eu nos seus juízos, limita o que é geral a uma mera impressão particular. É um leve defeito exterior, que passa despercebido, e que tómo a liberdade de notá-lo, como reparo de amizade, para futuro.

A parte pròpriamente do poêma é animada, e a fórma dramática era na realidade a que se prestava mais a dizer tudo; porém a união dos versos de redondilha, ou pela sua facilidade ou por terem sempre sido muito empregados na baixa comédia de cordel do nosso

teatro do século XVIII, abrandam o tom épico que exige a acção. Espero da sua inteligência que verá nestas palavras sinceridade de irmão; e para saber o valor do seu trabalho não tem mais do que apreciar a satisfação moral que dêle lhe provém.

Sempre amigo muito obrigado

Teófilo Braga.

Pôrto, 25 de Março de 1870.
Rua do Almada, n.º 298.

Meu caro Cândido de Figueiredo

Além do favôr da remessa do *Cenáculo,* tenho a agradecer-lhe a sua bondosa carta, em que pede a minha insignificante colaboração. O meu amigo pertence à classe dos nossos poucos bons rapazes e por isso, estimando-o desde longos tempos e crendo no muito que póde fazer, é que lhe vou falar com a máxima franqueza.

Não devo escrever no *Cenáculo*, porque aí colaboram indivíduos, com quem nunca me posso encontrar, nem no campo das ideias, nem na harmonia do mútuo respeito. (1) Bem conheço a posição do meu amigo, que precisa abrir o seu caminho na vida, e por isso tem de se dirigir por uma certa linha de complacências e de concessões, para não complicar o seu futuro. Não o censuro, pôsto que eu não tivesse seguido êsse plano, e também lhe declaro que não vale a pena lutar neste nosso pequenino meio. O meu amigo, sem faltar à sua dignidade nem anular o seu futuro, faz bem em sêr tolerante; é uma das fórmas da sua bondade pessoal e uma qualidade que o torna sempre um bom amigo, na extensão da palavra. Eu é que sofri muito para poder romper para deante contra os cábulas sórdidos do nosso microcosmo literário. O meu amigo, colega da Universidade, e como camarada com praça

---

(1) **Referência especial a Castilho, um dos colaboradores da minha revista literária, *Cenáculo.***

C. de F.

do mesmo tempo da literatura, sabe em parte os motivos que me obrigam a faltar-lhe a esta prova de amizade que me pede e que bem lhe desejava dar. Já recusei escrever nas *Artes e Letras* e na *Revista do Ocidente* por motivos idênticos; estou certo que a minha coerência será mais um motivo para merecer a sua amizade, com que me honro.

Creia-me sempre amigo

Teófilo Braga

Pôrto, 18 de Fevereiro de 1875.

Caro amigo

Respondendo à sua estimável carta, em que me consulta à cêrca do concurso para a cadeira de História Universal e Pátria (1), vaga pela morte do Soromenho, tenho a dizer-lhe que nada se sabe por ora sôbre a época, em que a cadeira será posta a concurso. Isso depende de um ofício da Repartição de Instrução Pública ao Conselho do Concurso para organizar o programa, e, em seguida, de uma Portaria, publicada no *Diário do Govêrno,* sessenta dias antes de se fechar a admissão dos requerimentos. Ouvi dizer que o Ávila tenciona demorar essa abertura do concurso, e também ouvi dizer que concorre o Chagas, e mais quatro ou cinco indivíduos, tais como Arriaga, Consiglieri Pedroso e outros. O trabalho das provas é dispendioso, por isso que os documentos custam dinheiro, a dissertação impressa custa dinheiro, e a permanência em Lisbôa (2) custa dinheiro. Vindo o Chagas, é provável que a parte do Júri, que vem da Academia, seja absolutamente por êle. Em todo o caso, estude o amigo o problema das suas probabilidades, e daqui à época

---

(1) Do Curso Superior de Letras, hoje Faculdade de Letras da Universidade de Lisbôa.

(2) O destinatário desta carta residia então na província, em Alcácer do Sal, como Conservador do Registo predial e Advogado nessa comarca.

C. de F.

das provas, que ainda se não supõe quando será, tem tempo de tomar uma resolução definifiva.

Obrigado pela prova de confiança que me confere, e creia-me

sempre amigo obrigado

Teófilo Braga

Lisbôa, 14 de Janeiro de 1878.

De Vilhena Barbosa

Historiógrafo. Sócio efectivo da Academia Real das Sciências.

Ex.^{mo} Sr. e colega

O título de Conde de Val-de-Reis não tem relação alguma com o mòrgado desta família (1). O título foi dado a Nuno de Mendonça por D. Filipe IV, rei de Castela, e 3.º dos que reinaram em Portugal, por Carta de 16 de Agosto de 1628. O mòrgado é instituïção do século XV.

Preciso saber a transformação do mòrgado, que não é de Val-de-Reis. Parece-me que será o mòrgado da Quarteira. Veja V. Ex.ª se me póde responder na volta do correio.

Sou, com muita estima e consideração,

colega afect.º e obgd.º

I. de Vilhena Barbosa.

Ajuda, 29 de Abril, 1879.

---

(1) Em resposta ao destinatário, que, como advogado do Duque de Loulé, precisava certos esclarecimentos sôbre o condado de Val-de-Reis e o mòrgado da Quarteira.
C. de F.

Ex.^{mo} Sr. e colega

Pouco depois de têr mandado para o correio a carta que ontem lhe dirigi, continuando eu as minhas investigações à cêrca dos bens da casa do Conde de Val-de-Reis, vi que o mòrgado da Quarteira é no Algarve. Senti êste descobrimento, porque tinha encontrado interessantes notícias sôbre o referido mòrgado, isto é, relativamente ao modo por que veio à casa dos Condes de Val-de-Reis.

Por em-quanto, tem sido baldadas todas as minhas investigações a respeito dos bens que a mesma casa possue em Val-de-Reis.

Veremos se a denominação do mòrgado, se por ventura a tem, ou a dos principais bens, lança alguma luz nesse escuríssimo assunto.

Am.º e colega afect.º

I. de Vilhena Barbosa.

Ajuda, 30 de Abril de 1879.

Do Visc.de de Benalcanfor

Autor de livros de viagens, como as Cartas do Cairo, *de romances, etc.*

Ex.mo am.o e meu prezado colega

Li agora mesmo uma das mais favorecedoras e obrigantes frases, que muito penhorado lhe agradeço, sabendo quanto elas vão além dos meus limitados méritos, numa notícia a respeito da aposentação do Marreca em meu proveito (1). Pode V. E., como bom e leal amigo, dizer-me donde houve a notícia? Foi de pessôa autorizada pela sua posição política? Julga-a V. E. fundamentada? Sabe de positivo alguma coisa à cêrca da aposentação do Marreca?

Creia que muito e muito me obsequiava, se me dissesse alguma coisa na volta do correio.

Sob palavra de honra, não sei nada que se relacione com isto, que tenha tido corpo nestes últimos 8 dias. Desde já lho agradece o

De V. E.
admirador e amigo

Benalcanfor.

Cascais, 7 de Set., 86.

---

(1) Referência ao notável escritor Oliveira Marreca, director do Arquivo da Tôrre do Tombo.

C. de F.

Do Visc.de de S. de Frias

Poéta e romancista. Em verso, deixou dois volumes. Entre os seus romances, avulta o Senhor de Foios *e* Ersília.
Publicou dois livros de investigações históricas: Pombeiro da Beira *e o* Poéta Garcia *(Brás Garcia de Mascarenhas) ; um livro de viagens :* Viagem ao Amazonas ; *um livro de* Memórias Literárias, *etc.*

Meu amigo

Deixando para a última hora as minhas despedidas, vi-me a braços com impertinências, que me obrigaram a faltar ao meu dever.

Desculpe-me pois.

Há dois dias que estou em Setúbal, com minha irman e filha, a vêr se lhes retempero a saúde com ares e banhos.

A olhar para o Sado, lembrei-me dos *Murmúrios,* desferidos no plectro melancólico de uma alma cismadora pelos dedos da primeira poetisa dêstes sítios (1). E lembrei-me de si, e tive pena, muita pena, e abracei-o de longe em efígie, como ferido, que sou, do mesmo mal (2).

Se quisér dar um passeio até cá, coisa fácil e breve, como sabe, atire-se por aí adeante, a vêr se me quebra a monotonia, que me envolve e cerca.

E adeus.

Beijos às filhinhas e um abraço do

amigo e colega

Frias.

Setúbal, Hotel Escoveiro, 25 de Agosto de 1884.

---

(1) Referência aos *Murmúrios do Sado*, volume de versos da finada espôsa do destinatário da carta, Mariana Angélica de Andrade.
(2) A viuvez.

C. de F.

Meu dilecto amigo

A mercê (1), que lhe juntaram ao nome ilustre, não rasteja sequér pelo mínimo do que lhe é devido, em razão da altura das suas letras, por motivo da sua probidade e trabalho burocráticos, e pela excelência do seu carácter diamantino.

Magoou-me que o *Diário de Notícias* só lhe atribuísse serviços de funcionário público, quando os literários, no meu modo de vêr e sentir, ostentam mór e mais brilhante colorido.

Com as felicitações de minha filha e irman, um caloroso abraço do

admirador e muito amigo

V. de Sanches de Frias.

Pombeiro, 10-X-908.

---

(1) Título da Carta de Conselho, baseada em distintos serviços públicos, havendo-se julgado que era inerente às funções, que o agraciado exercia, de Director Geral dos Negócios da Justiça.

C. de F.

De Zeferino Brandão

General. Romancista, escreveu Pero da Covilhan. *Sôbre impressões de viagem, escreveu um belo livro :* A Bélgica.

—

Meu caro Cândido de Figueiredo

Deus lho pague (1).

Regalaram-me as suas palavras, que são para mim um novo estímulo e tornam cada vez mais insolúvel a minha dívida de gratidão para consigo. Vale a pena escrever livros, quando amigos, como V., os cobrem de aplausos. Nem outras recompensas lembram, porque as não há melhores.

Um apertado abraço do

seu am.º velho e obgd.º

Zeferino Brandão.

---

(1) Agradecimento da *Introdução*, que eu escrevi para o livro de Zeferino Brandão, *A Bélgica*.

C. de F.

NOTA FINAL

As interessantes cartas, que êste volume compreende, poderiam têr sido reproduzidas com a grafia peculiar a cada um dos respectivos autores; mas o interesse, a que êsse facto corresponderia, era apenas o interesse de mera curiosidade, porque ninguém vai estudar hoje ortografia pelos complicados e caóticos processos, que se observavam, antes de vigorar a actual ortografia oficial portuguesa.

Depois, a ortografia não é a língua. São da língua portuguesa as Décadas de Barros e os Lusíadas de Camões, na sua irregular ortografia quinhentista, como é da língua portuguesa a História de Alexandre Herculano, na sua coerente e rigorosa ortografia etimológica, e os poêmas de Castilho, nas suas fórmas discrètamente simplificadas.

Demais, quem aprendesse a escrever com Castilho não escreveria como Herculano; quem aprendesse com Herculano não escreveria como Garrett; quem aprendesse com Garrett não escreveria como Camilo.

Porque a verdade é que, sobretudo no século findo, dificilmente se nos deparariam três escritores notáveis, com grafia identica. A razão capital deste facto é que o sólido conhecimento da morfologia vocabular depende essencialmente de estudos especiais, a que os homens de letras só por excepção se dedicam, e que muitos deles encaram com indiferença, se não depreciativamente, quando se não dá o caso de vermos escritores razoáveis, mas estranhos a noções

filológicas, discretear, e até sentenciar, sôbre matéria ortográfica.

Os mais sensatos, quando alheios a estudos dessa natureza, e não dispostos a enveredar por caminho novo, limitam-se a escrever como lhes apraz, ou como os ensinaram, bem ou mal. E assim é que Teixeira de Vasconcelos, jornalista de primeira ordem, humanista e escritor, deixava a ortografia dos seus escritos ao cuidado dos chefes das tipografias. O talentoso e aplaudido romancista Eça de Queirós confessava:— «Eu sei que em retórica *há um* h, *mas nunca sei onde fica...» — O respeitado escritor Andrade Corvo não escrevia uma página sem uma dúzia de autênticos disparates ortográficos; e no original de uma ou outra das cartas reunidas neste volume há cacografias tão evidentes, que, embora subscritas por escritores de primeira ordem, justificariam a reprovação de um menino em exame de primeira instrução (1).*

Que significa isto? Que as obras dos mestres perduram e brilham, independentemente de sistemas gráficos e até de palpáveis deslizes de fórma; e que nada lucrariamos,— antes pelo contrário,— com a reprodução fiel dos preciosos originais que respeitòsamente guardo no meu arquivo.

Desde que temos ortografia oficial, justificada e generalizada, não haverá dúvida sôbre a vantagem de se haver mantido na reprodução das cartas deste volume a uniformidade ortográfica, consoante as praxes oficiais.

Os próprios autores, se eu pudesse consultá-los, não opinariam diversamente.

C. de F.

---

(1) Com intuitos análogos, me referi já a êstes factos, num discurso que está impresso e que pronunciei em 19 de Maio de 1923, em sessão da Academia das Sciências de Lisboa.

ÍNDICE

Pag.